

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

VANELY ANDRESSA DA SILVA

JUVENTUDE E SUAS PRÁTICAS DE LAZER NA
CIDADE DE MATIAS BARBOSA - MG

JUIZ DE FORA

2022

VANELY ANDRESSA DA SILVA

JUVENTUDE E SUAS PRÁTICAS DE LAZER NA
CIDADE DE MATIAS BARBOSA - MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.
Área de concentração: Dinâmicas socioespaciais.

Orientadora: Profa. Dra. Clarice Cassab

JUIZ DE FORA

2022

Silva, Vanely Andressa da.

JUVENTUDE E SUAS PRÁTICAS DE LAZER NA CIDADE DE
MATIAS BARBOSA- MG / Vanely Andressa da Silva. -- 2022.

117 p.

Orientador: Clarice Cassab

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de
Pós-Graduação em Geografia, 2022.

1. Juventude. 2. Lazer. 3. Sociabilidade. I. Cassab, Clarice ,
orient. II. Título.

Vanely Andressa da Silva

JUVENTUDE E SUAS PRÁTICAS DE LAZER NA
CIDADE DE MATIAS BARBOSA- MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmicas socioespaciais.

Aprovada em 29 de Setembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Clarice Cassab- Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Doutor Wagner Barbosa Batella
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Doutor Mário Pires Simão
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Dedico esta dissertação à minha mãe Verônica, por todo amor e apoio, e a todos aqueles que vislumbram as potencialidades existentes no espaço geográfico, e lutam por cidades cada vez mais inclusivas, diversas e democráticas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que estiveram ao meu lado ao longo da escrita desta dissertação, por todos aqueles que não me permitiram desistir, e reafirmaram diariamente a minha capacidade em concluir esta etapa com êxito.

Agradeço a todos os Orixás, que me apararam espiritualmente e fisicamente, me dando força e proteção em um momento social conturbado, repleto de desafios e incertezas.

Agradeço à minha mãe Verônica, que sempre foi o meu porto seguro em todos os aspectos da vida, fazendo sempre o possível para que a minha jornada fosse mais leve e feliz. Agradeço à minha irmã Vanessa, ao meu cunhado Vinícius e ao meu sobrinho Miguel por todo amor e cuidado.

Agradeço ao meu companheiro Davi, por estar ao meu lado nos momentos mais conturbados, me oferecendo o máximo de companheirismo e incentivo, principalmente através do “Bora Vanely, termina logo esse mestrado”.

Agradeço aos meus amigos da Geografia, que compartilharam experiências, risadas e principalmente desespero aos prazos. Dentre o pessoal da geografia gostaria de fazer um agradecimento especial à Vanessa Quaquio, por sempre estar ao meu lado nessa empreitada, da geografia e da vida, obrigada por tanto minha amiga!

Agradeço à minha orientadora Clarice Cassab por todo apoio, orientação, e principalmente paciência, por não ter largado a minha mão, e não permitir que eu desistisse. Agradeço também aos professores membros da banca Mário e Wagner, por toda ajuda, compreensão e disponibilidade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à cidade de Matias Barbosa e seus jovens, que tornaram a realização dessa pesquisa possível.

O direito à cidade é muito mais do que a liberdade individual para acessar recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos mudando a cidade [...] A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos (HARVEY, 2012, p.74).

RESUMO

Este trabalho aborda a relação do jovem com a cidade, centrando-se na compreensão das espacialidades estabelecidas pelos jovens moradores de uma cidade pequena na busca pelo lazer. Procuramos compreender de que forma viver em uma cidade pequena condiciona as experiências dos jovens e suas espacialidades relacionadas ao lazer, identificando a maneira que os jovens se organizam para produzir seu próprio lazer, criando novos tipos de sociabilidades e novas territorialidades, que impulsionam novas espacialidades desses sujeitos no espaço urbano. Iniciamos nosso processo de análise através do aprofundamento bibliográfico referente às categorias centrais da pesquisa, apontando as principais linhas epistemológicas que tratam os conceitos de juventude e lazer. Apresentamos as principais conceitualizações de juventude, dando ênfase nas abordagens sociológicas, e na evolução do conceito, que culminou no reconhecimento de sua pluralidade e na identificação de diferentes fatores que condicionam a experiência juvenil, com destaque para os fatores socioespaciais e seus desdobramentos. Apresentamos também as diferentes concepções do conceito de lazer ao longo da história, evidenciando a sua importância para o pleno desenvolvimento social dos jovens, e as diversas dinâmicas socioespaciais contidas nas práticas de lazer e de sociabilidades, que contribuem para a construção de um espaço urbano inclusivo, capaz de produzir cidadania e dignidade para a população jovem. O processo metodológico se deu através de revisão bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa de campo e pesquisa de levantamento realizada através de entrevistas estruturadas e semiestruturadas. A partir disso identificamos os principais espaços de lazer e sociabilidades experimentados pela juventude da cidade de Matias Barbosa, enfatizando os processos socioespaciais que influenciam nas experiências juvenis vivenciadas na cidade.

Palavras-chave: Juventude. Lazer. Sociabilidade. Matias Barbosa.

ABSTRACT

This work addresses the relationship between young people and the city, focusing on understanding the spatialities established by young residents of a small town in the ir understand how living in a small town conditions young p search for leisure. We seek to eople's experiences and their leisure srelated spatialities, identifying the way they organize themselves to fabricate their own leisure, by creating new types of ociabilities and new territorialities, which drive new spatialities for these subjects in the urban space. We started our analysis process through a deep bibliographic dive into the central categories of the research, pointing out the main epistemological approaches that deal with the concepts of youth and leisure. We present the main conceptualiz ations of youth, emphasizing sociological approaches, and the evolution of the concept, which culminated in the recognition of its plurality and the identification of different factors that condition the youth experience, with emphasis on sociospatial fac tors and its ramifications. We also present the different conceptions of leisure throughout history, highlighting its importance for the full social development of young people, and the different sociospatial dynamics contained in leisure and sociabilitie s, which contribute to the making of an inclusive urban space, one capable of producing citizenship and dignity for the young population. The methodological process took place through bibliographic review, documentary research, field research, and a survey through structured and semicarried out structured interviews. From that, we identified the main spaces of leisure spatial processes that and sociability experienced by the youth in the city of Matias Barbosa (Minas Gerais, Brazil), emphasizing the socio influence the youth experiences in the city.

Keywords: Youth. Leisure. Sociability. Matias Barbosa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Gráfico Juventude: Fatores Proximidade.....	28
Figura 2 - Gráfico Juventude: Fatores de Distinção.....	29
Figura 3 - Gráfico Tipologia Pequenos Municípios Mineiros.....	47
Figura 4 - Mapa cidades pequenas mineiras e sua classificação.....	48
Figura 5 - Mapa Localização Geográfica Matias Barbosa.....	51
Figura 6 - Imagem Trem Xangai. Trecho Benfica- Matias Barbosa.....	54
Figura 7 - Gráfico Distribuição do PIB por setores.....	56
Figura 8 - Mapa Arranjo Populacional Juiz de Fora/MG.....	61
Figura 9 -Imagem Paisagem área rural de Matias Barbosa.....	63
Figura 10- Imagem Paisagem de Matias Barbosa.....	64
Figura 11 - Mapa de Drenagem Matias Barbosa	66
Figura 12 - Imagem Igreja Matriz e Capela do Rosário	68
Figura 13 - Gráfico Evolução das Pirâmides Etárias do Município de Matias Barbosa.....	69
Figura 14 - Gráfico Bairros representados	74
Figura 15: Mapa de Espacialização dos Bairros de Matias Barbosa.....	75
Figura 16 - Gráfico Quantidade de pessoas que moram com os entrevistados.....	77
Figura 17 - Gráfico Renda Familiar Mensal	79
Figura 18- Gráfico Escolaridade Familiar	80
Figura 19 - Gráfico Relação com o trabalho.....	85
Figura 20 - Gráfico Principais Atividades de Lazer Durante a Pandemia.....	89
Figura 21- Gráfico Principais Atividades de lazer.....	91
Figura 22 - Imagem Desfile do bloco quem não é não se mistura.....	93
Figura 23 - Imagem Final do 1º Torneio de Queimada	93
Figura 24 - Imagem 1º Torneio Minas no Futevôlei	96
Figura 25 - Gráfico Fatores que limitam o acesso ao lazer.....	99

Figura 26 - Imagem Praça Peter Birkeland.....	100
Figura 27 - Imagem Resenha da Penha.....	102
Figura 28 - Piscina Pública Associação Atlética Matiense.....	103
Figura 29 - Mapa Vivencial dos principais espaços de lazer ocupados pelos jovens matienses.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Ranking Região Imediata de Juiz de Fora, PIB e PIB per capita...	56
Tabela 2	– Ranking Região Imediata de Juiz de Fora, IDHM	58
Tabela 3	– Perfil dos Entrevistados	72

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAM	Associação Atlética Matiense
COVID 19	Doença do coronavírus
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
OMS	Organização Mundial de Saúde
PIB	Produto Interno Bruto
PMMB	Prefeitura Municipal de Matias Barbosa
REGIC	Regiões de Influência das Cidades
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CMMB	Câmara Municipal de Matias Barbosa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	JUVENTUDE: UM CONCEITO, DIVERSOS CAMINHOS	22
2.1	DE JUVENTUDE A JUVENTUDE(S)	27
2.2	JUVENTUDE E ESPACIALIDADE: UM OLHAR GEOGRÁFICO PARA ESSE CONCEITO	30
3	LAZER E JUVENTUDE	34
4	CIDADES PEQUENAS: CONCEITO E CONSIDERAÇÕES.....	40
4.1	MINAS GERAIS E AS CIDADES PEQUENAS.....	46
4.2	A CIDADE DE MATIAS BARBOSA.....	49
5	JUVENTUDE MATIENSE: APRESENTANDO NOSSOS SUJEITOS.....	71
5.1	ELES POR ELES.....	71
5.2	ELES E O LAZER	84
6	TERRITORIALIDADES DO LAZER JUVENIL EM MATIAS BARBOSA	98
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE A- INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA.....	115
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	118

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por objetivo analisar a relação do jovem com a cidade, centrando-se na compreensão das espacialidades estabelecidas pelos jovens moradores de uma cidade pequena em sua busca pelo lazer. Procuramos compreender de que forma viver em uma cidade pequena condiciona as experiências dos jovens e suas espacialidades relacionadas ao lazer, identificando os espaços criados e ocupados por eles para o desenvolvimento do lazer, evidenciando as relações e desdobramentos socioespaciais presentes nesse contexto.

O conceito de juventude é bastante debatido por diversas áreas do saber, destacando-se a sociologia, a psicologia, a história e até mesmo a medicina. Inicialmente todas essas abordagens voltaram-se para decifrar ou estipular os limites etários e os comportamentos que caracterizariam o sujeito jovem. A partir de meados do século XX tais estudos tornaram-se mais amplos, e dedicados a compreender as especificidades da categoria juventude, bem como as práticas e temporalidades do sujeito jovem (GUIMARÃES, 2008).

Nesse mesmo contexto de ampliação das análises acerca da juventude, considerou-se também a necessidade de entendê-los através de suas relações com o espaço geográfico, buscando decifrar elementos espaciais que contribuem e/ou influenciam para que a experiência juvenil seja vivenciada de maneira diversa pelos sujeitos. Tais esforços foram essenciais para que o conceito de juventude fosse dilatado, acrescentando-se mais uma perspectiva aos estudos voltados à juventude, passando assim a considerar o jovem como uma construção social, histórica e também espacial (CASSAB, 2009 e PAULA, 2016).

Para a compreensão da espacialidade juvenil abordaremos as atividades nas quais o sujeito possua certo grau de autonomia, e esteja distanciado do extenso rol de funções diárias que estão relacionadas majoritariamente à obrigações sociais, como trabalho, estudo, e afazeres domésticos. Por essa razão escolhemos o lazer para guiar nossas análises acerca da espacialidade dos jovens de Matias Barbosa - MG, por ser um

tema diretamente ligado aos momentos em que usufruem de seu tempo livre, distantes de obrigações institucionais, e aproveitando de certa liberdade comportamental. Pires (2016) destaca que é principalmente nos tempos livres e de lazer que os jovens constroem suas identidades coletivas e individuais, produzem suas sociabilidades, e ressignificam espaços e produtos culturais. Sendo assim, a relação da juventude e do lazer é indiscutível.

O enfoque dessa pesquisa será, portanto, o da compreensão da relação entre os jovens, suas práticas de lazer e as formas de uso e apropriação que se dão no espaço de uma cidade pequena. Para isso, pensaremos a juventude como uma construção social, histórica e espacial, que deve ser expressada no plural para enfatizar as diversidades de juventudes que podem ser analisadas, ou seja, grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na sociedade.

Assim como o conceito de juventude, o de lazer não é unânime, há grandes variações das concepções do que é o lazer, e principalmente grandes divergências acerca de sua finalidade e importância para o bem estar das pessoas.

Nesta pesquisa, para além das questões socioeconômicas referentes ao acesso de jovens aos locais de lazer, também serão considerados os significados do lazer para a formação social e cultural desses jovens, o que implica na necessidade de se compreender a subjetividade das experiências de cada sujeito.

A escolha pela cidade de Matias Barbosa se justifica pela necessidade de ampliar o entendimento dessa relação a partir da escala das cidades pequenas. São muitos os estudos que focam nas sociabilidades de jovens residentes em grandes centros urbanos, trazer para a análise estes processos em uma cidade de pequeno porte poderá enriquecer ainda mais o debate e dar visibilidade para esses sujeitos jovens que habitam cidades pequenas e que possuem maneiras diferenciadas de viver sua juventude e ocupar o espaço urbano.

Além das questões que envolvem a sociabilidade juvenil, os estudos acerca dos espaços de lazer são de suma importância social, já que transpassam os direitos básicos de todos os cidadãos, e nesse caso em especial os da população jovem. Os contrastes socioeconômicos presentes em nossa sociedade se aprofundam no acesso de jovens ao lazer, pois muitos que ainda não estão inseridos no mercado de trabalho, e possuem renda familiar baixa, o que culmina em um distanciamento social e cultural de espaços voltados a qualquer tipo de lazer.

Essa realidade torna a implementação de políticas públicas voltadas para o lazer uma medida urgente, já que a principal forma da população mais pobre ter acesso ao lazer é por meio de intervenções do poder público. No entanto observamos que em muitos casos essas políticas são colocadas em segundo plano se comparadas a políticas públicas voltadas à educação e à saúde, por exemplo, nos levando a entender que para as autoridades exista uma hierarquização dos direitos civis.

Entendemos que esse trabalho tem a contribuir na diversificação dos estudos sobre juventude, destacando o sujeito jovem residente de pequenas cidades e suas particularidades, reforçando ainda mais a perspectiva de pluralidade que envolve esse conceito e os sujeitos que o compõem. Além disso, buscaremos evidenciar a importância do lazer para o pleno desenvolvimento social dos jovens, e o dever do poder público em garantir o lazer e o acesso à cultura a crianças e adolescentes, tornando viável o direito à cidade por parte desses jovens, estabelecendo relações sólidas de pertencimento entre eles e a cidade, ampliando suas possibilidades de apropriação do espaço.

Organizamos nosso texto em dois grandes blocos, o primeiro voltado à discussão dos conceitos centrais de nossas análises, como o conceito de juventude, sua trajetória epistemológica, a relação entre esse conceito e a Ciência Geográfica. Também abordaremos nesse primeiro bloco o conceito de lazer, com um breve histórico contendo apontamentos teóricos e legais no Brasil e no mundo, fazendo um paralelo para o cruzamento desses dois conceitos, discutindo o lazer voltado para os jovens e os principais tipos de sociabilidades que usufruem. O conceito de cidade pequena também será abordado, trazendo as principais características desta categoria de cidade, e sua importância em especial para o Estado de Minas Gerais. O segundo bloco será voltado para a apresentação dos sujeitos que participaram desta pesquisa, suas principais características e modos de vivenciar a juventude, o espaço geográfico e de acessarem ao lazer.

O estudo do sujeito jovem e suas maneiras de vivenciar sua condição juvenil através de suas práticas de lazer são aspectos centrais de nossas análises, juntamente com o propósito de destacar as origens e linhas epistemológicas que abordam as principais categorias da pesquisa.

Para realização da pesquisa fez-se necessária à adoção de diferentes procedimentos, que objetivam traçar um perfil social e geográfico da área de estudo e

dos sujeitos da pesquisa, facilitando a compreensão dos processos e fenômenos sociais e espaciais que mediam a relação entre os espaços de lazer e a juventude.

Em decorrência da política de distanciamento social, implementada no Brasil como forma de enfrentamento à Pandemia Covid-19 adotamos algumas estratégias que garantissem a segurança pessoal da equipe de pesquisa, seguindo as orientações da OMS para prevenção da Covid-19. Por isso elaboramos um planejamento metodológico que levou em conta a necessidade do distanciamento social, e que pudesse ser realizado de maneira segura para a equipe de pesquisa e para os jovens participantes.

Optamos pela utilização de duas propostas de pesquisa, a qualitativa e a quantitativa, por acreditar que ambas poderiam contribuir para a obtenção de dados em diferentes momentos da pesquisa. A abordagem qualitativa contribuiu para a compreensão de dados impossíveis de serem quantificados numericamente, permitindo a análise da dinâmica das relações sociais e espaciais contidas nos fenômenos analisados, tendo em vista que a pesquisa qualitativa tem como principal característica a “objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local de determinado fenômeno” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Já a abordagem quantitativa utiliza a linguagem matemática para a análise de um fenômeno, e sua utilização contribuiu para análise de dados primários de pesquisas estatísticas referentes à população de Matias Barbosa e sua situação social e econômica diante da realidade nacional. Fonseca (2002, p. 20) salienta que a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente, enriquecendo as análises dos dados e aprimorando o resultado das pesquisas.

Para a definição dos sujeitos que contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa a partir de entrevistas semiestruturadas e estruturadas, utilizamos os seguintes critérios: (i) jovens com idade entre 15 e 29 anos, (ii) jovens que concordassem em responder as perguntas, (iii) jovens que residem na cidade de Matias Barbosa- MG. Destacamos que toda a amostra de sujeitos foi selecionada de maneira não probabilística, através da escolha intencional dada pela autora.

Diferentes metodologias foram adotadas ao longo da execução da pesquisa, com o objetivo de traçar um perfil social e geográfico da área de estudo e do grupo alvo da pesquisa, e que facilitasse a compreensão dos processos e fenômenos sociais e espaciais

que mediam a relação do espaço de lazer e a juventude. Os dados foram coletados através dos procedimentos de entrevistas estruturadas e de entrevistas semiestruturadas.

A primeira metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Realizamos um levantamento de materiais relacionados aos temas centrais da pesquisa, como espaços de lazer em linhas gerais, espaços públicos e suas funcionalidades, espaços de lazer voltados para a juventude, legislação e direito ao lazer. Essa etapa foi elaborada majoritariamente de maneira remota, priorizando materiais disponíveis por meios eletrônicos como livros, publicações periódicas (jornais e revistas), e documentos eletrônicos.

A pesquisa documental é uma ferramenta que recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico (FONSECA, 2002, p.32) e foi executada através do levantamento documental utilizando livros, leis, artigos e periódicos de pesquisadores na área, que estudam e analisam essa temática diante diferentes aspectos geográficos e sociais. O levantamento desses dados viabilizou a elaboração de um estudo geográfico detalhado da área delimitada, enriquecendo a abrangência das análises socioespaciais daquele espaço.

Durante boa parte do desenvolvimento dessa pesquisa, em função da política de distanciamento social, os espaços destinados oficialmente ao lazer não estavam sendo utilizados para essa finalidade, e por isso a pesquisa de campo foi realizada exclusivamente para reconhecimento dos espaços citados pelos entrevistados como espaços onde costumavam exercer o seu lazer antes da pandemia.

A pesquisa de levantamento nos permitiu a coleta de dados do grupo alvo através de entrevistas estruturadas (APÊNDICE 1) e entrevistas semiestruturadas. Essa etapa foi decisiva para entendermos questões centrais, como por exemplo, como é o acesso dos jovens aos espaços de lazer, como se organizam e quais são as relações que os mesmos desenvolvem com aqueles espaços.

O questionário utilizado nas entrevistas estruturadas foi elaborado com uma estrutura básica de conteúdos interligados a aspectos demográficos do grupo, visando traçar um perfil social desses indivíduos. Para isso abordamos temas como: idade, sexo, família, escolaridade, moradia, trabalho, e atividades em tempo livre. Além disso, buscamos entender através das entrevistas as dinâmicas das relações que os jovens estabelecem com a cidade que habitam, em especial com os espaços de lazer e as

dinâmicas socioespaciais que se articulam. Todas as entrevistas estruturadas foram respondidas virtualmente através do preenchimento de um formulário eletrônico.

As entrevistas semiestruturadas trataram os temas da proposta principal da pesquisa, inserindo tais temáticas a conversas acerca dos espaços de lazer que esses jovens usufruem. Dentre os principais temas abordados estão: os espaços da cidade ocupados através do lazer, a importância que esses jovens enxergam no lazer, e as novas possibilidades de lazer que podemos vislumbrar nessa comunidade. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas através de reuniões online e presencialmente, respeitando a preferência dos entrevistados e recomendações de saúde pública.

Pensando em estratégias que respeitassem as medidas sociais e de saúde pública recomendadas pela Organização Mundial de Saúde, adotamos alguns protocolos de segurança durante as entrevistas presenciais: (i) utilização de antisséptico à base de álcool 70% (setenta por cento) para higienização das mãos, (ii) obrigatoriedade do uso de máscaras durante todo o período de entrevista, (iii) distanciamento mínimo de segurança de 1,5m (um metro e cinquenta centímetros) entre a equipe de pesquisa e o entrevistado. Como garantia do anonimato e possível diminuição do desconforto por parte dos participantes, as entrevistas presenciais foram feitas em espaços sugeridos pelos próprios entrevistados.

As informações coletadas ao longo das entrevistas estruturadas e semiestruturadas viabilizaram a produção do mapa vivencial relacionado ao lazer dos jovens em Matias Barbosa. A produção de mapas vivenciais corresponde à construção de mapas através dos relatos dos jovens da pesquisa, destacando os espaços onde mais transitam e experimentam para o desenvolvimento do lazer. Essa atividade delega certo protagonismo aos sujeitos, frente ao mundo e suas representações.

Os dados referentes à pesquisa documental foram analisados através do método conhecido como “Análise estatística dos dados”, que se dá pelo processamento de dados, e posteriormente a representação dos mesmos através de tabelas, gráficos e interpretação das informações contidas.

A mensuração dos dados foi realizada através de escalas nominais ou classificadoras, onde os números ou outros símbolos são usados para classificar objetos ou pessoas, ou características de ambos, ou para identificar os grupos a que vários objetos ou pessoas pertencem (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p.82).

Já os dados resultantes da pesquisa de levantamento foram analisados através do método de “Análise de conteúdo”, uma técnica de pesquisa que se inicia pela leitura do

material adquirido na fala dos entrevistados, realizada a partir da transcrição de entrevistas, depoimentos e documentos. O método de análise possui algumas modalidades, e para essa pesquisa em questão utilizamos a análise temática, considerada a mais apropriada para as investigações qualitativas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p.84).

Seguimos as etapas operacionais destacadas por Minayo (2007), que são: (i) Pré-análise: Procedimento de organização das leituras e de todo material explorado. (ii) Exploração do Material: Etapa de codificação do material adquirido, onde é realizado um recorte do texto, são aplicadas regras de contagem e por último classificam-se e agregam-se os dados a partir de categorias teóricas e empíricas. (iii) Tratamento dos resultados: Momento que são trabalhados os dados brutos da pesquisa, de maneira a dar destaque para as informações obtidas e em seguida é realizada uma interpretação do quadro apresentado. (MINAYO 2007, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p.84).

A classificação de risco da pesquisa enquadra-se na categoria “Mínima”, pois os possíveis riscos estão atrelados à exposição dos jovens através das entrevistas, porém garantimos o sigilo sobre a identificação dos participantes, o anonimato das informações adquiridas e a interrupção ou cancelamento das entrevistas caso fosse necessário. Além disso, utilizamos codinomes como “entrevistado nº1” e “entrevistado nº 2” quando foi necessário citar informações das entrevistas, com o objetivo de prezar pelo anonimato dos entrevistados. Asseguramos a todos os participantes ao final do estudo, por parte da pesquisadora, acesso gratuito e por tempo indeterminado aos resultados desta pesquisa.

Confiamos na relevância desta pesquisa no sentido de que a mesma busca dar visibilidade aos jovens como grupo social dotado de particularidades, e pretendemos apresentar tais particularidades a partir de suas próprias vivências, e maneiras de experimentar a cidade, destacando a importância do lazer para o pleno desenvolvimento social dos jovens e evidenciando as diversas dinâmicas socioespaciais contidas nas práticas de lazer e de sociabilidades, que contribuem para a construção de um espaço urbano inclusivo, capaz de produzir cidadania e dignidade para a população jovem.

Esperamos que esse estudo possa colaborar para compreensão da realidade da população jovem da cidade de Matias Barbosa, e possibilite a realização de apontamentos que visem o aprimoramento de políticas públicas relacionadas ao lazer e à democratização do espaço urbano, que considerem as necessidades das juventudes que habitam e produzem o espaço urbano na escala da cidade pequena.

2 JUVENTUDE: UM CONCEITO, DIVERSOS CAMINHOS

Se fizermos uma busca simples sobre o termo “juventude” encontraremos diferentes definições. Dentre as mais recorrentes estão: “período de vida que normalmente ocorre entre a infância e a idade adulta”, “forma imatura de um ser vivo”, “idade moça, mocidade, adolescência e juventa” (DICIO, 2020). Tais definições se baseiam em ideias originárias do senso comum, da publicidade e outros campos de conhecimento, e apesar de não serem consideradas incorretas são resultantes de análises superficiais, que não contemplam as diversas facetas do conceito.

O estudo da temática juventude pode ser realizado por diferentes grupos de pesquisadores, como juristas, sociólogos, antropólogos, médicos, biólogos, historiadores, geógrafos e etc. Cada um destes grupos possui pelo menos uma conceitualização diferente para o termo juventude, e utilizam-se de critérios e parâmetros distintos. Por isso muitos estudiosos do tema defendem que dificilmente existirá um consenso acerca desse termo, devido às muitas maneiras de se entender e principalmente de se vivenciar a juventude.

Um dos critérios mais utilizados para se conceituar jovens e juventude é através da idade, considera-se jovem aquele indivíduo que está numa determinada faixa etária, que varia de acordo com o país, com a legislação ou instituição. Em 1985 na Assembleia Geral das Nações Unidas, a Organização das Nações Unidas (ONU) passou a considerar como jovem o grupo de pessoas com idade entre 15 e 24 anos, essa faixa etária foi unânime entre os países membros da ONU durante muito tempo, mesmo diante de muitas críticas. Com o passar dos anos percebeu-se que as particularidades de cada país influenciavam na idade limite da juventude, e com o desenvolvimento da sociedade moderna essa idade limite aumentava. Com isso alguns países como o Brasil e membros da União Européia estenderam a idade limite para 29 anos (CASTRO;ABROMOVAY. 2004).

O Brasil foi um dos últimos países da Organização Ibero-Americana da Juventude (oficializada em 1994) a criar sua Política Nacional da Juventude através do Estatuto da

Juventude, que foi sancionado em agosto de 2013. O estatuto é um marco de vitória para a juventude, pois através dele os jovens brasileiros passaram a ser legitimados como sujeitos de direitos universais e específicos. De acordo com o documento, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade.

Diz o texto:

Aos adolescentes com idade entre 15(quinze) e 18 dezoito) anos aplica-se a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 –Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente (BRASIL, Lei nº 12.852/2013).

Alguns órgãos oficiais de pesquisa adotam uma maior estratificação etária, dividindo juventude em três subconjuntos: jovens-adolescentes, de 15 a 17 anos; jovens-jovens, de 18 a 24 anos; e jovens-adultos, de 25 a 29 anos. Apesar das muitas críticas referentes ao seu cunho arbitrário, a estratificação etária ainda é muito utilizada para se conceituar a juventude, por ser considerada uma análise facilitadora e eficaz para diversos processos, principalmente a criação e aplicação de políticas públicas voltadas para a juventude.

Se perante as leis internacionais não existe unanimidade sobre a concepção de juventude, dentro do meio acadêmico essas divergências são ainda mais amplas. Ultrapassam a mera questão da idade de início e fim da juventude e entram por percursos mais complexos como a construção social e histórica desse termo e os principais fatores que o determinam.

Uma das ciências precursoras em pensar o conceito de juventude e suas peculiaridades é a Sociologia, que se aprofundou tanto nessa temática que fundou uma linha de pesquisa inteiramente voltada para ela, a Sociologia da Juventude. Essa linha possui duas correntes principais: a corrente classista e a corrente geracional.

Na corrente geracional a juventude é compreendida como um conjunto social, constituído por indivíduos que estejam vivenciando uma “fase da vida”, definida por faixas etárias. Essa corrente buscava explicar a juventude através da “análise de aspectos unitários e homogêneos desse grupo, e consideravam as descontinuidades intergeracionais como a base da formação da juventude como uma geração social” (PAIS, 1990, p.152).

As pesquisas decorrentes da corrente geracional impulsionam o aprofundamento de diversos conceitos, em especial o conceito de geração, que foi subdividido em três vertentes: geração biológica, geração demográfica e geração social. A geração biológica

seria o “intervalo de tempo que abrange o número médio de anos que decorrem entre um certo ano é aquele em que nascem os filhos dos indivíduos”, a geração demográfica seria o grupo de indivíduos com a mesma faixa etária, e a geração social seria algo mais complexo, pois sua formação se consolidaria através das descontinuidades intergeracionais, ou seja, “cada geração social só fica determinada mediante uma auto-referência a outras gerações (das quais se vê distinta)” (PAIS, 1990, p.152).

Alguns autores afirmam que a geração não é um grupo social concreto e sim uma situação social. Para Groppo (2015, p;6), essa situação social que define a geração, estabelece uma gama mais ou menos restrita de experiências sociais em comum àqueles indivíduos e encaminha-nos a certo tipo de ação social. Também nessa perspectiva, Pais (1990) reconhece a dificuldade de se englobar em uma mesma geração ou em um mesmo grupo, indivíduos com vivências sociais diversificadas, expostos a influências distintas, que variam de acordo com a classe social, grupo ideológico ou grupo profissional que pertençam (PAIS, 1990, p.152).

Se para a corrente geracional a análise da juventude é realizada através dos estudos intergeracionais, para a corrente classista, ela é fundamentada na reprodução das classes sociais. Nesse sentido, a juventude é considerada com conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencas de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc (PAIS, 1990, p.152).

Sendo assim, a transição da juventude para a vida adulta estaria pautada na questão do mercado de trabalho, onde sujeitos pobres eram inseridos cada vez mais cedo, enquanto sujeitos de maiores rendas teriam o direito a viver a chamada moratória social. Essa moratória social seria o tempo para se experimentar de fato a juventude. Portanto de acordo com a corrente classista, viver a juventude estaria muito mais atrelado à classe social, do que à faixa etária.

Essas duas correntes divergiam em vários aspectos, além do conceito em si a maneira de tratar alguns aspectos relacionados à juventude também eram distintos. Pais (1990) aponta que um dos principais pontos de discordância dessas correntes estava atrelado ao conceito de cultura juvenil. Na corrente geracional as culturas juvenis são referidas a “relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas”, o que culminaria em diferentes tipos de “descontinuidades intergeracionais”. Enquanto que para a corrente classista elas são consideradas culturas de resistência à cultura da classe dominante. Comportamentos como o “cabelo à punk”, os “lábios pintados de roxo”, os

“medalhões” ou os “remendos nas calças” signos da cultura juvenil utilizados para desafiar os “consensos dominantes”, isto é, a ideologia dominante, das classes dominantes (PAIS, 1990, p.158).

Outro impasse entre as duas correntes está relacionado à abordagem dada aos “comportamentos desviantes dos jovens”. A corrente classista considera que tais comportamentos são consequências de um conflito de classes, ou seja, um efeito de resistência aos valores da classe dominante. Seriam efeitos das contradições ideológicas entre as “ideologias operárias” das quais a maior parte dos jovens fazem parte, e as “novas ideologias consumistas”(PAIS, 1990, p.157).

Já para a corrente geracional, comportamentos desviantes daqueles considerados "aceitáveis" pelos adultos, eram vistos como sendo uma atitude geracional que representava a homogeneização de todos os indivíduos de determinada faixa etária a comportamentos padrões comuns a todos eles. Um exemplo desse processo ainda é utilizado nos dias atuais, quando pesquisadores designam determinados grupos etários como “geração X” ou “geração Y”, impondo características comportamentais a todo um grupo, sem se importar com as especificidades de cada indivíduo.

Essas concepções corroboram para a conceitualização trivial da juventude e dos jovens, em algumas ocasiões reconhecida apenas como uma categoria etária, que reforça a influência da idade em detrimento de outras variáveis socioeconômicas. Em outros momentos reforça-se apenas as influências econômicas, em detrimento dos diversos fatores que também atuam na juventude. Tais posicionamentos resultam na formulação de afirmativas que nem sempre estão alinhadas com os padrões de comportamento, interesses culturais e vivências experimentadas pelos jovens.

Contemporaneamente o meio acadêmico se aproximou de um viés moderno de juventude, adequando alguns conceitos sem romper totalmente com toda contribuição que a corrente geracional e classista trouxeram sobre a temática, estabelecendo adequações a questões consideradas contraditórias, ou arbitrariamente homogeneizadoras. Em seus estudos, Groppo (2015) aponta a tendência de se entender a juventude como uma construção histórica e social, mediada por diferentes agentes, e por consequência passível de ser vivida e experimentada de maneiras distintas pelos sujeitos.

Essa nova concepção se enquadra numa nova corrente da sociologia da juventude: corrente crítica ou pós-crítica. Groppo (2015) nos apresenta as principais

diferenças dessas correntes àquelas tidas como tradicionais (geracional e classista). De acordo com o autor alguns traços da juventude que eram mal vistos, como por exemplo o potencial contestador dos jovens e a moratória social, passaram a ser reconhecidos como elementos positivos, importantes para o amadurecimento dos jovens, e essenciais para sua construção social.

Um dos avanços mais importantes nesse novo contexto foi a “desnaturalização” da categoria juventude, que contribuiu para o fortalecimento da concepção social e cultural da juventude.

Percebeu-se melhor o papel das instituições sociais (Estado, escola, legislação, mundo do trabalho, família etc.) na marcação das etapas do curso da vida e relativizou-se o caráter “natural” ou “biológico” das idades da vida – este caráter natural existe, mas sempre precisa ser ressignificado pela sociedade e cultura (GROPPO, 2015, p. 27).

Os principais conceitos utilizados por essa corrente epistemológica para defender a concretude das juventudes e marcar a condição juvenil nas sociedades modernas e contemporâneas foram os de geração e moratória, conceitos herdados das análises trazidas pelas correntes tradicionais, com algumas adaptações para essa nova abordagem.

Nesse momento, a moratória ganha duas modalidades, a moratória social, que seria o direito a um período de tolerância para se adequar a obrigações sociais como trabalho, independência econômica e constituição de família, um período propício à experimentação e decisivo no processo de escolhas sobre vida adulta. E a moratória vital, que se caracteriza como uma maior disponibilidade de energia, vitalidade e tempo de vida do jovem em comparação com adultos e idosos (GROPPO, 2015, p. 26)

Na corrente crítica a concepção de geração também é modificada, deixando de ser algo que homogeniza os indivíduos de uma mesma faixa etária, e passa ser tratada como uma experiência geracional, ou seja, experiências históricas e sociais comuns, que podem possibilitar uma “unidade de geração”, entendida como sendo uma forma comum de sentir o mundo e interpretar os fatos presentes, distinta do modo como fazem as gerações precedentes (GROPPO, 2015, p. 26).

Além disso, essas correntes iniciaram dois processos muito importantes para as análises futuras referentes à juventude: o reconhecimento da diversidade de vivências da juventude, e a valorização das chamadas subculturas juvenis, que

posteriormente, nas teorias pós-críticas seriam renomeadas como culturas, tribos, estilos, etc (GROPPO, 2015, p. 27).

2.1 DE JUVENTUDE A JUVENTUDE(S)

A influência das correntes críticas ou pós-crítica nos estudos sobre juventude contribuiu para o surgimento de novos olhares para essa categoria, atribuindo abordagens que identificam não uma única juventude homogênea, mas juventudes, no plural. Esse novo olhar viabiliza a superação de representações fixas e autônomas, permitindo conceber esses jovens como o produto de um conjunto de relações sociais e territoriais que desenham sua existência e a forma como sua condição de sujeito social é determinada (CASSAB, 2019).

Diversos autores apontam a juventude como uma construção social, histórica e espacial, que deve ser expressa no plural para enfatizar as diversidades de juventude que podem ser analisadas, ou seja, grupos juvenis constituem-se como conjuntos heterogêneos, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Sendo assim a condição juvenil é experimentada de múltiplas maneiras, sendo influenciada por diversos fatores como: classe, gênero, etnia, nacionalidade, momento histórico, etc. (DAYRELL, 2002; ABRAMOVAY; CASTRO, 2006; ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007; GUIMARÃES, 2008; CASSAB, 2010).

Tais perspectivas impulsionaram novas maneiras de se analisar a juventude e o sujeito jovem, diante de suas particularidades. Dayrell (2005, p.02), por exemplo, sugere que “devemos nos concentrar nos modos de ser jovem e, assim, considerar as diversas juventudes”. Apenas assumindo que elas são diferentes e desiguais socioespacialmente é que podemos pensar a juventude como categoria plural.

Já Sposito (1993) faz uma caracterização da juventude através da análise da relação que esse sujeito mantém com o mundo adulto, e em qual medida está distanciado do universo infantil. Os fatores mediadores desse afastamento seria a condição de reprodução biológica, relacionada a uma vida sexual consciente e ativa, e autonomia econômica e mental. Além disso, a autora destaca que o jovem necessitaria do reconhecimento de que esses fatores estejam desenvolvidos, para que eles ganhem

“habilitação plena para o desempenho dessas atividades na vida adulta” (SPOSITO, 1993, p. 163).

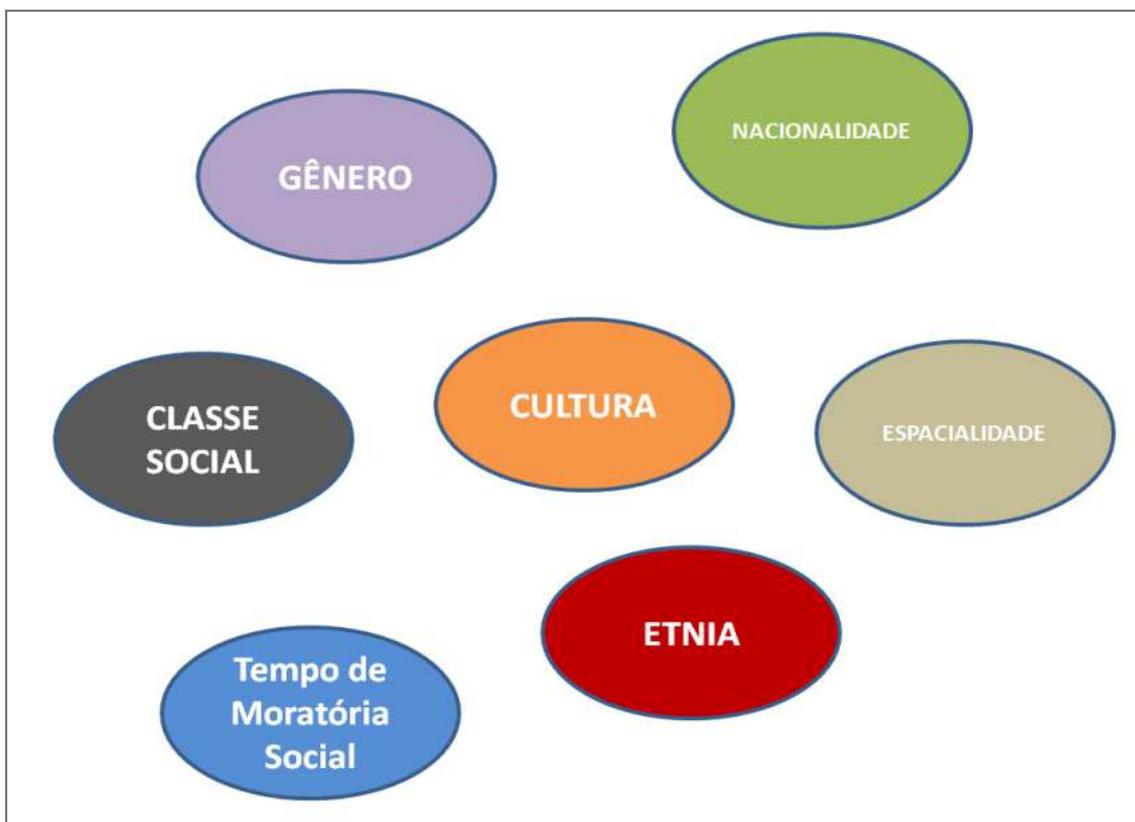
O reconhecimento da pluralidade da condição juvenil é essencial para entendermos que as análises direcionadas ao grupo juvenil não devem ser engessadas, tampouco destinadas a obter resultados que homogenizem esses indivíduos, e sim que reconheçam as particularidades do sujeito jovem e busquem apontar os fatores que influenciam suas experiências. Pensando nisso, buscamos elencar alguns elementos que podem ser apontados como fatores de proximidade (Figura 1), ou seja, características que são comuns aos sujeitos e à condição juvenil, e fatores de distinção (Figura 2), que são aspectos que distinguem os jovens e suas experiências juvenis.

Figura 1 – Gráfico Juventude: Fatores de Proximidade



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 2 – Gráfico Juventude: Fatores de Distinção



Fonte: Elaborado pela autora

Os fatores de proximidade elencados na figura 1 são características comuns aos sujeitos jovens, que podem ser observados através de análises realizadas em uma escala macro, ou seja, fatores que expressam poucas variáveis entre os sujeitos jovens, e conseqüentemente facilitam abordagens coletivas, recortes e definições em larga escala da condição juvenil. Alguns fatores como vida escolar, e moratória social podem ter um tempo variável entre os indivíduos, mas caracterizam-se como direitos ou necessidades básicas para o desenvolvimento social de qualquer jovem e por essa razão foram aqui incluídos.

Os fatores de distinção são mais variáveis e atribuem características que não são comuns a todos os sujeitos jovens, são fatores observáveis em uma escala reduzida, onde é necessária a atenção a aspectos individuais, que podem ser determinantes na distinção das experiências juvenis. Vale ressaltar que os fatores de

distinção apresentados na figura 2 representam apenas algumas das condições que influenciam e distinguem as formas de ser jovem, diversos outros fatores como renda, trabalho e território, também podem compor essa categoria.

A pluralidade de fatores que perpassam a experiência juvenil nos evidencia que as análises e recortes relacionados à juventude também podem ser plurais. Essa percepção nos serve de alerta, e nos distancia da necessidade de classificar ou delimitar os sujeitos de maneira arbitrária, sinalizando que nossas análises resultarão em uma representação reduzida da realidade desses sujeitos, retratando apenas um feixe das diversas interações que esses indivíduos podem estabelecer com o meio que vivenciam, pois será realizada através da mediação de um desses fatores ou da intersecção de alguns deles, logo não tem a ambição de contemplar a percepção de todas as variáveis presentes em suas relações sociais e espaciais.

2.2 JUVENTUDE E ESPACIALIDADE: UM OLHAR GEOGRÁFICO PARA ESSE CONCEITO

Diante da pluralidade relacionada à condição juvenil, a dimensão que mais nos aproximará dessa categoria, nesta pesquisa, é a espacialidade. A partir dela será possível discutir o jovem e sua relação com o espaço. Paula (2016, p. 32) considera que a ciência geográfica é capaz de analisar e entender a relação dos jovens com o espaço que estão inseridos, a partir da análise de suas práticas espaciais na cidade, de sua circulação e de suas territorialidades.

A análise espacial do sujeito jovem contribuiu para que os estudos dessa temática sejam cada vez mais disseminados entre os pesquisadores da ciência geográfica, que buscam responder a questões fundamentais que legitimam a juventude como uma construção socioespacial, e a posição dos jovens como sujeitos sociais, “que produzem o espaço geográfico e, ao mesmo tempo, da espacialidade na própria formação juvenil” (PAULA, 2016, p. 05), e por isso

a análise das práticas espaciais, das culturas juvenis e das redes de sociabilidades construídas pelos jovens nos mais variados espaços da cidade constitui-se como uma das contribuições da geografia para o entendimento das juventudes e de suas relações como o espaço urbano e com a cidade (PAULA, 2016, p. 27).

Esse olhar geográfico para a juventude acrescenta novas questões considerando não apenas as particularidades e singularidades de cada jovem, mas também os usos e apropriações do espaço geográfico, decorrentes da materialização das práticas socioespaciais cotidianas exercidas por eles nos locais em que habitam (PAULA, 2016,p.13). Nessa mesma perspectiva, Pires (2016) afirma que o olhar geográfico revela a dimensão espacial da condição juvenil, que necessita da interação com diferentes tipos de lugares, e da prática de distintas sociabilidades, apropriação de espaços públicos e demarcação de territórios (PIRES, 2016, p.98).

Essas elucidações nos mostram que território e lugar são categorias relevantes para compreendermos a relação entre a juventude e suas espacialidades. Isso se dá pelo caráter relacional intenso entre os sujeitos e o espaço enredados nesses conceitos.

Doren Massey (2008) nos revela que o lugar é composto pela pluralidade de trajetórias, onde as identidades e as inter-relações são constituídas juntas nas negociações internas de construção do espaço e do lugar (p.30). Ainda segundo a autora devemos imaginar os lugares

como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como lugar em si, seja uma rua, uma região ou continente. Isso por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local (MASSEY, 2000, p.184).

A pluralidade de trajetórias e identidades resulta em diferentes maneiras de apropriação do espaço geográfico. Barbosa (2012, p.1) destaca que “a diversidade cultural, a multiplicidade de usos urbanos e a difusão de tecnologias de comunicação rasgaram as fronteiras do cotidiano dos lugares” e por isso reforçam as novas formas de apropriação do espaço na condição urbana contemporânea, e conseqüentemente a espacialidade dos sujeitos.

As diversas formas de apropriação do espaço geográfico também provocam novas territorialidades, que contemporaneamente não estão relacionadas unicamente com a atuação do poder de agentes hegemônicos em determinado espaço, mas também se instauram através de práticas cotidianas de diferentes grupos e sujeitos que atuam e vivenciam os territórios presentes no espaço geográfico e desenvolvem

distintas territorialidades. No caso dos jovens, essas territorialidades são diversificadas, pois suas práticas espaciais são reguladas tanto por aspectos subjetivos quanto objetivos, responsáveis por demarcarem e garantirem interesses de um ou muitos agentes no processo de reprodução das ações sociais e do próprio espaço urbano (PAULA, 2016, p.39).

A produção e apropriação do espaço urbano por meio da territorialidade realizada pelos jovens se configuram como processos carregados de símbolos, desejos e frustrações, criando-se territórios por meio de estratégias territoriais distintas permeadas de relações sociais, as quais representam interesses e apropriações diferenciadas em relação ao espaço (PAULA, 2016, p. 37), configurando-se também como uma prática política. Através da análise das intencionalidades individuais presentes no território, podemos reconhecer o sentido dos interesses coletivos, os estímulos de pertencimento e a mobilização de forças plurais que atuam naqueles espaços. De acordo com Barbosa (2012) existe

uma dimensão fundamental entre a prática cidadã e o uso do território como condição da democracia uma vez que o cotidiano de todos os sujeitos, de todas as ações e todas as intenções humanas possui a sua integralidade em espaço/tempo demarcados.(...)É no território que nos fazemos sujeitos da política e portadores de projetos de sociedade. O território significa, portanto, uma marca e uma matriz daquilo que verdadeiramente somos e do queremos para as novas gerações de cidadãos (BARBOSA, 2012, p.1).

Tendo em vista o papel político e social relacionado à apropriação do espaço urbano e da criação de novas territorialidades por partes dos jovens para o seu desenvolvimento enquanto cidadão e sujeito social, fica evidente a necessidade de se aprofundar cada vez mais nos estudos acerca da espacialidade desses indivíduos.

Por isso, segundo Turra Neto (2016), a criação de uma “Geografia das Juventudes” é algo necessário, pois a experiência geográfica “envolve tanto uma vinculação a uma geração, quanto a uma espacialidade, que delimita vivências de tempo e espaço especificamente juvenis” (TURRA NETO, 2016, p.362), capazes de estabelecer o desenvolvimento de uma cultura própria por parte dos jovens, diferente daquela das gerações anteriores, o que se desdobraria em novas espacialidades, permeadas por novos territórios e territorialidades.

Em pesquisa sobre as espacialidades de jovens de Juiz de Fora, Cassab (2016) demonstrou como a produção e organização espacial de uma cidade média, assim como as tensões e conflitos relativos a seus usos, interferia e, em certa medida, delimitava as práticas e espacialidades de seus jovens. Na pesquisa, a autora enfatiza a dimensão da escala da cidade como relevante para a compreensão dos usos e espacialidades dos jovens.

Para Cassab (2015, p. 153)

o lazer se constitui como um momento da vida cotidiana, significado de maneira diversa pelos sujeitos. Ou seja, como experiência subjetiva, ele é algo vivido e percebido de forma diferente pelos sujeitos e vivenciado de forma situada e datada, em que as escolhas para sua realização são condicionadas pelos contextos, lugares e grupos dos quais se participam (CASSAB, 2015, p.153).

Nesse sentido, nosso trabalho também pretende entender tais espacialidades, e como elas se dão na escala da cidade pequena e, em especial, numa cidade que compõem determinado arranjo populacional. Faremos isso a partir das análises dos momentos de lazer vivenciados por jovens moradores de Matias Barbosa, com o objetivo de identificar os condicionantes, os modos e lugares de realização do lazer, bem como a maneira como os jovens vivem e experimentam a cidade e sua própria juventude.

3 LAZER E JUVENTUDE

Assim como o conceito de juventude, o conceito de lazer também não é unânime, se diferenciando de acordo com o autor, e principalmente com a época e a sociedade, culminando em grandes variações das concepções do que é o lazer, e principalmente grandes divergências acerca de sua finalidade e importância para o bem estar das pessoas.

Uma conceitualização de lazer bastante referenciada nas pesquisas acadêmicas, foi elaborada pelo Sociólogo francês Dumazedier. Para o autor o lazer se constitui como sendo

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976, p.94).

Essa abordagem de lazer como “recompensa” ao trabalho, a ser desenvolvido em horas ociosas, nem sempre foi bem aceita, já que durante muitos anos a igreja e boa parte da sociedade considerava o tempo gasto com lazer como um tempo desperdiçado. Lafargue (1999, p.7) critica essa postura, e alega que “em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, e os moralistas sacrossantificaram o trabalho”.

Em torno dessa mentalidade criaram-se diversos ditados populares que exaltam o trabalho, como: “Deus ajuda quem cedo madruga”; “A atividade é mãe da prosperidade”; “O trabalho dignifica o homem” e entre outros. Para Lafargue (1999, p.20) essa ideologia faz com que “os proletários, embrutecidos pelo dogma do trabalho, não compreendem que é o supertrabalho que infligiram a si próprios durante o tempo da pretensa prosperidade a causa da sua miséria presente.

Distinta dessa concepção que reduz e dualiza o lazer ao tempo do não-trabalho, muitos autores vão compreendê-lo de maneira mais ampla. Para Marcellino (1996), importante pesquisador do campo do lazer, esse momento é indispensável para o bem estar humano, pois propiciaria o maior desenvolvimento social e pessoal do sujeito. Para o autor, as horas fora do ambiente de trabalho não

devem ser consideradas como perda de tempo, mas sim como um tempo destinado para o trabalhador cuidar de si, e fazer atividades que aliviam seu corpo e mente, o que contribui para torná-los mais produtivos por mais tempo.

Um importante marco para a defesa do direito ao lazer no Brasil foi sua incorporação como direito básico na Constituição de 1988, que de acordo com Gomes (2008, p.10), “ameniza, em parte, os reflexos provenientes do movimento contrário ao estudo do fenômeno, promovendo a consolidação das pesquisas nos anos pós-tumos”. Essa incorporação fez com que o lazer não fosse apenas analisado através do viés do trabalho, mas passasse a ser considerado como uma atividade indispensável para o desenvolvimento social do indivíduo.

Mesmo diante de todos esses avanços em relação ao tratamento social dado ao lazer, seu acesso ainda é desigual. Marcellino (1996) apresenta em seu livro as muitas barreiras sociais que dificultam o acesso ao lazer, dentre elas o fator econômico, que é determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais, até as oportunidades de acesso à informação e à cultura. Além disso, o autor destaca outros aspectos como o sexo, a faixa etária e as oportunidades desiguais na apropriação do espaço (MARCELLINO, 1996, p. 24).

Tais dificuldades são potencializadas em algumas situações, principalmente na experiência juvenil, pois além de todos os fatores já elencados, os jovens ainda precisam enfrentar outras barreiras como o preconceito contra as culturas juvenis e a dependência econômica, que os distanciam dos espaços voltados para a cultura e o lazer institucionalizado. Brenner, Dayrell e Carrano (2005, p.1) apontam que a "adulter" que domina determinados valores na sociedade, contribuem para a marginalização das culturas que fogem de seus critérios.

Algumas destas culturas marginalizadas são caracterizadas por Feixa (1999), através do conceito de “culturas juvenis” que, de acordo com o autor, se refere, em um sentido amplo,

a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en, el, tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. (FEIXA, 1999, p.85)

Em seus estudos, Feixa (1999) destaca a pluralidade das culturas juvenis e conseqüentemente das formas de interações sociais dos jovens e suas sociabilidades.

Dentre as subdivisões feitas por Feixa, a que mais interessa ao trabalho, são as culturas juvenis que o autor chama de “Culturas parentais” pois é através do desenvolvimento desse tipo de cultura que os jovens iniciam sua vivência em espaços de sociabilidades.

Apesar do termo remeter a relações parentais como as “pais e filhos”, esse tipo de sociabilidade sobrepõem-se ao ambiente familiar, engloba as interações entre indivíduos de gerações distintas que podem ser vivenciadas em redes familiares, redes de amizades ou redes de interesses. O que pretendemos destacar, portanto, é a importância de compreender o lazer como prática de sociabilidade fundamental a constituição das experiências juvenis e do modo de ser jovem.

Notamos que vivenciar o lazer e ocupar os espaços voltados para ele é algo permeado de diversas barreiras sociais e culturais, que tornam-se ainda mais graves quando assume-se a centralidade que o lazer, como forma de sociabilidade, assume para as juventudes. Autoras como Cassab (2015 e 2021), Abramo (1994), Turra Neto (2008), Feixa (1999) já evidenciaram o quanto a sociabilidade é fundamental na constituição das experiências juvenis e na formação do jovem como sujeito social.

Neste sentido, torna-se relevante entendermos como trabalharemos o conceito de sociabilidade. Para tanto, recorreremos a algumas referências que contribuem para a construção do conceito. Nesta linha e pensando a sociabilidade como importante dimensão da vida social, Simmel avançou enormemente no debate do conceito.

Para Maia (2001, p.09), Georg Simmel foi "um dos grandes pioneiros da sociologia da ação, que buscava analisar o espaço social como uma dimensão crucial da interação social e, também, das formações culturais". Sendo assim, segundo o sociólogo alemão, a sociedade propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos de sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p.168)

Seu conceito de sociabilidade dá ênfase à espontaneidade de processos de interação social, atrelando sociabilidade à ideia de encontros “descompromissados” sem nenhuma regulamentação normativa. Simmel denomina a sociabilidade como “forma lúdica de sociação”, por não possuir propósitos específicos de formas ou

conteúdos, “seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele” (SIMMEL, 1983,p.170).

Na esteira de Simmel, Turra Neto, afirmou que a sociabilidade, como fenômeno social, é “a materialização da interação entre sujeitos de forma pura e espontânea, seria uma interação que se faz por si própria, onde o interesse reside na interação entre sujeitos com aspirações semelhantes (TURRA NETO, 2008, p. 234).

Acrescemos a essa compreensão uma dimensão espacial. Observando as práticas cotidianas Maffesoli (1998), por exemplo, elucida que a mesma cidade marcada pelo isolamento e pelo afastamento dos lugares de convívio pode também se constituir como lugar de onde desponta “potências subterrâneas” de sociabilidade. Nesse sentido, para o autor, o “estar juntos”, como nas tribos urbanas, indicaria relações de proximidades e a formação de grupos próximos de sociabilidades que inundariam as cidades de criatividade e vida.

Em seus estudos voltados para o conceito de sociabilidade Maia (2001 p. 10) também destaca o sociólogo francês Michel Maffesoli como importante referencial para o aprofundamento da noção de sociabilidade, pois o autor agrega um sentido mais afetivo ao conceito, entendendo a sociabilidade como um “aspecto fundamental do estar - junto, de relações de partilha entre indivíduos livres para identificações sucessivas”.

Para o autor, a escola e a rua são dois outros importantes espaços na sociabilidade dos jovens. A escola, por exemplo, é um dos principais espaços coletivos a que eles têm acesso, nela desenvolvem diferentes processos sociais, que perpassam o objetivo principal que é o de interação entre professores e alunos, para a construção de diferentes saberes, e a interação entre alunos com outros alunos.

Sposito (1993, p.147) também aponta a rede de escolas como um importante espaço de sociabilidade juvenil, principalmente em bairros pobres, pois em grande parte deles, as unidades de ensino são os únicos aparatos que podem proporcionar alguma atividade cultural ou de lazer para a os jovens mais pauperizados. No entanto, a maioria dos espaços escolares oferecem poucas possibilidades de interação com os grupos de jovens, sobretudo em suas horas de tempo livre, pois permanecem fechados nos fins de semana, fazendo com que não se desenvolva toda a possibilidade de espaço central na socialização dos jovens.

Assim, segundo a autora “o mundo rua” é o principal espaço de sociabilidade juvenil, pois a rua se inscreve na sociabilidade urbana, em vários momentos da vida das cidades, mas ela se reveste de especificidades históricas que

precisam ser consideradas e examinadas na interação com outras instituições socializadoras. Nos últimos anos, as ruas de grandes cidades como São Paulo se transformam em local de trabalho e moradia, passam a ser ocupadas por crianças e adolescentes, excluídos da sociedade que lhes nega o direito à vida em família, à escola e, sobretudo, o direito de serem crianças (SPOSITO, 1993, p.166)

Nesse sentido, os encontros de jovens nas ruas conhecidos como resenha, fluxos ou pancadões, são bons exemplos de sociabilidades juvenis. Esses eventos são organizados e frequentados por jovens, que se articulam para realizar uma grande festa, geralmente bailes funk, em espaços públicos como ruas e praças. A divulgação e organização desses eventos são realizadas virtualmente através das redes sociais, e atraem um grande número de jovens, que em muitos casos vêm nesses eventos sua principal atividade de lazer e sociabilidade.

A maneira como os jovens se articulam para realizá-los mostra como importante para o processo de protagonização social da juventude. Além disso, as músicas, as danças e as diversas formas de se expressarem nesses espaços, fazem com que esses grupos reforcem sua identidade social e ampliem suas possibilidades de vivenciar a juventude.

Os bailes funks que acontecem nas ruas e bairros periféricos dos grandes centros também são reconhecidos como importantes espaços de sociabilidade juvenil. Dayrell (2002) enfatiza que esses bailes se apresentam como uma alternativa recente, que além de proporcionar lazer para os jovens, reforçam processos identitários, e contribuem com o desenvolvimento cultural. O autor também destaca a importância do funk e do rap para a visibilidade dos desafios da juventude, já que são os estilos musicais que mais possibilitam a expressão das vivências juvenis.

As novas formas que os jovens se organizam, associadas ao desenvolvimento da tecnologia, e a rapidez da difusão de informações estão influenciando cada vez mais o cotidiano dos jovens, suas relações, seus sonhos e suas diferentes práticas de sociabilidade. A difusão de novas práticas de lazer e sociabilidade nos evidencia outro momento da juventude, marcado pelo protagonismo cultural, onde os jovens tomam a frente de seus interesses, decidindo que tipo de conteúdo midiático querem consumir, e até mesmo quais produtos midiáticos querem produzir.

Nesse sentido os jovens destacam-se como os maiores produtores de conteúdos digitais na atualidade, suas ideias, músicas, vídeos, coreografias, e modos de se divertir são compartilhados nas redes e ganham notória visibilidade. Dayrell (2002)

identifica a centralidade do consumo e a da produção cultural pelos jovens/ e para os jovens como sinais de novos espaços, de novos tempos, de novas formas e de novos postos de participação cultural e social.

A identificação dos principais espaços de lazer e sociabilidades experimentados pela juventude da cidade de Matias Barbosa consiste em um dos objetivos centrais desta pesquisa. Pois serão nesses neles que poderemos compreender as relações que estabelecem com o espaço, e como suas espacialidades, mediadas pelo lazer, são construídas. Entender esses processos contribui para a compreensão da experiência juvenil vivenciada na cidade, bem como na influência que fenômenos socioespaciais vivenciados por jovens em grandes centros urbanos também podem influenciar e direcionar as práticas de lazer de jovens em cidades pequenas.

Compreender o estabelecimento de tais fenômenos na escala da cidade pequena torna-se um fator relevante para as nossas análises, por isso abordaremos essa temática no próximo capítulo, buscando delimitar as principais características das pequenas cidades, e em como interferem no comportamento social e na sociabilidade de seus habitantes, e como a juventude delimita suas espacialidades em momentos de lazer no espaço da cidade pequena.

4 CIDADES PEQUENAS: CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

Usualmente quando pretendemos descrever determinadas localidades pensamos primeiramente em adjetivos que falem de suas dimensões, se trata-se de uma cidade grande, média ou pequena. Diante de alguns referenciais teóricos que se tratam dos tipos de cidades e suas particularidades, podemos alegar que a avaliação de um determinado espaço utilizando unicamente o critério dimensional não é o suficiente para descrever uma cidade. Sendo assim, o que ou quais são os critérios verdadeiramente capazes de alcançar uma caracterização mais próxima de espaços tão complexos quanto as cidades?

A Geografia Urbana vem tratando dessas questões há muito tempo, trazendo a proposta de evidenciar características que distinguem uma cidade da outra e características comuns entre elas, que as tornam pertencentes a um determinado grupo. Buscamos evidenciar neste capítulo as principais qualidades atribuídas às cidades pequenas, destacando os contrastes presentes em seu cotidiano e em suas relações hierárquicas com as demais cidades.

Os estudos relacionados às cidades pequenas vêm ganhando espaço no cenário acadêmico, em especial da Geografia Urbana. Contudo, nem sempre essa temática teve relevância nos estudos urbanos, pois a maior parte da produção científica relacionada ao urbano estava focada nas grandes cidades e na realidade social metropolitana (SILVA, 2007, p. 1). Esse maior interesse dos pesquisadores pelas grandes cidades se dá pela diversidade e complexidade das dinâmicas socioespaciais que se estabelecem em seus territórios, repletos de dinamismo e rugosidades.

Diante das complexidades apresentadas em publicações relacionadas às metrópoles, as análises sobre cidades de médio e pequeno porte foram sendo postergadas, visto que o estudo sobre outros tipos de cidades de certa forma se desenhava de uma maneira menos atraente, por pressupor-se que os fenômenos apresentados nessas cidades fossem quase antagônicos aos dos grandes centros, e que pesquisas sobre médias e pequenas cidades estivessem fadadas à regularidade e uniformidade. As pequenas cidades foram esquecidas como integrantes da totalidade da sociedade moderna, sempre vistas em oposição às grandes cidades, ou como uma repetição atrasada destas (SILVA, 2007 p. 17).

A partir dos anos de 1990, essa concepção foi se dissipando e alguns autores passaram a averiguar se as teorias e conceitos utilizados para a análise das grandes cidades também se encaixam na realidade de cidades médias e pequenas. Nessa perspectiva, importantes nomes da Geografia Urbana como Sposito (1993), Soares, B. R. (1999), Fresca (2001), Corrêa (2011), Andrade, T. A. O., & Serra, R. V. O. (2001),- voltaram seus olhares para as médias e pequenas cidades, buscando analisar outras realidades espaciais além dos grandes centros urbanos.

Uma revisão desses autores e suas contribuições nos permite concluir que o conceito de cidade pequena extrapola o mero contraponto ao conceito de cidade grande, podendo ser classificada tanto quantitativamente como qualitativamente, através de seu contingente populacional, da rede urbana que faz parte e das relações hierárquicas que constrói com outras cidades. Essa gama de maneiras de analisar e conceituar uma cidade pequena nos evidencia que também existe dinamismo e rugosidades dentre elas, e que assim como no caso das metrópoles, o estudo sobre cidades pequenas também pode nos oferecer análises complexas.

A conceitualização através do contingente populacional é a mais reconhecida e utilizada por órgãos oficiais de estatística, e por pesquisas estatísticas e urbanas. No entanto, os valores quantitativos de classificação das cidades pequenas não são valores unânimes. Fernandes (2018), nos alerta que existem pelo menos dois resultados possíveis para se classificar as cidades pequenas quantitativamente: i) considerando o intervalo de vinte mil habitantes totais, proposto por um grupo de pesquisadores [...]; ii) utilizando como parâmetro o intervalo de cinquenta mil habitantes totais, proposto por outro grupo de pesquisadores [...] (FERNANDES, 2018, p. 11).

O IBGE classifica cidades pequenas como sendo aglomerados urbanos com contingente populacional **de até 50 mil habitantes** quando se trata de uma análise meramente quantitativa.

Adotaremos em nossas considerações o parâmetro de que as cidades pequenas são aquelas que possuem a população municipal de até 20 mil habitantes, essa marca é utilizada por muitos geógrafos como Corrêa (2011), que considera a dimensão demográfica ideal, pois, de acordo com o autor, dificilmente as pequenas cidades ou centros locais ultrapassem 20-30.000 habitantes.

Apesar de adotar uma marca demográfica para conceituar as cidades pequenas e realizar nossas considerações, reconhecemos que o patamar demográfico

isoladamente não é capaz de abranger todas as nuances necessárias para se entender a realidade das cidades, pois esse tipo de conceitualização “menospreza importantes definições do urbano, tais como seu grau de desenvolvimento socioeconômico, por exemplo. (NOGUEIRA p. 41). Pensando assim, vários autores e o próprio IBGE criaram outras tipologias, que intercalaram diferentes esferas de análise, desde o âmbito populacional, até o econômico e hierárquico.

O IBGE utiliza distintos parâmetros de classificação das cidades, como por exemplo a tipologia realizada pelo REGIC, uma pesquisa qualitativa que visa analisar as Regiões de Influência das Cidades. Na REGIC as cidades brasileiras foram classificadas hierarquicamente, a partir das funções de gestão que exercem sobre outras cidades, considerando tanto seu papel em atividades empresariais quanto na gestão pública, além de seu potencial de atratividade para suprir bens e serviços para outras cidades.

Na REGIC as cidades foram classificadas em cinco grandes níveis, sendo eles: Metrôpoles (possui três níveis: Grande Metrôpole Nacional, Metrôpole Nacional, Metrôpole); Capitais Regionais (possui três níveis: Capital Regional A, Capital Regional B, Capital Regional C); Centros Sub-Regionais (possui dois níveis: Centro Sub-Regional A, Centro Sub-Regional B); Centros de Zona (possui dois níveis: Centro de Zona A, Centro de Zona B); e os Centros Locais (IBGE, 2018, p.11).

Os Centros Locais formam o grupo de cidades que nos importa nessa pesquisa, pois suas características se alinham com a realidade da maioria das cidades pequenas. A REGIC conceitualiza esse grupo como:

Cidades que exercem influência restrita aos seus próprios limites territoriais, podendo atrair alguma população moradora de outras cidades para temas específicos, mas não sendo destino principal de nenhuma outra cidade. É a maioria das cidades do país, totalizando 4.037 centros urbanos – o equivalente a 82,4% das unidades urbanas. A média populacional dos Centros Locais é de apenas 12,5 mil habitantes (IBGE, 2018, p.11).

Santos (1981) também realizou uma proposta de classificação das cidades, na qual as cidades pequenas foram analisadas de acordo com as dinâmicas que ocorrem em seus espaços e não o número de habitantes que estas possuem. O autor utilizou o termo “cidade local” para se referir às cidades pequenas, e as reconhece como um aglomerado urbano que atende as necessidades básicas de sua população, ainda que esta recorra ou

receba de outras cidades mão-de-obra, serviços e equipamentos mais especializados (SANTOS,1981, p.43).

A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço. [...] poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações. (Santos, 1979, p. 70-71)

As necessidades vitais básicas presentes nessas cidades correspondem, por exemplo, à oferta de equipamentos e serviços públicos relacionados à educação, saúde, transportes, uma pequena rede de comércio, entre outros, que são capazes de atender essas necessidades mínimas da população local. Roberto Lobato Corrêa aponta que ainda existem outras possibilidades de tipologias, dando ênfase às análises realizadas através da rede urbana, e esclarece que ela ainda pode se direcionar para três vertentes distintas: origem, tamanho e funções.

A origem analisa o contexto econômico e político e os agentes sociais das criações urbanas, o tamanho analisa variáveis quantitativas, especialmente em relação ao número de habitantes, e as análises realizadas através do viés das funções são direcionadas ao entendimento dos agregados econômicos existentes na cidade, como o valor da produção industrial, receita do comércio e serviços, e a renda de seus habitantes. (CORRÊA, 2003, p. 134-135).

As cidades brasileiras apresentam características muito diversas uma das outras, portanto, entendê-las somente em seu aspecto quantitativo, a partir do seu tamanho, não é suficiente para que se possa identificar toda complexidade das relações existentes nesses espaços. Em relação às cidades pequenas, Henrique (2010) reforça em seu argumento que as suas leituras e análises, devem estar associadas ao entendimento sobre os seus cotidianos, suas características, suas funções e suas formas, “que as colocam em diferentes papéis e posições (não hierarquicamente rígidas) na rede urbana” (HENRIQUE, 2010, p. 47).

Muitas pessoas que não vivenciam a realidade dessas cidades costumam desenvolver um estereótipo de um lugar em que sobressai a paz e a tranquilidade, onde nada de muito relevante acontece. Entretanto, são lugares marcados por desigualdades socioeconômicas e outros problemas urbanos, assim como os grandes centros urbanos. Apesar de se darem em uma escala menor, tais fenômenos possuem relevância e

merecem atenção tanto da esfera política quanto da sociedade em geral, pois muitos dos problemas estão relacionados à insuficiência ou ausência de determinados serviços públicos, a violência, falta de infraestrutura urbana, entre outros.

Pensando na diversidade de realidades dentre as cidades pequenas, Corrêa (2011, p. 07) faz um compilado de tipologias e conceitualizações de pequenas cidades. Para o autor "a pequena cidade pode ser melhor definida em termos do grau de centralidade do que em termos de tamanho demográfico". Para ele, apesar de muito se associar à cidade pequena ao espaço rural e suas atividades, nem sempre essa é a realidade das pequenas cidades.

A pequena cidade se caracteriza por ser um centro local, isto é, um centro que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia, onde vive uma população dispersa dedicada sobretudo às atividades agrárias. Em muitos casos vilas e povoados estão em sua hinterlândia: constituem eles núcleos de povoamento dedicados essencialmente às atividades agrárias. Mas muitas pequenas cidades têm em suas hinterlândias algumas pequenas cidades, menores ainda, que em um passado não muito distante, constituíam vilas e povoados subordinados a elas. (CORRÊA, 2011, p.07)

Diante dessas realidades distintas Corrêa (2011) propôs o enquadramento das cidades no que o mesmo nomeou de "**Tipos Ideais**", que seria a proposta de não classificar as cidades através de uma única tipologia, e sim através de tipologias diversas, onde podem se integrar em um tipo ideal ou de forma combinada entre eles. Ou seja, uma cidade do tipo A pode conter características dos tipos B e C, mas sem grandes implicações, como se as características de vários tipos estivessem igualmente co-presentes (CORRÊA, 2011).

Corrêa (2011) aponta a existência de cinco tipos ideais: os lugares centrais, os centros especializados, reservatórios de força-de-trabalho, centros que vivem de recursos externos e subúrbios-dormitório. O autor caracteriza esses grupos de cidades da seguinte maneira:

- **Lugares centrais** como cidades que localizam-se sobretudo nas áreas incorporadas à industrialização do campo, áreas agrícolas modernizadas. Caracterizadas por estarem diante da confluência do agrário moderno com o urbano (CORRÊA, 2011, p.11).
- Os **centros especializados** são caracterizados como cidades que possuem suas atividades financeiras voltadas majoritariamente para um setor específico (têxtil,

mineração, celulose, peregrinação, metalurgia, etc.). “A maior parte desses centros resulta de uma refuncionalização face à perda de seu papel nas relações com o campo”. Nesse mesmo grupo enquadra-se as chamadas “company town” cidades que possuem sua produção econômica voltada majoritariamente para uma empresa ou atividade (CORRÊA, 2011, p.11).

- Os **reservatórios de força-de-trabalho** são cidades que concentram oferta de mão-de-obra principalmente agrícola como a dos chamados “peões”, geralmente são cidades pobres com alta concentração da propriedade da terra. A força de trabalho residente nessas cidades são decorrentes da “expulsão do campo seja porque este foi submetido à industrialização, seja porque tornou-se decadente ou estagnado”(CORRÊA, 2011, p.11).
- Os **centros que vivem de recursos externos** são cidades com um grande processo migratório da população jovem. Por não possuírem condições de dinamizar sua economia essas cidades acabam dependendo da renda de aposentadorias, pensões e recursos do governo federal por intermédio do Fundo de Participação que é distribuído a todos os municípios (CORRÊA, 2011, p.11).
- Os **subúrbios-dormitório** são cidades localizadas no entorno de grandes centros urbanos, sendo o resultado da absorção de um antigo lugar central por uma grande cidade em crescimento e expansão ou por meio de loteamentos periféricos e que, mais tarde, tornaram-se, sucessivamente vilas e sedes municipais. a proximidade com grandes centros urbanos viabiliza migrações pendulares daqueles que ali vivem mas trabalham na cidade maior (CORRÊA, 2011, p.12).

Essa tipologia baseada nos “tipos ideais” nos auxilia na compreensão da diversidade apresentada neste grupo de cidades, além de nos revelar particularidades desse grupo, principalmente em relação aos diversos cenários econômicos apresentados nesses espaços, que são influenciados por diversos fatores como história, localização geográfica, características demográficas, etc.

O Estado de Minas Gerais é o estado brasileiro com maior incidência de cidades pequenas, tornando-se um laboratório sobre as diversidades presente neste grupo de cidade, abordaremos essa questão a seguir.

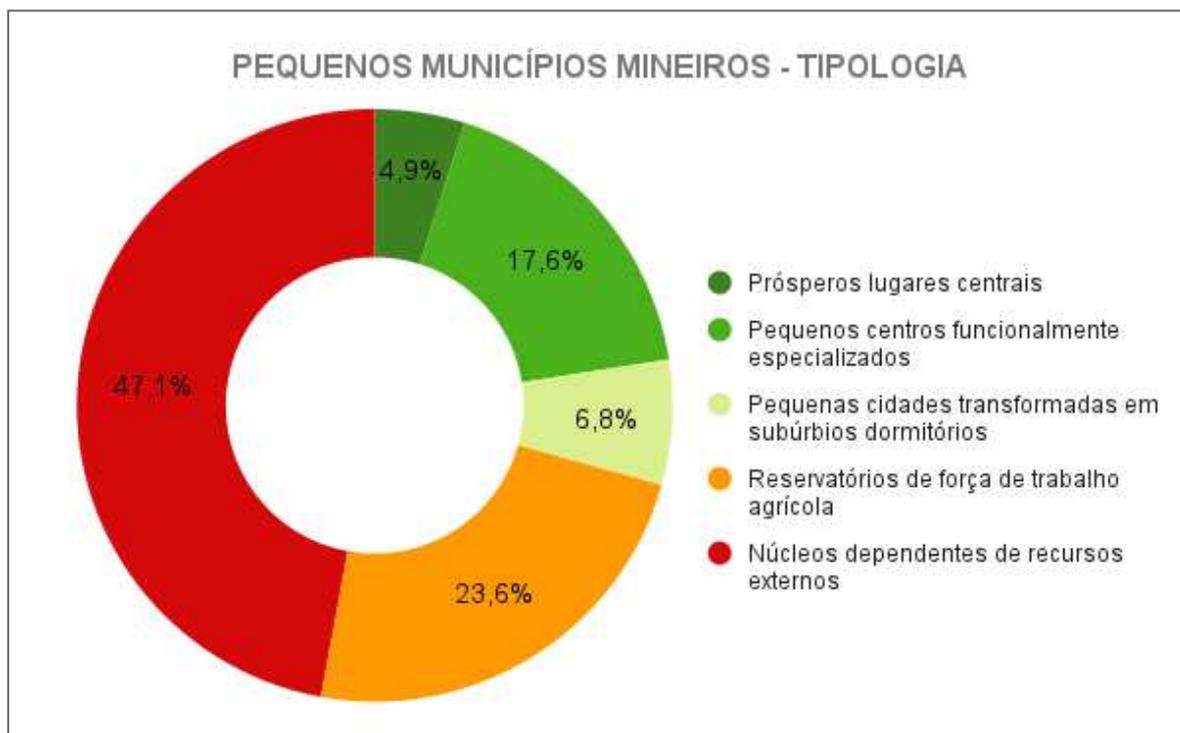
4.1 MINAS GERAIS E AS CIDADES PEQUENAS

Quando tratamos do tema cidades pequenas brasileiras, o Estado de Minas Gerais recebe notoriedade, por ser o estado brasileiro com a maior quantidade e percentual de cidades pequenas em seu território. O censo demográfico de 2010 apontou que das 853 cidades do estado, 676 são cidades com população de até 20.000 habitantes, correspondendo a cerca de 79% das cidades mineiras, demonstrando que o número de pequenos municípios mineiros é maior que a quantidade total de municípios em qualquer outro estado do país (IBGE, 2010).

Os pequenos municípios mineiros são bastante distintos entre si, e para entender suas realidades é necessário realizar estudos que destaquem suas principais características sob diferentes aspectos, e verifique as principais semelhanças e diferenças presentes nesse grupo de cidades. Nessa perspectiva de estudo, Nogueira (2016) elenca alguns fatores que originaram as cidades pequenas de Minas Gerais, dentre eles destacam-se as estações ferroviárias, a mineração, atividades agropecuárias (principalmente café, madeira e gado), usinas hidrelétricas, produção de tijolos e cerâmicas, aldeamentos indígenas, migração, e locais de concentração de escravos alforriados e de foragidos da Inconfidência Mineira, (NOGUEIRA, 2016,p.10).

Nogueira (2016) nos apresenta uma análise específica sobre a tipologia das cidades do Estado de Minas Gerais, e realiza a classificação das pequenas cidades mineiras de acordo com a tipologia proposta por Corrêa (2011) sobre os tipos ideais. De acordo com a classificação da autora o tipo ideal “centros que vivem de recursos externos” é majoritário dentre as cidades pequenas de Minas Gerais, seguido por “reservatórios de força-de-trabalho”, que a autora chama de “reservatórios de força de trabalho agrícola”, e “centros especializados”, chamados por ela de “pequenos centros funcionalmente especializados” como demonstrado na Figura 3.

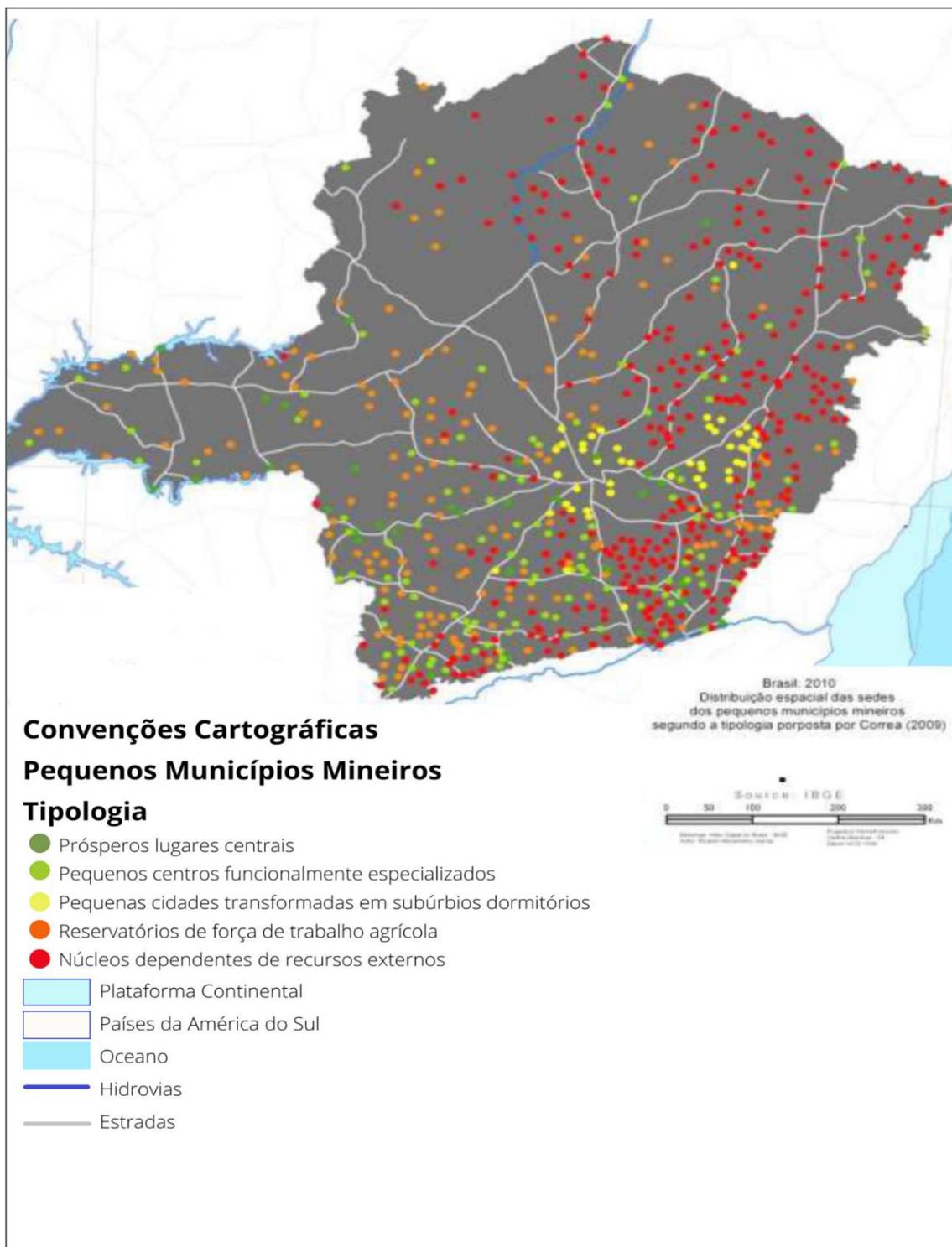
Figura 3 – Gráfico Tipologia Pequenos Municípios Mineiros



Fonte: elaborado pela autora

Além da classificação das cidades, a autora elaborou um mapa temático do estado de Minas Gerais, destacando os 676 pequenos municípios mineiros e identificando a tipologia de cada uma deles (Figura 4).

Figura 4 – Mapa cidades pequenas mineiras e sua classificação



Fonte: Nogueira (2016)

O mapa acima nos oferece uma gama de possibilidades para análises acerca da incidência dos principais tipos ideais no estado e sobre a dinâmica espacial

dessas cidades no território mineiro. Através das informações contidas nele podemos identificar que o tipo ideal “centros que vivem de recursos externos” possui maior concentração no norte e leste do estado, enquanto prósperos lugares centrais e centros especializados possuem maior concentração nas regiões Sul, Central e Triângulo. Tais dados evidenciam uma grande desigualdade socioespacial no território de Minas Gerais, resultante de diversos fatores, que estão diretamente ligados às origens das cidades e seus contextos históricos. (NOGUEIRA, 2016,p.11).

De acordo com esta classificação, a cidade de Matias Barbosa, recorte empírico de nossa pesquisa, se enquadra no tipo ideal “prósperos lugares centrais”, tentaremos apontar os principais fatores que resultaram nessa classificação, evidenciando posteriormente quais desdobramentos sociais e espaciais tal classificação impõe para a construção do espaço urbano da cidade e seus desdobramentos sociais refletidos no cotidiano da população.

4.2 A CIDADE DE MATIAS BARBOSA

Apresentar a cidade de Matias Barbosa é essencial para iniciarmos o entendimento de quem são os jovens da nossa pesquisa e como constroem suas práticas espaciais, em especial aquelas voltadas ao lazer, tendo em vista que a cidade também configura-se como um “elemento que define a condição juvenil”, e que é nela “que os jovens vão determinando suas estratégias, seus projetos, seus sonhos, constituindo-se como sujeitos” (CASSAB, 2016, p. 66). Nessa mesma perspectiva, Cassab (2019) analisa a cidade como um lugar de trocas e contatos, capaz de promover relações concretas e simbólicas

O movimento pelas ruas, bairros e praças, olhando, vivendo, experimentando as múltiplas formas de relações que produzem, e coexistindo com os muitos sujeitos que produzem e disputam a cidade, possibilita a esses jovens a constituição de novos olhares e ressignificações, revelando não só os processos que produzem esse espaço mas também iluminando as desigualdades, contradições, dificuldades e tensões existentes (2019, p.03).

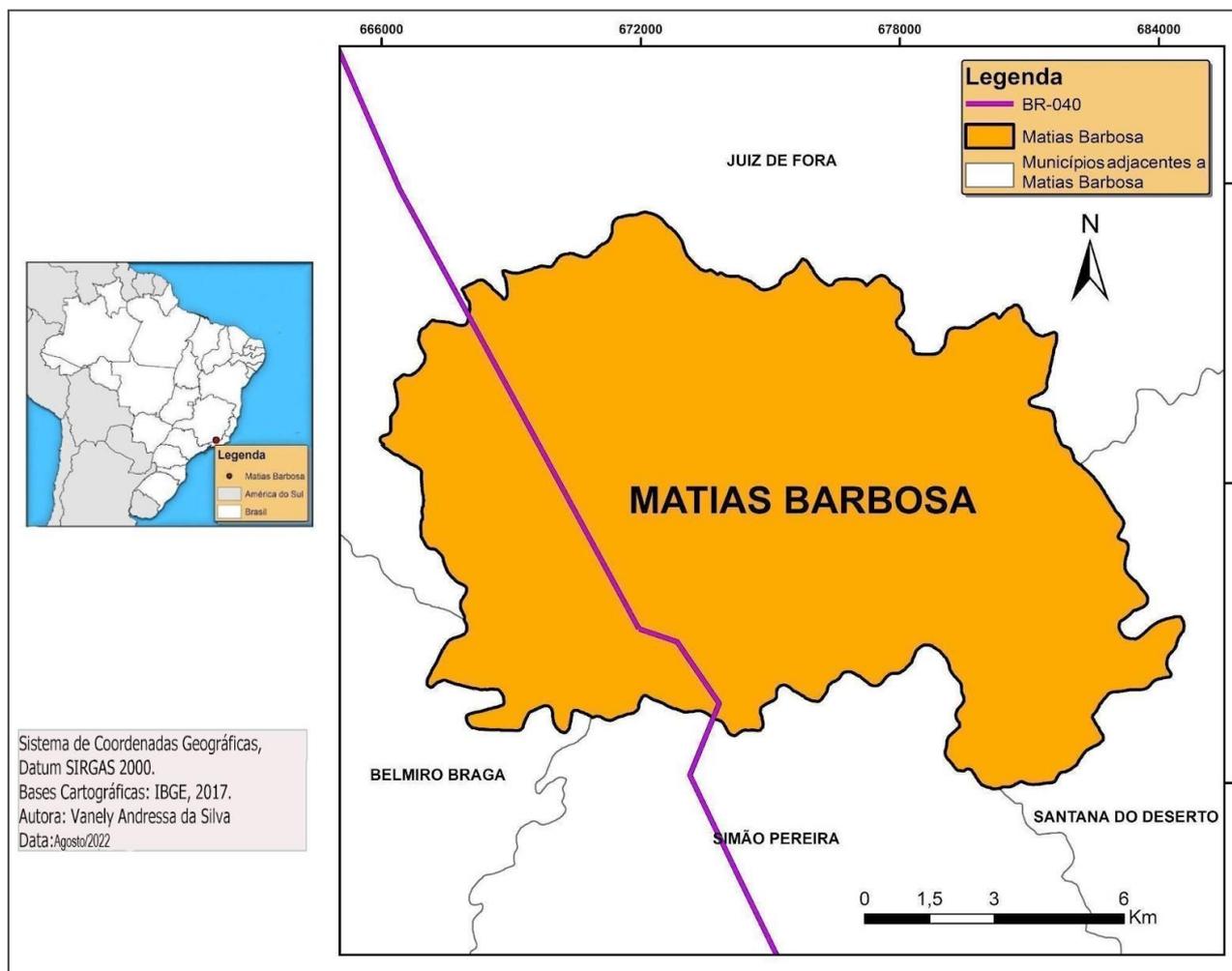
Para Pires (2016), “a cidade é uma construção histórico-social coletiva, um conjunto de lugares que revelam o vivido e a vida cotidiana”, que se reafirma como

espaço social através das profundas relações com todas as atividades (trabalho, lazer, vida privada) de cada ser humano - nos planos individual e coletivo (PIRES, 2016, p. 97). As autoras reforçam a importância de nos dedicarmos aos estudos das cidades para entendermos as espacialidades dos jovens, e ressalta que é através das diferentes circunstâncias socioespaciais apresentadas pelas cidades, que as espacialidades constituem-se. As cidades são os espaços onde o jovem “experimenta e apreende cotidianamente o mundo, imprime sua marca - pelo uso, mediado pelo corpo-, exercita o seu direito constitucional de ir e vir, constrói suas condições de existência”, dando sentido a espaços públicos e privados através de suas experiências geográficas (PIRES, 2016, p. 97).

Apesar de tratar-se de uma cidade pequena, Matias Barbosa possui muitas especificidades, sociais e espaciais, que interferem diretamente nas relações de seus habitantes com o espaço urbano, essas especificidades estão diretamente atreladas aos tipos de relações de sua população com o espaço, sob diferentes perspectivas, incluindo a maneira como os espaços públicos são vivenciados pela comunidade em geral, em especial os jovens.

Localiza-se no estado de Minas Gerais, região sudeste do Brasil. Possui extensão territorial de 157,066 Km². Está inserida na região geográfica intermediária de Juiz de Fora (correspondente à antiga mesorregião da Zona da Mata mineira), e também faz parte da região geográfica imediata de Juiz de Fora (correspondente à antiga microrregião de Juiz de Fora). Faz fronteira ao norte com o município de Juiz de Fora, ao sul com Simão Pereira, a oeste com Belmiro Braga e a leste com Santana do Deserto (Figura 5).

Figura 5 – Mapa Localização Geográfica Matias Barbosa



Fonte: Elaborado pela autora

A pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC) realizada pelo IBGE, que define a hierarquia dos centros urbanos brasileiros delimitando as regiões de influência a eles associados, classifica Matias Barbosa como um “centro local”, o último nível da hierarquia urbana. De acordo com o REGIC os centros locais apresentam fraca centralidade e exercem influência restrita aos seus próprios limites territoriais, apresentando certa dependência de outros centros urbanos de maior hierarquia para acessar serviços especializados voltados para diversos setores da economia (IBGE, 2020).

Já na tipologia das pequenas cidades mineiras realizada por Nogueira (2016), como citado anteriormente, Matias Barbosa é classificado como “prósperos

lugares centrais”, uma das principais características desse grupo é que “devido à proximidade de municípios médios e grandes esses pequenos municípios acessam uma série de serviços e produtos que não se apresentam nas pequenas cidades, como universidades, serviços especializados, sistemas médicos e empresas e redes comerciais de grande porte (NOGUEIRA, 2016, p.17). Tal característica se aplica à realidade de Matias Barbosa devido à sua proximidade com a cidade de Juiz de Fora, e a facilidade de acesso a duas das principais metrópoles, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Apreender todas as características atribuídas à cidade de Matias Barbosa exige entender primeiramente um dos fatores fundamentais a serem estudados e analisados quando da compreensão da dinâmica urbana de determinada cidade, que é o contexto histórico e o modo como as cidades surgem e se desenvolvem. Na história do Estado de Minas Gerais em especial, existem alguns fatores específicos que influenciaram o surgimento das cidades e impulsionaram o seu desenvolvimento, destacamos a atividade mineradora, construção de estradas, a agricultura, as estações ferroviárias, as missões religiosas e recentemente a implementação de indústrias e pólos estudantis.

Nesse sentido, a história de Matias Barbosa se assemelha ao de várias outras cidades mineiras, pois sua origem e desenvolvimento se deu por alguns dos fatores destacados acima, em especial a construção de estradas e ferrovias. O território do município de Matias Barbosa inicialmente tratava-se uma sesmaria de uma légua de testada por três de sertão, às margens do Rio Paraíba, entre as roças de Simão Pereira e Antônio de Araújo cedidas ao senhor Matias Barboza da Silva. Essa sesmaria representava um território estratégico, pois fazia parte das áreas onde ocorreria a abertura do chamado “Caminho Novo” em 1705 (PMMB, 2010).

O Caminho Novo foi uma rota construída para transportar ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro, idealizada como uma alternativa mais rápida e mais segura que o Caminho Velho, onde as cargas estavam sujeitas a ataques piratas na rota marítima entre Paraty e Rio (Instituto Estrada Real, 2015). Seu fluxo de mercadorias e pessoas impulsionou o desenvolvimento econômico de todos os territórios que a estrada cortava, incluindo a região da Zona da Mata (atual região intermediária de Juiz de Fora), e dentre as cidades que faziam parte do Caminho Novo Matias Barbosa ganhou ainda mais destaque após tornar-se sede de um dos Registros do império (GIOVANINI, 2006).

Dessa forma, Matias Barbosa tornou-se centro de convergência de toda a atividade do Caminho Novo, como barreira onde se pagavam direitos sobre o ouro e os diamantes vindos da região mineradora (PMMB, 2010), reforçando o seu destaque econômico diante de toda a região. Giovanini e Matos (2004 p.5) destacam que até o ano de 1805 Matias Barbosa era considerado o principal centro da era pré-café, a ponto de Juiz de Fora só ser citada em relatos de viagem em função do seu curioso nome.

Com a expansão cafeeira na antiga Zona da Mata, Matias Barbosa manteve o seu posto de destaque, e fez parte da chamada “Marcha do Café” que se iniciou primeiramente às margens dos rios Paraibuna e Paraíba. Existem relatos do início do século XIX, que a fazenda Soledade foi uma das primeiras a plantar café, sendo uma das regiões de maior produção em Minas Gerais (CMMB p.24).

Em 1819, por exemplo, toda a produção mineira se concentrava nos distritos de fronteira, como Matias Barbosa, Mar de Espanha, Além Paraíba e Rio Preto. Os lucros advindos da produção, bem como os métodos de plantio, incentivavam a continuidade do processo de expansão extensiva da fronteira em direção norte, de modo que o café chegou a Juiz de Fora em 1828 e em Leopoldina, Cataguases e Ubá por volta de 1840 (GIOVANINI e MATOS, 2004, p. 6).

Nesse contexto ocorria uma transição na economia regional, passando do foco na extração de ouro para a produção cafeeira. O avanço da produção de café impulsionou o crescimento de Juiz de Fora, que tornou-se uma das sedes administrativa da União Indústria, que coletava todo o café produzido na Zona da Mata e o transportava até Petrópolis. Além disso, novos empreendimentos industriais, particularmente o setor têxtil, passaram a ganhar destaque econômico de Juiz de Fora (GIOVANINI, 2006, p.162). Toda essa diversificação econômica em torno de Juiz de Fora fez com que a cidade se destacasse das demais, ocasionando a perda da liderança regional que Matias Barbosa possuía até então.

Desde então, Matias Barbosa manteve “laços fortes” com a cidade de Juiz de Fora, derivados da proximidade geográfica entre as cidades, e da relação hierárquica de liderança que Juiz de Fora exerce sobre as cidades vizinhas, em especial de Matias Barbosa. Uma das marcas histórias dessa ligação entre as cidades foi a criação do Trem Urbano de Juiz de Fora, popularizado com o nome de Trem Xangai, em 1951, pela Estrada de Ferro Central do Brasil. A rota do Trem Xangai ligava a cidade de Matias Barbosa à Juiz de Fora. A viagem iniciava-se às 5h da manhã, em Matias Barbosa, passando por Cedofeita, Retiro, Centro de Juiz de Fora, Mariano

Procópio, Francisco Bernardino, Barbosa Lage, Setembrino de Carvalho, Coronel Felício Lima, e Benfica, que na época chamava-se distrito de Benfica de Minas (Giesbrecht, 2001).

O trajeto de 36,4 km possuía sete estações e o trem puxado por locomotivas a diesel operava em diversas viagens diárias de 90 minutos cada. O meio de transporte foi importante por conectar a população da periferia de Juiz de Fora ao Centro, onde se concentravam os postos de trabalho e se tratou de um dos primeiros trens suburbanos fora do Rio de Janeiro. (Bartholomeu, 2016)

O Xangai era o principal meio de transporte dos trabalhadores matienses, chegando a transportar aproximadamente 1400 usuários por dia. A popularidade do trem se dava por alguns motivos, primeiramente pelo baixo valor, em abril de 1993 a passagem custava Cr\$ 5 mil (aproximadamente 2 reais), pela pontualidade e segurança e também pela bonita paisagem do trajeto, circundada por morros e vales (Giesbrecht, 2001).

Figura 6 – Imagem Trem Xangai. Trecho Benfica- Matias Barbosa



Fonte: Acervo de Mauricio Lima Correa.¹

Em 1996, iniciou-se o processo de privatização da Malha Sudeste da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) através do consórcio MRS Logística, formado basicamente por clientes da ferrovia, que adquiriu a malha e optou por explorar apenas o transporte de cargas dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, excluindo a possibilidade da continuidade do transporte de passageiros. Essa decisão causou muita comoção social, em setembro de 1996 o Tribunal de Contas da União recomendou ao governo federal que mantivesse a atividade do Xangai, alegando que a retirada do trem causaria grande impacto social negativo, a população organizou grandes protesto a favor da permanência da rota, mas todas as essas ações foram insuficientes, pois no dia 31 de dezembro de 1997 o trem foi desativado (Marcelo Moreira, 1996).

¹ Disponível em: < <https://br.pinterest.com/pin/51650726953642408/>> . Acesso em 22 abr.2022.

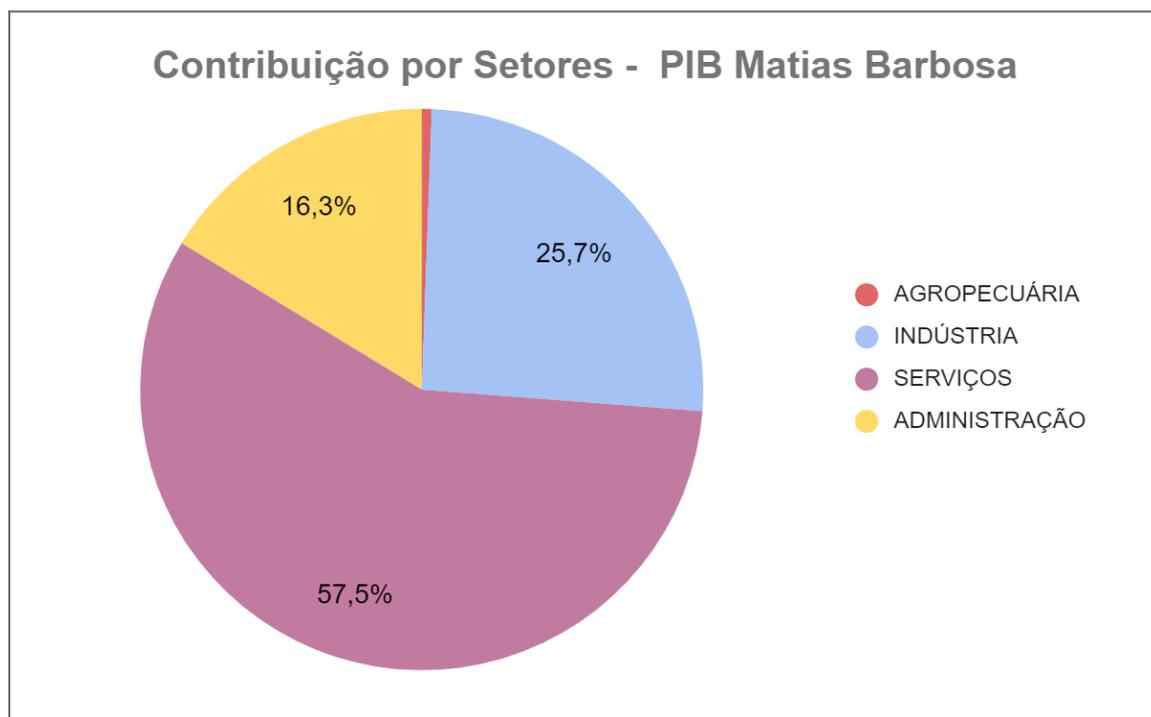
Após a desativação do Xangai, o fluxo de trabalhadores e estudantes de Matias Barbosa permaneceu, sendo realizado exclusivamente por meio do transporte rodoviário. Melhorias realizadas na Estrada União Indústria e na BR 040 que foi duplicada no trecho Juiz de Fora - Matias Barbosa no ano de 2006 em conjunto com a ampliação da frota de ônibus intermunicipais entre os dois municípios contribuíram para fluidez entre as cidades, colaborando para que o deslocamento pendular da população se mantivesse.

A pesquisa elaborada por Quaquio (2019) aponta que ocorrem cerca de 92 viagens por dia entre esses municípios, sendo disponibilizados cerca de nove ônibus diariamente e cada veículo possui uma média de 46 (quarenta e seis) assentos disponíveis. O percurso leva em média 35 (trinta e cinco) minutos e existem dois trajetos disponíveis para o deslocamento entre os municípios de Matias Barbosa e Juiz de Fora, pela estrada União Indústria e pela rodovia federal BR-040.

Geralmente, quando imaginamos uma cidade pequena, logo atrelamos esse espaço ao meio rural e as formas particulares de seus habitantes vivenciarem o espaço. Apesar de ser uma cidade pequena, Matias Barbosa mantém poucas relações com o meio rural, tendo 96,35% de sua população vivendo na área urbana, e atividades econômicas ligadas majoritariamente ao setor de serviços (IBGE, 2010).

A agropecuária é pouco expressiva no município, correspondendo a menos de 1% do PIB municipal. O único cultivo permanente e expressivo é o de banana, além do cultivo permanente de goiaba e lichia. Dentre os cultivos temporários destaca-se o de Cana-de-açúcar Forrageira, além do cultivo de feijão, mandioca e milho (IBGE, 2017). O gráfico (Figura 7) abaixo esquematizada de forma sintetizada as contribuições de cada setor para o PIB. , a atividade industrial corresponde a 25,7% do PIB municipal, e o setor terciário é o mais expressivo para a economia do município, sendo responsável por 57,5% do PIB municipal (IBGE, 2019).

Figura 7 – Gráfico distribuição do PIB por setores



Fonte: Elaborado pela autora IBGE 2019

Economicamente o município está entre os mais desenvolvidos de sua região imediata, com o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$564.394,19 (×1000) o terceiro maior da região e PIB per capita de R\$39.009,83 , o mais elevado de sua região imediata (IBGE, 2019).

Tabela 1 – Ranking Região Imediata de Juiz de Fora, PIB e PIB per capita

PIB a preços correntes (x1000)		PIB per capita(Unidade: R\$)	
Juiz de Fora	18.695.464,85	Matias Barbosa	39.009,83
Santos Dumont	1.008.419,66	Juiz de Fora	32.864,04
Matias Barbosa	564.394,19	Simão Pereira	27.994,09
Lima Duarte	318.421,35	Piau	24.938,13

Andrelândia	233.131,96	Santos Dumont	21.692,51
Bom Jardim de Minas	114.309,67	Arantina	19.368,11
Rio Novo	110.954,97	Andrelândia	19.071,66
Liberdade	82.646,19	Lima Duarte	19.069,43
Simão Pereira	73.204,56	Bom Jardim de Minas	17.656,73
Piau	68.529,98	Goianá	16.963,61
Goianá	67.277,67	Santa Bárbara do Monte Verde	16.391,53
Santa Rita de Jacutinga	62.622,58	Liberdade	16.304,24
Bocaina de Minas	61.675,32	Paiva	16.026,60
Rio Preto	61.472,57	Passa-Vinte	15.598,30
Arantina	54.133,86	Oliveira Fortes	15.236,94
Belmiro Braga	51.791,49	Belmiro Braga	15.103,96
Santa Bárbara do Monte Verde	51.633,31	Coronel Pacheco	14.927,56
Coronel Pacheco	46.066,45	Olaria	14.008,02
Santana do Deserto	41.463,72	Santa Rita de Jacutinga	12.821,99
Ewbank da Câmara	40.831,19	Pedro Teixeira	12.669,57
Chácara	39.544,27	Chácara	12.537,82
Chiador	32.561,75	Rio Novo	12.398,59
Bias Fortes	32.515,57	Chiador	12.118,25
Oliveira Fortes	32.500,40	Bocaina de Minas	12.116,96
Passa-Vinte	31.804,94	Aracitaba	11.585,36
Paiva	24.504,67	Rio Preto	11.225,82
Olaria	24.472,00	Ewbank da Câmara	10.434,75
Aracitaba	23.900,60	Santana do Deserto	10.428,50
Pedro Teixeira	22.893,91	Bias Fortes	9.622,84

Fonte: Elaborado pela autora, dados IBGE

A renda per capita média cresceu 90,72% nas últimas duas décadas, passando de R\$ 332,29, em 1991, para R\$ 448,92, em 2000, e para R\$ 633,76, em 2010. O salário médio da população matiense é de 2,2 salários mínimos, e o percentual da população ocupada é de aproximadamente 38,7% (IBGE, 2019). O índice de Gini, utilizado para medir o grau de desigualdade em um determinado grupo, está em 0,49, valor considerado mediano (ATLAS BRASIL, 2022).

Outro importante indicador socioeconômico que permite a análise da realidade social dos habitantes de diferentes localidades é o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), esse índice é medido através de três fatores do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda, aplicados em uma escala municipal (ATLAS BRASIL, 2022). O IDHM é considerado uma alternativa de análise mais completa que o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que é muito utilizado no ranqueamento de municípios, mas quando usado isoladamente favorece distorções de análise, por não levar em conta a desigual distribuição de renda vivenciada em países subdesenvolvidos.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é um número que varia entre 0,000 e 1,000, quanto mais próximo de 1,000, maior o desenvolvimento humano de uma localidade. Em 2010 o IDHM de Matias Barbosa era de 0,720, valor que insere o município na faixa de Desenvolvimento Humano considerado alto. A dimensão de desenvolvimento que mais contribui para o desempenho do IDHM de Matias Barbosa é a longevidade (0,862), seguida pela Renda (0,703) e Educação (0,616) (ATLAS BR, 2022).

Em um estudo comparativo dos principais componentes do IDHM, Matias Barbosa ocupa a 1301ª posição no ranking nacional. No ranking estadual, o município ocupa a 130ª posição, e no ranking da Região Imediata de Juiz de Fora ocupa a 3ª posição, ficando atrás apenas dos municípios de Juiz de Fora e Santos Dumont (SILVA, 2017, p.32).

Tabela 2 – Ranking Região Imediata de Juiz de Fora, IDHM

Posição (MG)	CIDADE	IDHM (2010)	Faixa IDHM	Posição (MG)	CIDADE	IDHM (2010)	Faixa IDHM
7°	Juiz de Fora	0,778	Alto	432°	Coronel Pacheco	0,669	Médio
54°	Santos Dumont	0,741	Alto	462°	Chácara	0,664	Médio
130°	Matias Barbosa	0,720	Alto	480°	Aracitaba	0,661	Médio
130°	Paiva	0,720	Alto	487°	Belmiro Braga	0,660	Médio
143°	Goianá	0,716	Alto	536°	Santana do Deserto	0,651	Médio
162°	Chiador	0,711	Alto	556°	Passa-Vinte	0,648	Médio
167°	Lima Duarte	0,710	Alto	576°	Bocaina de Minas	0,645	Médio
188°	Rio Novo	0,707	Alto	605°	Simão Pereira	0,638	Médio
224°	Andrelândia	0,700	Alto	614°	Pedro Teixeira	0,637	Médio
240°	Arantina	0,697	Médio	620°	Olaria	0,636	Médio
342°	Santa Rita de Jacutinga	0,682	Médio	623°	Oliveira Fortes	0,635	Médio
359°	Rio Preto	0,679	Médio	659°	Piau	0,629	Médio
379°	Ewbank da Câmara	0,676	Médio	713°	Bias Fortes	0,620	Médio
407°	Bom Jardim de Minas	0,673	Médio	762°	Santa Bárbara do Monte Verde	0,606	Médio
412°	Liberdade	0,672	Médio				

Fonte: Atlas Brasil (PNUD, 2022)

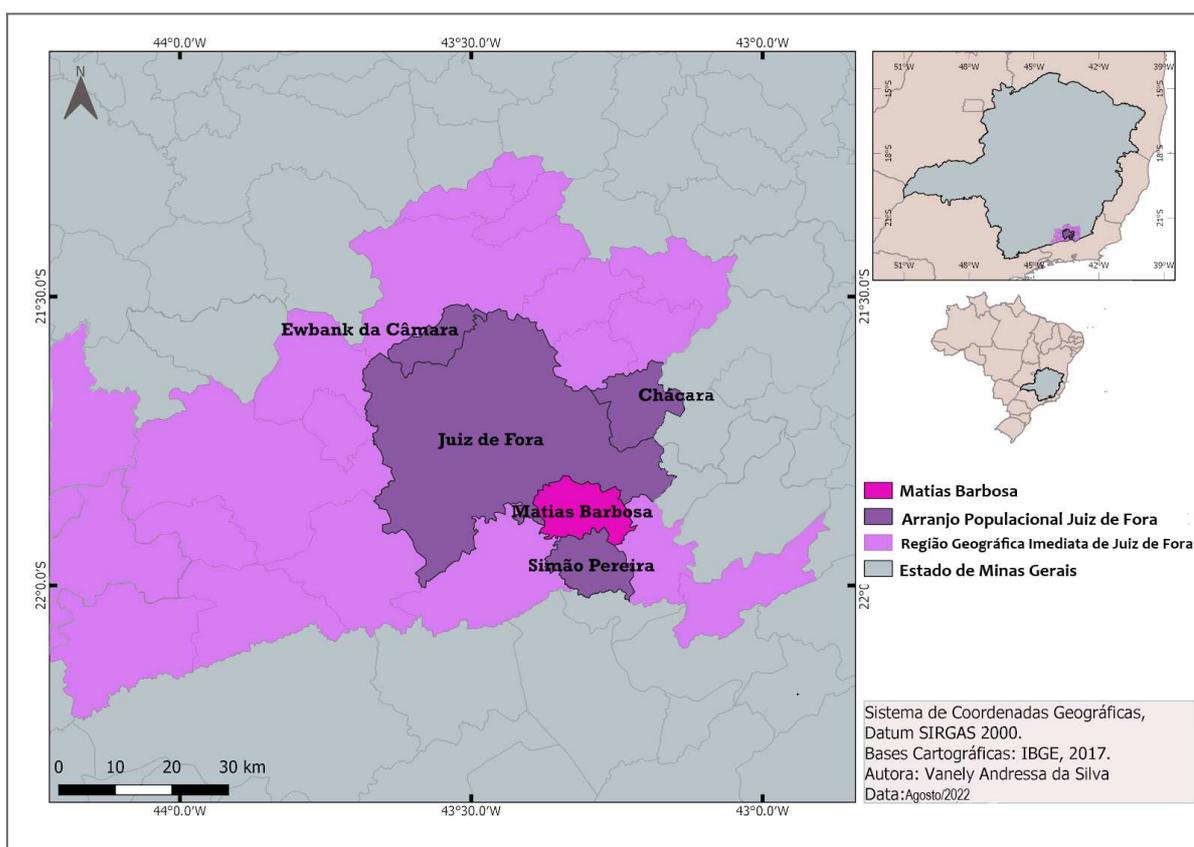
Apesar de o IDHM ser considerado um dos índices que mais se aproximam da realidade dos municípios, ainda é considerado muito raso por parte dos urbanistas, por considerar o mínimo dos fatores que garantem uma boa qualidade de vida. Capelina et al. (2016) propõe que sejam incorporadas formas de medidas qualitativas na determinação de IDHM, baseados em quantidade e qualidade, considerando também espaços públicos, áreas de lazer, áreas verdes, arborização, proteção ambiental, acessibilidade, mobilidade, qualidade estética, acesso a serviços culturais e segurança – incorporação essa realizada por meio de pesquisas qualitativas, nas quais a percepção dos usuários assíduos – ou seja, dos munícipes que diariamente vivem realidades específicas – possa determinar a qualidade que os cerca, refletindo-se em Índices de Desenvolvimento Humano e Municipal.

A despeito de toda polêmica atrelada às análises de índices sociais e econômico, podemos verificar que o município de Matias Barbosa apresenta um bom desempenho econômico, que pode ser atrelado a uma gama de fatores, dentre eles a sua posição geográfica privilegiada e de fácil acesso à grandes centros urbanos, estando à 25 Km de Juiz de Fora, e 161 Km de distância do Rio de Janeiro.

Silva (2010), nos alerta sobre a necessidade de reconhecermos a diversidade de relações urbanas contidas no Brasil, e em como o conceito de posição geográfica pode nos ajudar a compreender que o tamanho demográfico não pode ser um critério primordial para definirmos as relações que determinadas cidades podem estabelecer com as demais. Por isso a cidade deve ser analisada como um “sistema dentro de um sistema de cidades”, para sermos capazes de analisar suas particularidades (SILVA, 2010, p.93). Nessa perspectiva é de suma importância que analisemos a cidade de uma maneira holística, entendendo os diversos fatores que contribuem para a realidade vivenciada em uma cidade, seja através do viés econômico ou social.

Matias Barbosa faz parte do Arranjo Populacional "Juiz de Fora/MG" (Figura 8), que é composto também pelas cidades: Chácara, Ewbank da Câmara, e Simão Pereira, tendo Juiz de Fora como município núcleo desse arranjo. Os arranjos populacionais são agrupamentos de dois ou mais municípios onde há uma forte integração populacional e intensificação de movimentos pendulares para trabalho ou estudo. O nível de integração de Matias Barbosa com os outros municípios do arranjo populacional é de 0,29, representando cerca de 2.678 pessoas que estudam ou trabalham em municípios vizinhos.

Figura 8 – Mapa Arranjo Populacional Juiz de Fora/MG



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Além disso, a proximidade com a cidade de Juiz de Fora, associada ao fácil deslocamento pela BR 040, faz com que os habitantes da cidade tenham grande facilidade de deslocamento pendular, corroborando com a intensificação das relações entre as cidades, e influenciando profundamente em como os seus moradores constroem suas territorialidades. O que faz com que alguns espaços da cidade de Juiz de Fora sejam incorporados à vivência cotidiana dos matienses, principalmente pelos jovens, que possuem rotinas com relações diretas aos principais elos entre as duas cidades: educação, trabalho e lazer.

Todos esses fatores históricos, locais e econômicos apresentados nos demonstram o porquê da cidade de Matias Barbosa não se enquadrar em outros tipos de cidades pequenas analisados por Nogueira (2016), como por exemplo os “centros que vivem de recursos externos”, já que a cidade possui índices econômicos satisfatórios diante da realidade econômica de sua região.

A tipologia “reservatórios de força-de-trabalho” e “reservatórios de força de trabalho agrícola” também não se enquadram na realidade da cidade, pois apesar da cidade manter um fluxo intenso de trabalhadores que vivenciam diariamente a chamada migração pendular entre grandes centros urbanos vizinhos, em especial Juiz de Fora, a cidade é capaz de criar postos de trabalho internos principalmente na esfera pública e de prestação de serviços, além de manter um distanciamento econômico e social de atividades agrícolas.

Além desta breve apresentação das principais características históricas e econômicas da cidade de Matias Barbosa, consideramos relevante caracterizar outros aspectos da cidade, que nos auxiliam a descrever minimamente o cenário das experiências narradas por nosso entrevistados, por isso faremos outra breve apresentação da cidade, desta vez destacando seus aspectos físicos culturais e populacionais, que nos remetem à outras categorias geográficas, como a paisagem e o lugar.

O município de Matias Barbosa apresenta uma paisagem com predominância de colinas, morros e áreas montanhosas, apresentando na maior parte do município declividades consideráveis (Figura 9). O município está inserido no Domínio Morfoclimático Mares de Morros, encontrado nas regiões litorâneas ou sublitorâneas do Brasil, estendendo-se do Nordeste ao Sul com maior destaque na Região Sudeste. Suas paisagens são caracterizadas por possuir um relevo ondulado, moldado pela ação do intemperismo. A nomenclatura deste domínio foi formulada em 1939 por Pierre Deffontaines, quando propôs a descrição das particularidades do relevo do Brasil Tropical Atlântico, e concluiu que o relevo dessa região apresenta cumes arredondados, parecidos com “meias laranjas” ou “cascos de tartarugas” que quando agrupados possuem um aspecto de agitação marítima, designando então o termo “mares de morros” a essas feições geográficas (AB’ SÁBER, 2003, p.57).

Figura 9 – Imagem Paisagem área rural de Matias Barbosa



Fonte: Fábio Lima (2013)²

Geomorfologicamente, o município situa-se nas áreas denominadas de Serranias da Zona da Mata, inserida na faixa que compreende a Mantiqueira Setentrional (RADAMBRASIL, 1983). A Unidade Serranias da Zona da Mata mineira possui como característica principal as formas alongadas, tipo cristas, típicas do leste de Minas Gerais. Seus vales e formas de relevo têm forte tendência a apresentarem uma orientação SO-NE, refletindo a direção dos dobramentos a que a região foi submetida (GIOVANI, 2006).

As maiores elevações na área podem alcançar até aproximadamente 851 m de altitude na Serra do Mina, caracterizadas por vertentes convexo-côncavas e convexo-retilíneas do topo até as baixadas. As expressões intermediárias do relevo

² Disponível em: < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/13.156/4822> > . Acesso em 18 jul.2022.

podem ser evidenciadas na forma de pequenos morros. Pelo relevo ser fortemente ondulado, a região como um todo se fez ao longo dos vales, nas planícies e vertentes colinosas em direção aos interflúvios, esse modo de ocupação é considerado um dos maiores problemas urbanos nessa região, pois pode frequentemente culmina em diversos problemas sociais causados principalmente por deslizamentos de encostas.

Figura 10 – Imagem Paisagem de Matias Barbosa



Fonte: Ricardo Sartine (2011)³

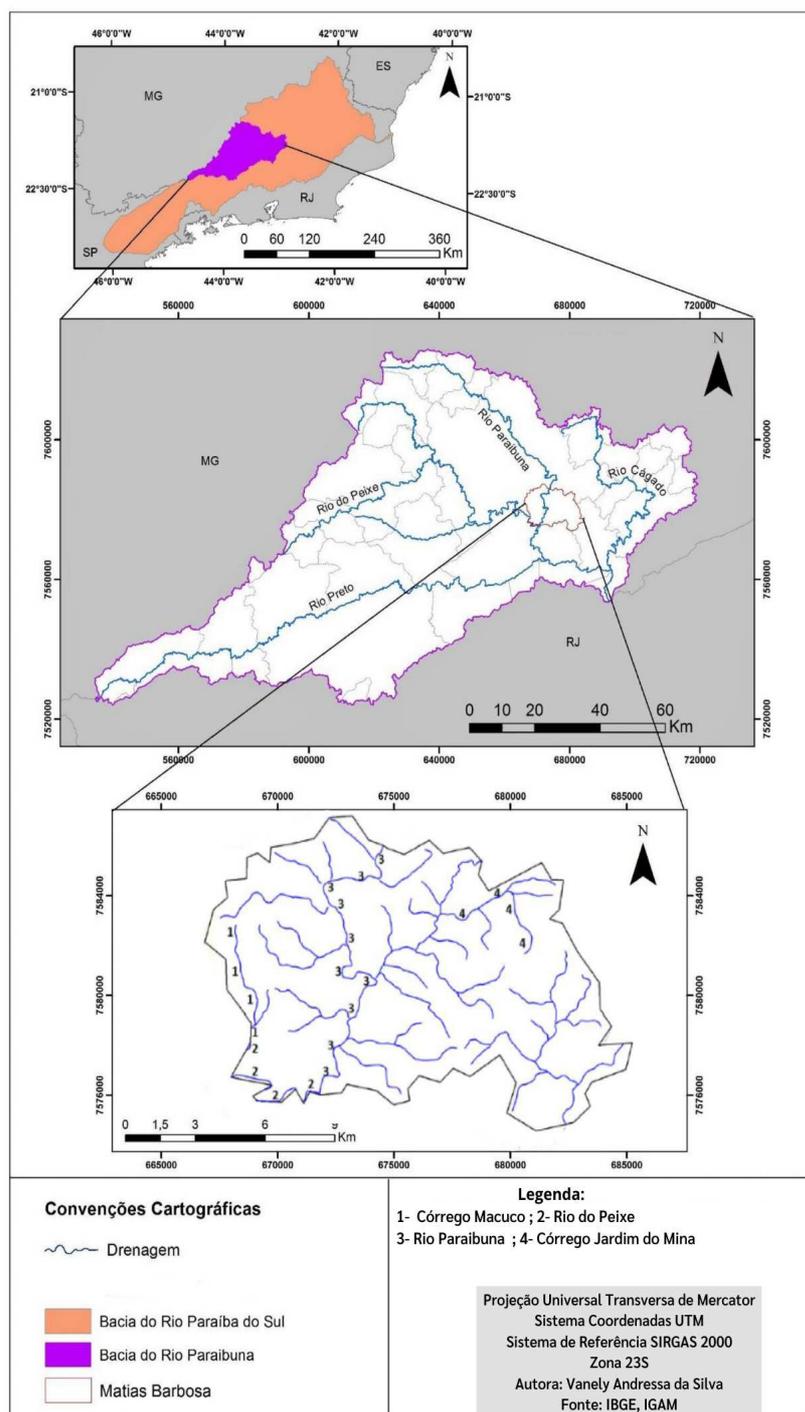
O clima do município e de seu entorno é classificado como Tropical de Altitude, quente e úmido, com verões quentes e chuvosos e invernos com estiagem de quatro a cinco meses. Nos pontos de altitude mais elevada os verões são brandos e o clima é classificado como Tropical Superúmido sem seca. A precipitação média anual dessa região é de 1.200 mm a 1.600 mm, e a temperatura média anual varia de 17,4 a 24,7°C (GUEDES, 2012).

³ Disponível em: <<http://ricardosartine.blogspot.com/2012/01/1-sesmaria-de-mathias-barboza-da-silva.html>> .

Acesso em 18 jul.2022.

Matias Barbosa está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, que por sua vez se encontra na Bacia Hidrográfica do Rio Paraibuna (Figura 11). O município pertence ao Comitê da Bacia Hidrográfica dos Afluentes Mineiros dos Rios Preto e Paraibuna. Segundo Almeida (2014), o córrego São Fidélis é utilizado pelo município para abastecimento público, enquanto o Rio Paraibuna “atua como o principal receptor de efluentes da região do município de Juiz de Fora, situado a montante de Matias Barbosa” (ALMEIDA, 2014).

Figura 11– Mapa de Drenagem Matias Barbosa



Fonte: Elaborado pela autora

O Rio Paraibuna destaca-se por ser palco de históricas e recorrentes enchentes, ocasionadas principalmente pela ocupação de sua planície de inundação (GIAROLA, 2017, p. 2), tais enchentes fazem parte da história da cidade, e estão inseridas em práticas arquitetônicas e comportamentais da população da cidade, que preparam-se anualmente para o aumento do nível do Rio Paraibuna e suas implicações.

Outros rios importantes para o município são o Córrego Macuco, localizado de sudoeste a oeste; o Rio do Peixe, localizado a sudoeste e o Córrego Jardim do Mina, localizado a nordeste (figura 11).

A cobertura florestal original de Matias Barbosa e seu entorno é de Mata Atlântica, que aos poucos foi sendo extraída para a intensificação da cultura cafeeira no século XIX. Os impactos da atividade econômica somados ao grande crescimento populacional e conseqüentemente a urbanização desordenada foi responsável pela grande queda no percentual de Mata Atlântica ainda remanescente.

Atualmente, observa-se grande utilização das terras para a pecuária extensiva, o que corroborou ainda mais para a expansão das pastagens e erosão dos solos decorrente da topografia desfavorável, do manejo inadequado e ineficiente do solo e da estrutura fundiária deformada (ROCHA, 2008).

Quando observamos os aspectos culturais da cidade, verificamos que assim como em muitas cidades mineiras, a influência do catolicismo na história e na cultura da cidade é muito presente e evidenciada através de algumas práticas culturais, e pelo uso de topônimos de categoria religiosa para nomear ruas, bairros, e até mesmo a cidade, por isso o primeiro nome da cidade foi Nossa Senhora da Conceição de Matias Barbosa (IBGE,2016).

Um dos principais pontos turísticos da cidade são as igrejas, representadas na figura 12, com destaque para a Capela de Nossa Senhora do Registro do Caminho Novo, um Patrimônio Nacional que atualmente é chamada de Capela do Rosário, construída no século XVIII. Um de seus diferenciais é que a capela abriga a entrada de um túnel localizado no subsolo das adjacências da igreja, no centro da cidade. Não existe uma história oficial sobre a construção do túnel, nem sobre sua finalidade, mas há rumores de que o túnel serviria para o contrabando de ouro e outras riquezas, além de servir como esconderijo para escravos fugitivos (PMMB, 2020). Além disso, a mesma capela abrigou inconfidentes, dentre eles Tiradentes, que estavam a caminho do Rio de Janeiro, onde seriam julgados e condenados.

Figura 12 – Imagem Igreja Matriz e Capela do Rosário



Fonte: PMMB (2020)⁴.

Atualmente, o Departamento de Cultura e Turismo da Prefeitura de Matias Barbosa é o principal órgão idealizador de ações voltadas para o entretenimento da população, através de eventos culturais gratuitos e em espaços públicos. A cidade possui algumas festas tradicionais, com destaque para o Carnaval e Exposição Agropecuária. As praças são reconhecidas como importantes locais de encontro e sociabilização da população, sendo a Praça Peter Birkerland o principal espaço de cultura e lazer da cidade, principalmente por ser o palco das principais festas populares, como: Carnaval de Rua, Semana Cultural, Festa do Folclore, Encontro de Folias de Reis, Feiras Gastronômicas, Eventos Religiosos, Eventos Esportivos, entre outros.

O povo matiense possui origem em diversas etnias que ajudaram a construir a história de seu território, formando uma população muito miscigenada. Seu histórico de cidade às margens do Caminho Velho, do Caminho Novo e posteriormente da Estrada de Ferro, fez com que a cidade recebesse muitos trabalhadores e visitantes, que em alguns casos instalaram-se definitivamente.

O processo de imigração de maior destaque foi o de italianos, principalmente no ano de 1888, quando um fazendeiro local, Eugênio Teixeira Leite,

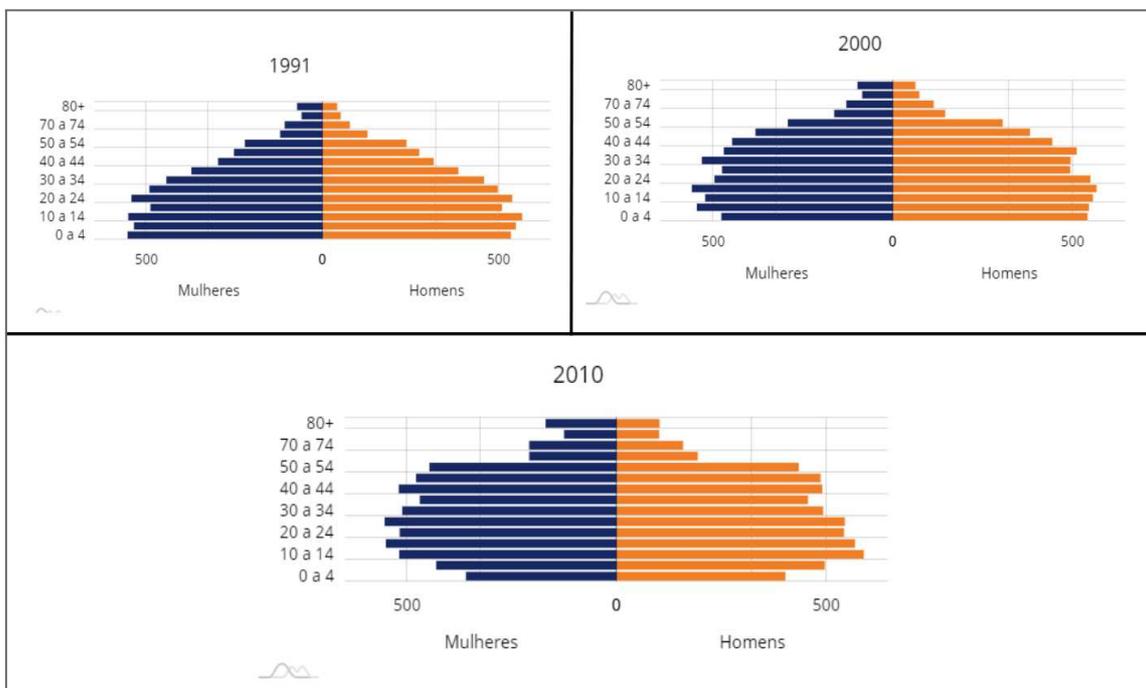
⁴ Disponível em: <<https://www.matiasbarbosa.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/fotos/164>> . Acesso em 05 mai.2021.

resolveu substituir a mão de obra escrava por trabalhadores italianos nas plantações de café (CMMB p.29).

A estimativa é que a população de Matias Barbosa encontra-se em torno de 14.626 pessoas (IBGE,2021), com a média de crescimento anual em torno de 0,87%, abaixo da média nacional, que é de 1,17%. A população residente em Matias Barbosa apresentava uma proporção entre homens e mulheres bem equilibrada, sendo composta por 50,1% de mulheres e 49,8% de homens, esse equilíbrio também é presente na proporção entre pessoas que se autodeclaram brancas ou negras (Atlas BR, 2017).

A Estrutura Etária aponta que sua população está avançando no processo “transição demográfica”, onde a população apresenta queda das taxas de fecundidade, natalidade e de mortalidade, ocasionando a gradual desaceleração do crescimento populacional. Essa desaceleração do crescimento populacional pode ser observada através da análise da evolução das pirâmides etárias da população de Matias Barbosa, demonstradas na Figura 13.

Figura 13 – Gráfico Evolução das Pirâmides Etárias do Município de Matias Barbosa



Fonte: Atlas Brasil (2017)

Em 2010, Matias Barbosa passou a vivenciar o processo demográfico conhecido como “Janela de Oportunidade” ou “Bônus demográfico”, caracterizado pelo aumento percentual da PIA (População em Idade Ativa - 15 e 64 anos), associada à redução de suas razões de dependência (coeficiente entre a população economicamente dependente - menores de 15 anos de idade e os maiores de 65 anos - e a População em Idade Ativa -15 a 64 anos) (ALVES, 2010). No último censo realizado em 2010 a PIA representava 69,5% e a razão de dependência era 43,37%, isso sinaliza possíveis vantagens econômicas através da maior disponibilidade de mão de obra, geração de receita e aumento do mercado consumidor.

Os dados populacionais da cidade de Matias Barbosa, bem como os de outras cidades brasileiras, serão atualizados esse ano através do censo demográfico que está em andamento, apesar disso, é possível realizar o recorte populacional dos indivíduos tratados em nossa pesquisa através da análise dos dados apresentados em 2010. Estima-se que atualmente a cidade possui aproximadamente 3.154 habitantes jovens, representando cerca de 21% da população matiense, esse índice é muito próximo à média de jovens em todo Brasil, que atualmente representa cerca de 23% da população brasileira (IBGE, 2022).

Apesar da expressiva representatividade numérica de jovens em nossa população, verificamos que poucos estudos demográficos são direcionados exclusivamente para esse grupo, por esse motivo buscaremos esmiuçar as principais variáveis atreladas ao sujeito jovem, e como tais aspectos interferem na maneira que eles vivenciam a juventude e a cidade.

5 JUVENTUDE MATIENSE: APRESENTANDO NOSSOS SUJEITOS

Pretendemos apresentar nossos sujeitos sob múltiplas dimensões, procurando encontrar diferentes nuances que sejam capazes de nos aproximar de sua realidade, por isso buscaremos entender os processos sociais que envolvem esses jovens, suas condições econômicas, políticas, sociais e principalmente espaciais, que estejam interligadas com a dimensão territorial na qual constroem suas práticas de lazer.

Um dos aspectos promissores das análises das cidades pequenas está relacionado aos tipos de relações sociais que as pessoas constroem com os espaços públicos, principalmente as praças, visto que geralmente é um dos poucos espaços de lazer disponíveis para toda população, e por isso torna-se palco de diversos momentos marcantes dos habitantes da cidade, fazendo com que o espaço da praça não seja apenas para circulação e deslocamento, mas também espaços de vivência

As cidades pequenas apresentam características em relação a sua vida cotidiana que as tornam únicas. A relação tempo-espaço difere das médias e grandes cidades brasileiras, sua temporalidade é marcada pelas tradições e a regularidade dos fatos ocorridos, como por exemplo, as festas religiosas que estão presentes no cotidiano das cidades e são marcos para sua organização espacial e temporal, ditando a ordem de ocupação dos espaços públicos e o calendário de feriados, festas e costumes locais.

Ao contrário do que durante muito tempo se acreditava, as cidades pequenas não são todas iguais, a diversidade se encontra presente nessas cidades, pois ali também se apresenta a complexidade da sociedade moderna, dividida em diversos universos alternativos, com pessoas de diferentes religiões, classes sociais, tradições étnicas, concepções políticas, entre outros, que vão se apropriar desse espaço de diversas formas, podendo construir seus próprios territórios (SILVA, 2007).

Nesse sentido, buscaremos entender as particularidades de se vivenciar a juventude na cidade de Matias Barbosa através de relatos dos próprios jovens, entendendo como eles se vêem enquanto habitantes da cidade, como eles ocupam seus espaços, e como vivenciam o lazer.

5.1 ELES POR ELES

Buscamos elaborar um perfil social dos jovens participantes através das respostas dos questionários aplicados. Essas respostas tornaram-se dados primários sobre os sujeitos, possibilitando a identificação de algumas de suas características sociais, econômicas e espaciais.

Ao todo, 53 jovens com idades entre 15 e 28 anos responderam ao nosso formulário online, sendo 42 do sexo feminino, e 11 do sexo masculino (Tabela 3). Todos os entrevistados nasceram no Estado de Minas Gerais, sendo 73,5% nascidos em Juiz de Fora, 14,3% em Matias Barbosa e 12,2% em outros municípios mineiros.

Tabela 3 – Perfil dos Entrevistados

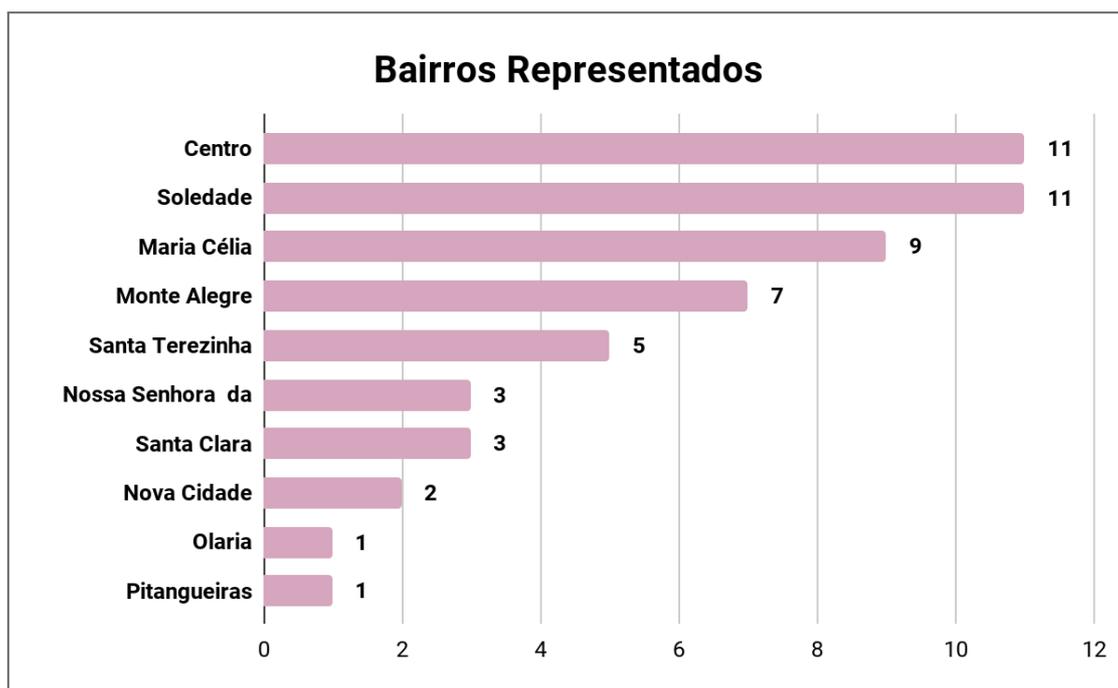
Entrevistado	Identidade de Gênero	Idade	Bairro que mora	Entrevistado	Identidade de Gênero	Idade	Bairro que mora
1	Mulher	25 anos	Soledade	28	Homem	17 anos	Maria Célia
2	Homem	17 anos	Soledade	29	Homem	22 anos	Monte Alegre
3	Mulher	25 anos	N. Sra. da Penha	30	Mulher	18 anos	Santa Terezinha
4	Mulher	25 anos	Santa Terezinha	31	Mulher	17 anos	Soledade
5	Mulher	22 anos	Santa Terezinha	32	Mulher	16 anos	Santa Terezinha
6	Mulher	24 anos	Centro	33	Mulher	17 anos	Centro
7	Mulher	19 anos	Soledade	34	Homem	19 anos	Monte Alegre
8	Mulher	18 anos	Maria Celia	35	Mulher	19 anos	Santa Clara
9	Mulher	16 anos	Soledade	36	Mulher	18 anos	Nova Cidade
10	Mulher	20 anos	Maria Célia	37	Mulher	25 anos	Monte Alegre
11	Mulher	15 anos	Soledade	38	Mulher	20 anos	Centro
12	Homem	16 anos	Maria Célia.	39	Mulher	18 anos	Centro

13	Mulher	15 anos	Maria Célia	40	Mulher	19 anos	Santa Clara
14	Mulher	24 anos	Centro	41	Mulher	18 anos	Santa Clara
15	Mulher	23 anos	Olaria	42	Mulher	21 anos	N. Sra. da Penha
16	Mulher	23 anos	Monte Alegre	43	Mulher	23 anos	N. Sra. da Penha
17	Mulher	23 anos	Monte Alegre	44	Mulher	26 anos	Monte Alegre
18	Mulher	22 anos	Soledade	45	Homem	24 anos	Monte Alegre
19	Mulher	18 anos	Centro	46	Mulher	21 anos	Maria Célia
20	Mulher	21 anos	Soledade	47	Homem	28 anos	Soledade
21	Mulher	27 anos	Maria Celia	48	Mulher	27 anos	Centro
22	Homem	19 anos	Soledade	49	Homem	23 anos	Centro
23	Mulher	25 anos	Pitangueiras	50	Mulher	18 anos	Centro
24	Homem	17 anos	Maria Célia	51	Mulher	21 anos	Monte Alegre
25	Mulher	16 anos	Centro	52	Mulher	25 anos	Soledade
26	Mulher	16 anos	Santa Terezinha	53	Homem	18 anos	N. Sra. da Penha
27	Mulher	19 anos	Centro				

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na intenção de iniciar o processo de compreensão de suas espacialidades, identificamos os bairros onde os entrevistados residem, e as principais características de seus núcleos familiares. Do total de 23 bairros da cidade, 10 foram representados na pesquisa (Figura 14). Monte Alegre e Nossa Senhora da Penha são os bairros mais populosos da cidade, mas não foram os bairros com maior número de participantes, os bairros com maior número de representantes foram o Centro e o Soledade.

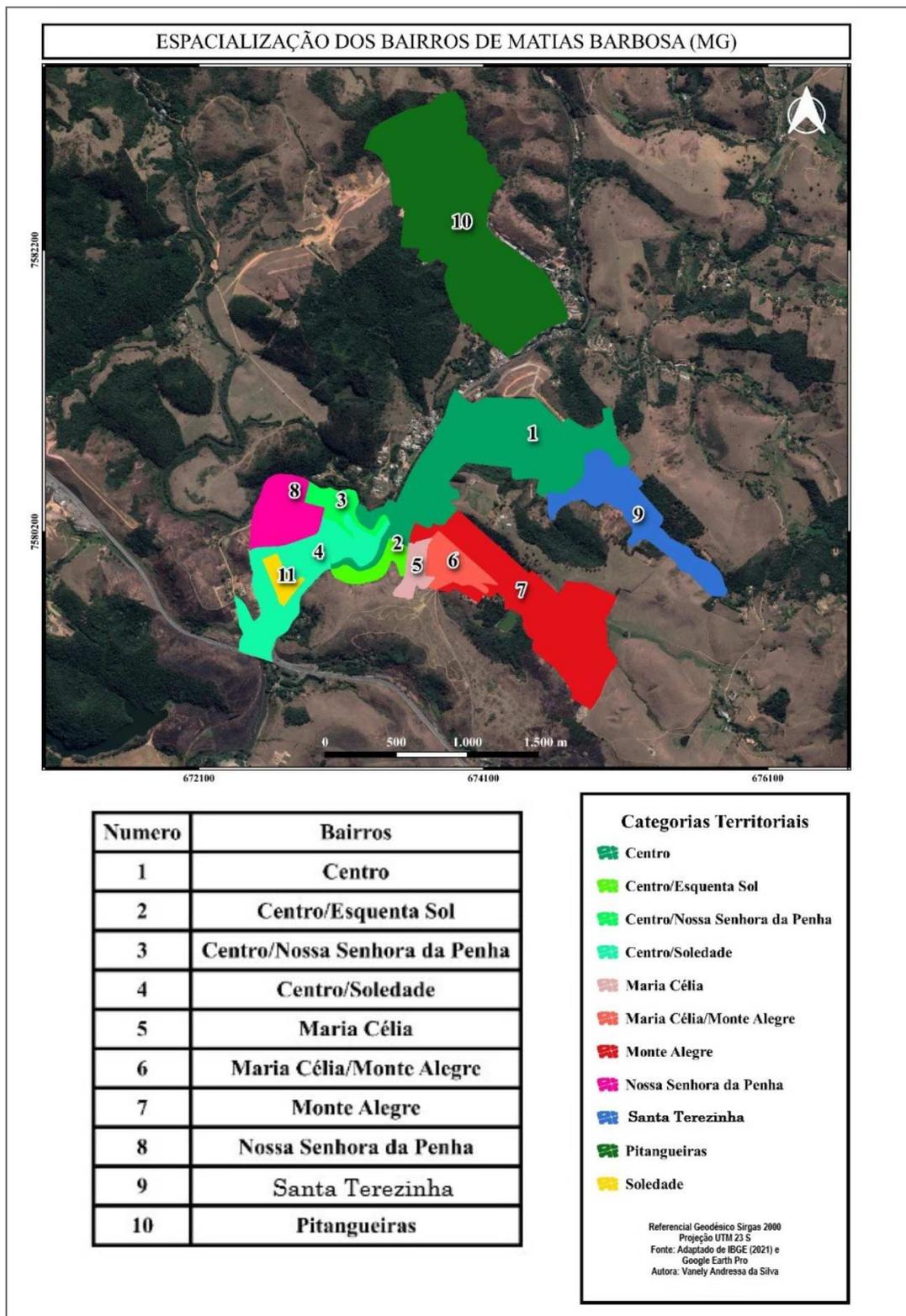
Figura 14 – Gráfico Bairros Representados



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na busca de entendimento sobre a distribuição dos representantes por bairros, podemos concluir primeiramente que a pesquisadora possui maior relação com os bairros Centro e Soledade, adquiridas principalmente através do trabalho docente realizados nesses territórios. Utilizamos essa questão para perguntar aos nossos entrevistados da segunda fase da pesquisa sobre os principais motivos da pouca representatividade dos dois principais bairros da cidade, de acordo com alguns dos entrevistados isso se deu porque o bairro Nossa Senhora da Penha é considerado um “bairro de idosos”, que possui poucos jovens.

Figura 15: Mapa de Espacialização dos Bairros de Matias Barbosa



Fonte: Elaborado pela autora

Pudemos verificar que os jovens entrevistados estão atentos a diversos aspectos da cidade, e se mostram preocupados com a realidade demográfica da cidade e do país, e durante as entrevistas chegaram a dizer que “ tem cada vez menos jovens em Matias, ninguém tá querendo ter filho mais. Meu pai tinha um monte de primo que morava no mesmo quintal que ele, eu só tenho 2”. Tais afirmativas nos demonstram que apesar de não possuírem dados demográficos específicos da população, os jovens conseguem visualizar o envelhecimento da população e declínio contínuo da taxa de natalidade da cidade.

Uma curiosidade presente no cotidiano da cidade e que pode ser verificada nas entrevistas é a prática de apelidar os bairros da cidade. Muitos bairros não são reconhecidos pelo seu nome oficial, mas sim por apelidos dados por moradores, que se perpetuam na rotina da cidade. O bairro Nossa Senhora da Penha é conhecido como “banheirinho”, por estar localizado em uma planície de inundação do Rio Paraíba, e sofrer com recorrentes inundações de suas ruas, como uma “banheira”. Já o bairro Maria Célia é conhecido como “morro dos cabritos”, por conta do histórico de um dos primeiros moradores do bairro que criava cabritos e os deixavam soltos nos morros de acesso ao bairro. O bairro Santa Terezinha é conhecido como “pendura saia”, pois de acordo com os relatos de antigos moradores as mulheres do bairro faziam os varais de roupas nas calçadas de suas casas.

Essa prática de apelidar bairros é algo característico da cidade, e é visto com estranheza por visitantes, no entanto entendemos que tal prática reforça a personalidade nas relações sociais e no comportamento da população, sendo um diferencial do cotidiano de cidades pequenas, onde ações e acontecimentos que seriam invisibilizados em um cotidiano urbano intenso, ganham diferentes proporções e conotações em uma cidade pequena. A personalidade pode ser vista como um fator de segurança social onde “nada passa imperceptível”, mas também pode ser vista como uma privação de privacidade pelo mesmo motivo.

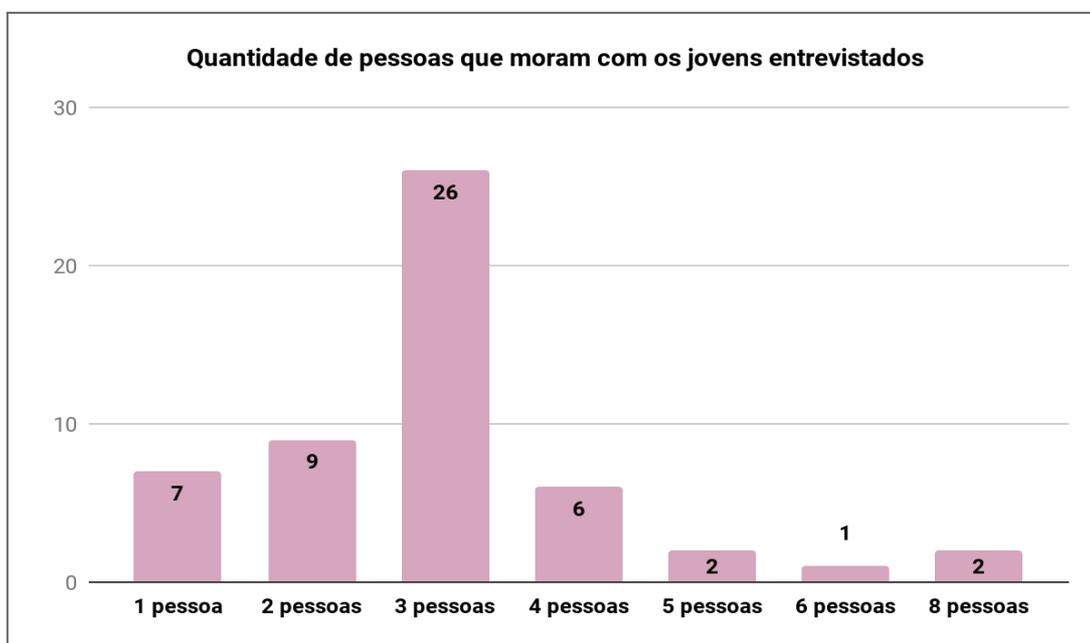
Outra particularidade identificada nas entrevistas é que para muitos jovens a principal diferença entre Matias Barbosa e uma cidade grande é o deslocamento entre os bairros, que é feito majoritariamente a pé ou de bicicleta, pois não existe transporte público entre os bairros da cidade, com exceção à linha “Ponte do Zamba”, que liga o limítrofe entre Matias Barbosa e Juiz de Fora, ao bairro Monte Alegre.

Um dos principais fatores que intensificam o deslocamento dos jovens é que a cidade possui apenas uma Escola Estadual, que é responsável por ofertar o Ensino

Fundamental II e o Ensino Médio, sendo assim todos os jovens que estudam na cidade de Matias Barbosa precisam se deslocar para o centro da cidade diariamente, mantendo o costume de circular pela cidade, e não estarem restritos aos seus bairros.

Além de buscarmos informações sobre “onde” nossos jovens moram e circulam, procuramos saber sobre o “com quem” eles residem. Em linhas gerais as famílias dos entrevistados são pequenas, a maioria delas (49,1%) é composta pelo jovem entrevistado e mais 2 pessoas. Esse dado reforça uma tendência das famílias matienses, apontada no Censo 2010, na qual mais de 60% delas eram compostas por 2 ou 3 pessoas

Figura 16: Gráfico Quantidade de pessoas que moram com os entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora

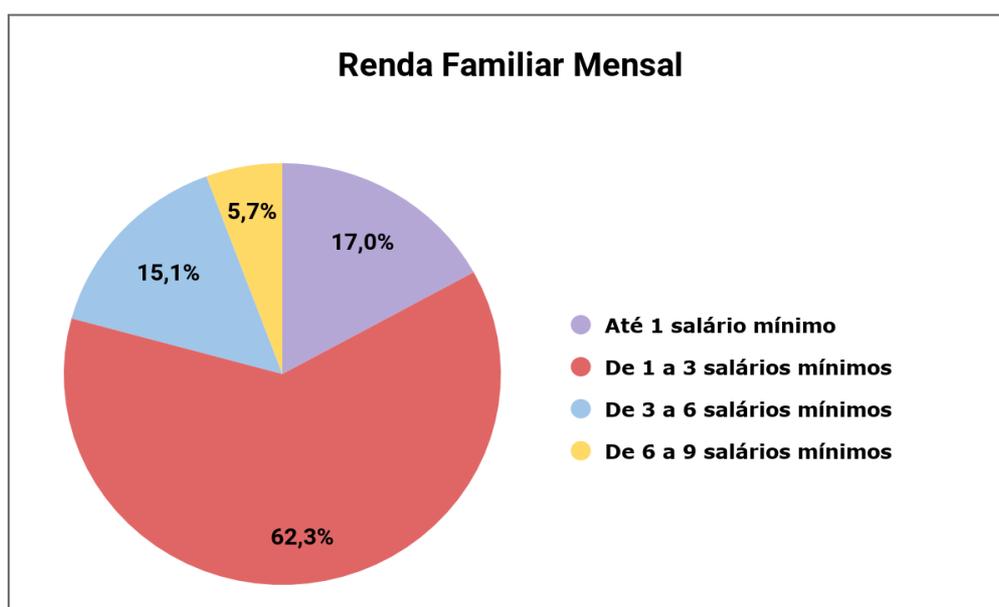
Outra informação que consideramos relevante para entender a realidade dos jovens entrevistados é saber quais estão formando um novo núcleo familiar, pois esse é um dos principais elementos que marcam a transição da condição juvenil para a vida adulta, essa transição é marcada também pela saída da escola e pela inserção profissional (Camarano; Kanso. 2009).

A situação conjugal e filhos são considerados por Abramo et al. (2009) como marcos de autonomia, que indicam a independência em relação à família de origem. Entre os jovens entrevistados, a maioria não possui filhos (86,4%), predominando os

solteiros na condição de filhos (78%), o que denuncia um alto grau de dependência da estrutura familiar. Apenas 16% já constituíram outro domicílio, 6% moram com seus cônjuges e 10% moram com o cônjuge e filhos, o restante dos entrevistados (6%) residem com familiares.

A renda familiar mensal de quase 80% dos jovens entrevistados não ultrapassa 3 salários (R\$ 3,135,00), 17% possuem renda de até um salário mínimo, 15% possuem a renda entre 3 e 6 salários, e apenas 5,7% dos entrevistados possuem renda familiar entre 6 e 9 salários. Nenhum entrevistado declarou possuir renda familiar acima de 10 salários. Esses dados estão de acordo com os dados apresentados pelo IBGE em 2019, que infere que o salário médio mensal da população de Matias Barbosa é de 2.2 salários mínimos.

Figura 16: Gráfico Renda Familiar Mensal

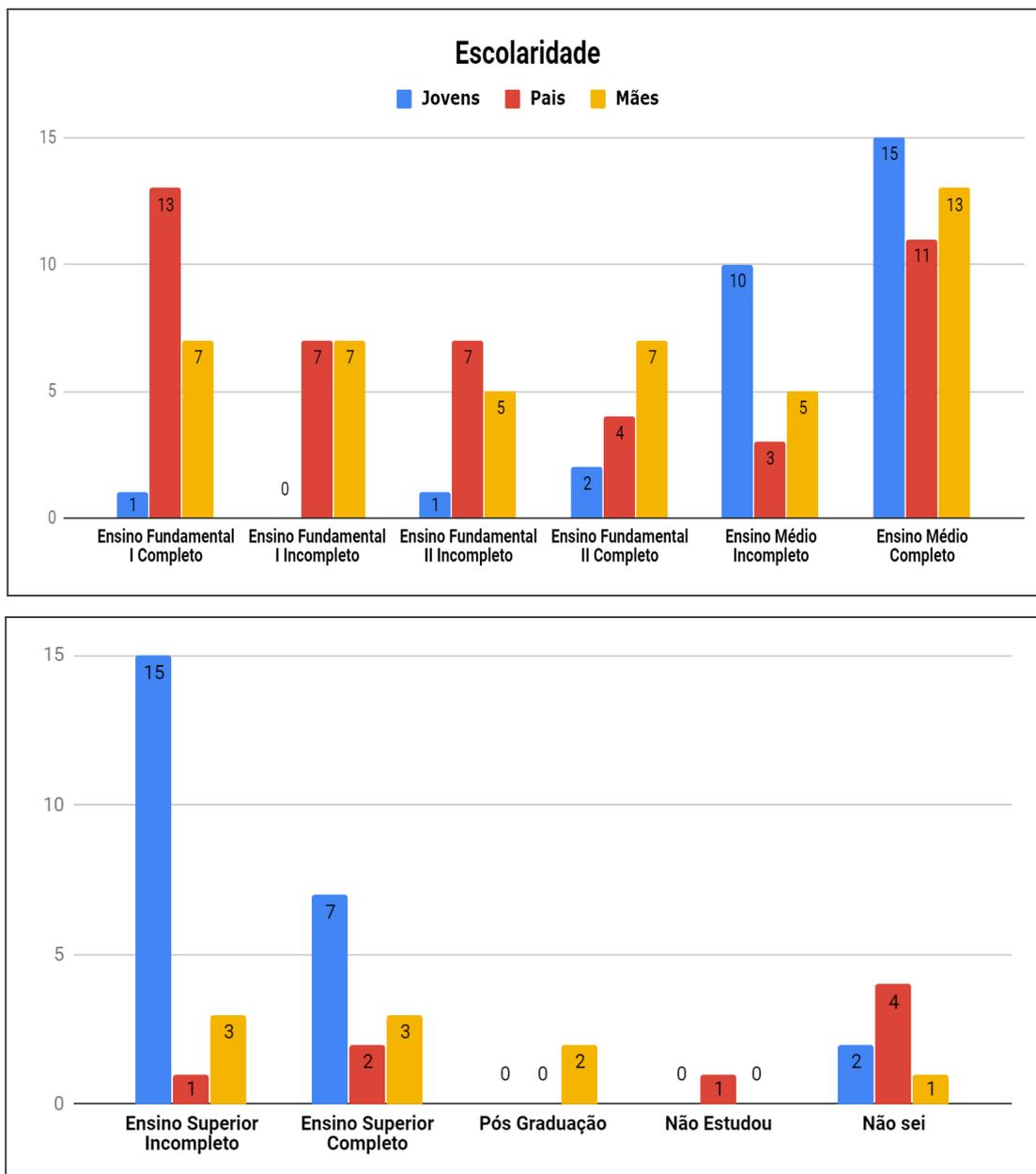


Fonte: Elaborado pela autora.

A escolarização dos jovens e de seus familiares também apresenta semelhanças aos resultados das pesquisas sobre a escolarização brasileira, divulgados pelo IBGE. O estudo "Brasil em síntese" aponta o crescimento da taxa de escolarização dos jovens e do nível de educação da população, além do diferencial por sexo, que persiste em favor da população feminina (IBGE, 2020). Entre as famílias representadas, as mesmas

características foram apresentadas (Figura 17), a população juvenil apresenta níveis significativamente maiores de escolaridade que a adulta.

Figura 17: Gráfico Escolaridade Familiar



Fonte: Elaborado pela autora

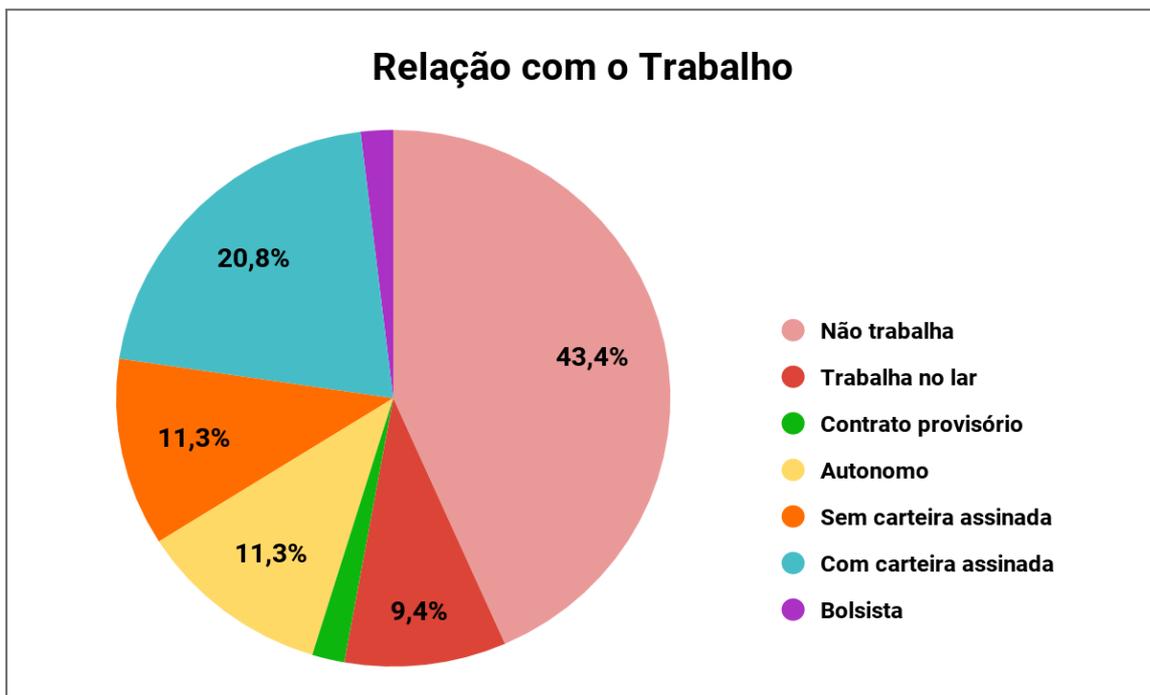
O número de jovens entrevistados que possuem o ensino médio completo e ensino superior incompleto é o mesmo, totalizando 28,3% cada um dos grupos. Entre os pais, a maioria (24,5%) possui o ensino fundamental completo, e as mães o ensino médio completo (24,5%). Apesar do número elevado de jovens entrevistados que

possuem o ensino médio completo, devemos destacar que esse cenário possivelmente não retrate a realidade dos jovens matienses como um todo, tendo em vista os dados apresentados no Atlas do Desenvolvimento Humano (2010), indicando que a proporção de jovens matienses de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 54,46%, e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 42,17%.

De acordo com os entrevistados um dos principais fatores que contribuíram para discrepância em escolaridade entre os jovens e seus pais, é que anteriormente (no período escolar de seus pais) a cidade não possuía acesso universal ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio, aqueles que quisessem dar continuidade aos estudos precisariam se deslocar para a cidade de Juiz de Fora. Diante dos gastos com transporte e da necessidade de inserção no mundo do trabalho, a maioria dos jovens optava por abandonar os estudos ao final do Ensino Fundamental I.

O último marco de autonomia e transição para o mundo adulto é a inserção no mercado de trabalho, que permite ao jovem ganhar notoriedade social através da renda obtida com o seu salário, e “respeitabilidade” no interior da família a partir do momento que passa a ser um trabalhador, e em muitos casos contribuir com a renda familiar (ABRAMO et al. 2009). A maioria dos jovens entrevistados ainda não trabalha, e dentre os que trabalham 31,6% começaram após os 18 anos. A maioria dos que trabalha (36,7%) possui carteira assinada.

Figura 18: Gráfico Relação com o trabalho



Fonte: Elaborado pela autora

Apesar do ingresso no mercado de trabalho evidenciado pela passagem de uma condição juvenil para a vida adulta, na prática esse processo é muito mais significativo, pois a conquista de autonomia econômica além de significar subsistência pessoal e familiar, também pode oferecer maiores oportunidades de aprendizado, de acesso ao lazer e à cultura (Castro; Aquino, 2008). No próximo capítulo buscaremos destacar a importância da vivência do lazer para os jovens, principalmente como fator que reforça um movimento contínuo de redefinição identitária e desenvolvimento social.

Os dados apresentados apontam que os jovens participantes da pesquisa possuem características comuns entre eles, e que as diferenças apresentadas não são discrepantes, principalmente em relação à renda familiar e à escolaridade. Dados como a participação majoritária de jovens do sexo feminino, e dos bairros centrais também apontam barreiras de acesso a alguns grupos de jovens, principalmente aqueles composto por jovens do sexo masculino e de bairros periféricos. A questão da dificuldade de acesso a esses jovens não possui uma explicação central, mas nos dá

direcionamentos relacionados a necessidade de adequação de abordagens para grupos distintos, que vise dinamizar as análises propostas, e identificar as heterogeneidades contidas na juventude matiense.

Tendo o objetivo de apreender como os nossos sujeitos compreendiam alguns dos temas centrais de nossa investigação, elaboramos questões que envolviam a identificação dos principais lugares na cidade onde relatam que desenvolvem o seu lazer, e como os nossos entrevistados enxergam a experiência de ser jovem em uma cidade pequena. Perguntamos o que eles consideravam ser o significado de “juventude” e solicitamos que descrevessem como é viver a juventude em uma cidade pequena como Matias Barbosa, os pontos positivos e negativos dessa vivência e seus principais desafios.

Apesar da maioria dos entrevistados considerarem a pergunta complicada de responder ou não saber ao certo como explicar, as respostas sobre o significado de juventude se direcionaram para sentidos comuns entre os entrevistados, muito parecidos com conceitualizações utilizadas pelo senso comum e por algumas correntes sociológicas.

A maioria dos entrevistados considera a juventude ou ser jovem como um intervalo entre a adolescência e a vida adulta onde as pessoas estão iniciando sua vida profissional e por isso possui menos responsabilidades, como questões relacionadas à despesas e responsabilidades domésticas. Esta imagem, expressa por eles, reverbera a representação que tradicionalmente está vinculada à juventude.

Em algumas respostas a juventude aparece como uma fase da vida, como por exemplo na fala do “entrevistado 7” que diz “juventude para mim é uma fase da vida, antes da gente virar adulto”. Sua concepção centra-se na leitura de cronologia da vida e situa a juventude como um momento da vida biológica do sujeito, entre a infância e a vida adulta.

Outros jovens atribuem o termo juventude a um “estado de espírito”, que não está relacionado necessariamente à idade ou compromissos formais de um indivíduo, mas sim com a sua disposição em “curtir a vida” e se aventurar. Elencamos algumas respostas que sintetizam as colocações dos nossos entrevistados.

“ Ser jovem é ainda não ter obrigação de trabalhar, apenas de obrigação de estudar”.
(entrevistado 23)

“ Ser jovem é ser animado, gostar de se divertir, de viajar, e curtir com os amigos”.
(entrevistado 44)

"A juventude é o momento em que estamos nos preparando para o futuro, escolhendo nossa profissão e os caminhos que vamos seguir". (entrevistado 51)

Sobre ser jovem em uma cidade pequena, as respostas foram variadas, mas em linhas gerais ressaltam a dualidade que existe em ser jovem em uma cidade pequena, essa dualidade se manifesta através de um sentimento ambíguo entre liberdade por poder ir para a rua e se divertir com atividades simples sem ter grandes preocupações com violência ou falta de dinheiro, e o sentimento de sempre estar sendo “monitorado” por parentes, vizinhos, colegas de escola e colegas de trabalho. Essa percepção fica evidenciada nas respostas abaixo.

“ O bom de sair em Matias é que eu posso ficar na rua até tarde sem a minha mãe se preocupar.”(entrevistado 4)

“ O bom e o ruim de morar em Matias é que todo mundo conhece quase todo mundo.”
(entrevistado 18)

“ Eu gosto de morar em Matias, mas as vezes é ruim porque tudo o que você faz todo mundo fica sabendo e aumentando.” (entrevistado 26)

Apesar de todos os entrevistados citarem algum ponto negativo em morar na cidade de Matias Barbosa, principalmente relacionado à sensação de constante vigilância, verificamos que os jovens enumeram diversas vantagens em se vivenciar a juventude nela. Uma das principais vantagens apontadas pelos jovens é a proximidade da cidade com Juiz de Fora, por possibilitar que desfrutem das vantagens de uma cidade pequena, que para a maioria deles estão atreladas ao cotidiano tranquilo e baixos índices de criminalidade, e que também tenham acesso rápido à espaços exclusivos de grandes centros urbanos, como por exemplo shoppings, cinemas e casas de show.

Um dos entrevistados chegou a afirmar “não troco Matias por nenhuma cidade aqui da região, quando preciso de alguma coisa que não tem aqui é só ir em Juiz de Fora rapidinho”. Outro entrevistado alega que gosta da cidade porque ela pode ofertar experiências urbanas e rurais, “Eu gosto de Matias porque ela tem de tudo, quando você quer relaxar você pode ir lá pra Pitangueiras, se você quer ir pra roça é só ir pro Mina que é pertinho, e se quiser ir no shopping é só pegar o ônibus que passa pela BR, vinte e cinco minutos você tá lá” . Um outro jovem ressaltou a facilidade em acessar serviços públicos na cidade, “Eu gosto de Matias, fui morar em Juiz de Fora com a minha tia ano passado e me arrependi, precisei ir no médico e fiquei mais de 4 horas na fila da UPA, e nem consegui fazer exame nem nada, aqui em Matias é só ir na Climab, a gente nem espera muito.”

Apesar da cidade não possuir instituições de ensino profissionalizantes e ensino superior, a maioria dos jovens não opta em morar em Juiz de Fora para estudar, e preferem realizar o deslocamento diário entre as cidades. O Programa Municipal de Apoio ao Transporte Escolar oferta ônibus fretados para estudantes de Matias Barbosa desde 2011, com preço simbólico e bolsas integrais de transporte escolar, garantindo uma certa comodidade aos estudantes, distanciando-os da utilização do transporte urbano em horários de picos na cidade de Juiz de Fora. Em 2019 cerca de 485 estudantes faziam parte do programa (QUAQUIO, 2019).

Tais considerações reforçam que as particularidades da cidade de Matias Barbosa contribuem para que a experiência juvenil seja vivenciada diferentemente de outras cidades do mesmo porte. A proximidade da cidade com Juiz de Fora faz com que sua população, inclusive os jovens, tenham acesso a serviços ofertados apenas em grandes centros, sem perder as vivências urbanas inerentes a cidades pequenas.

5.2 ELES E O LAZER

Um dos principais objetivos da presente pesquisa foi identificar as atividades de lazer praticadas pelos jovens de Matias Barbosa, e os territórios que eles ocupam para desenvolver o seu lazer. Nesse sentido, foi imprescindível direcionar aos jovens questionamentos que nos aproximassem de entender de que forma eles entendem o conceito de lazer, como e onde eles praticam o lazer, e conseqüentemente identificar quais espaços da cidade são ocupados para tais fins.

Assim sendo, uma das perguntas direcionadas aos jovens questionava o significado do termo lazer. Todos os entrevistados responderam essa questão, pontuando aspectos variados do conceito. A maioria dos entrevistados destacou o lazer como um momento para fazer atividades que estejam fora de suas obrigações cotidianas relacionadas ao trabalho e aos estudos. Outra interpretação do significado de lazer que muito apareceu em nossas entrevistas foi uma visão de lazer como um tempo para si, ou uma recompensa pela conclusão de um período de trabalho ou tarefa.

Percebe-se que as respostas se aproximaram muito do conceito de lazer apresentado anteriormente e defendido por alguns estudiosos do tema como Dumazedier (1976), que entendia o lazer como um conjunto de ações livres, que poderiam ser usadas para “repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada”. Listamos algumas respostas para exemplificar as principais conceitualizações adotadas pelos jovens acerca do conceito de lazer, em suas palavras os entrevistados consideram o lazer como

Um momento nosso, para ficarmos livres da nossa rotina diária. (Entrevistado 3)

Fazer coisas fora da rotina, sair final de semanas. (Entrevistado 7)

É o momento em que eu posso relaxar sem me preocupar com nada, apenas curtir o momento. (Entrevistado 8)

Lazer para mim é o tempo livre que tenho para praticar coisas do meu interesse, como encontrar com amigos, ir para academia e me desconectar um pouco dos afazeres escolares. (Entrevistado 27)

Qualquer atividade que seja executada sem nenhuma obrigação e que traga alguma forma de satisfação. (Entrevistado 33)

Lazer para mim significa um momento de relaxamento comigo mesma e com meus amigos e familiares. (Entrevistado 47)

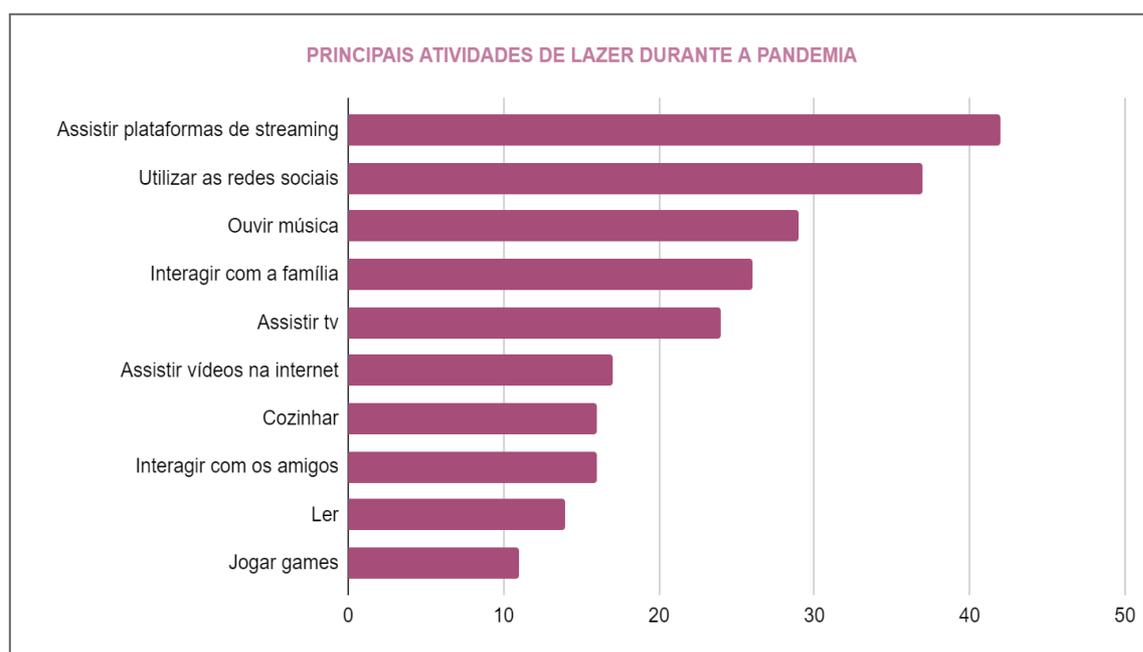
Meios de sair da rotina através de atividades como shows, passeios. (Entrevistado 49)

Momento de descontração ,descontração, envolvendo atividade de diversão ou relaxamento. Muitas vezes, essas atividades estão ligadas ao gosto de cada pessoa.
(Entrevistado 50)

Além de conhecer a concepção dos jovens sobre o conceito de lazer, procuramos também entender o “como” ou “quais atividades” de seus cotidianos eles consideram fazer parte do seu direito ao lazer. Diante da situação atípica de uma pandemia mundial, onde o acesso à lugares públicos eram restritos, e as possibilidades de lazer eram reduzidas, achamos necessário perguntar aos nossos entrevistados quais atividades voltadas ao lazer eles estavam desenvolvendo durante o período de pandemia, com o objetivo de fazer um paralelo entre as atividades de lazer que praticavam antes da pandemia, e as atividades voltadas para o lazer que praticavam durante a pandemia.

Atividades como “assistir Netflix”, e “ficar no celular”, foram as mais citadas pelos entrevistados, seguidas por respostas como “ouvir música”, “interagir com a família” e “ouvir música”. As principais respostas estão destacadas no gráfico (Figura 19).

Figura 19 : Gráfico Principais Atividades de Lazer Durante a Pandemia



Fonte: Elaborado pela autora

Através das respostas acima, podemos concluir que durante a pandemia o lazer domiciliar ganhou centralidade. A busca por atividades divertidas dentro da casa e em companhia da família foi a principal forma de diversão e lazer destes jovens. Ainda será preciso o desenvolvimento de pesquisas que considerem os efeitos da pandemia na constituição das experiências juvenis destes sujeitos. Contudo, é possível dimensionar parte deste impacto.

Como tratado anteriormente, neste momento particular da vida dos sujeitos o estar com o outro, em grupos de socialização secundária, fora da casa e do olhar da família, o se projetar na rua, nos coletivos juvenis é fundamental em seus processos de subjetivação, de construção de identidades e da própria vivência de sua condição juvenil. Neste momento, os jovens se projetam com muito mais intensidade na cidade e no grupo e neste movimento o lazer tem especial centralidade. Para Carrano (2003, p. 108)

Os fenômenos relacionados com as atividades de lazer estão no centro dos processos de formação da subjetividade e dos valores sociais nas sociedades contemporâneas. Para os jovens, especialmente, as atividades de lazer se constituem num espaço/tempo privilegiado de elaboração da identidade pessoal e coletiva (CARRANO, 2003, p. 108).

Ainda segundo o autor, nestes momentos os jovens podem focar em si mesmo, explicitarem abertamente seus desejos, comportamentos, linguagens. Sendo também momento em que ele se relaciona com outros, geralmente também jovens, negociando valores, trocando idéias e, deste modo, se constituindo como sujeito social. Neste aspecto, o lazer proporciona ao jovem sociabilidade e experiência através das suas vivências que, por sua vez, auxiliam na estruturação de novas referências e identidades (CASSAB, et. ali, 2014, p. 4).

A pandemia representou um corte radical neste movimento, pois as ruas, os grupos de socialização, os espaços de encontros como escolas, igrejas e clubes ficaram inacessíveis durante vários meses. Dentre tais espaços a escola possui um papel primordial, pois para muitos jovens é o principal espaço de sociabilidade. Vários entrevistados expuseram a falta que a escola estava fazendo em sua rotina, pois sentiam que o afastamento do espaço escolar proporcionou um sentimento de perda, perda de conhecimento, perda de contato com os outros jovens e principalmente perda de vivências.

Autores como Sposito (1993) e Carvalho (2013) mostram a centralidade que as escolas possuem, não apenas como espaço de educação formal, mas também como um lugar de encontro, trocas e negociações. Espaço em que os jovens forjam grupos de amizade e relacionamentos e outros vínculos que podem estender-se para além dos muros da instituição.

Alguns dos jovens entrevistados demonstraram em suas falas o peso da ausência da escola em seus cotidianos durante a pandemia, para eles todo o ritual que envolve o ato de ir até a escola acompanhados de colegas é visto como um momento de prazer e descontração. O jovem entrevistado 38, assim diz: “Eu reclamava de ir para escola mas senti muita falta durante a pandemia. A escola é o único lugar que consigo encontrar com todos os meus colegas”.

No caso da cidade de Matias Barbosa o papel da escola como provedora de sociabilidade é ainda mais presente, pois a cidade possui apenas uma escola que oferece o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, a Escola Estadual Cônego Joaquim Monteiro, que localiza-se no centro da cidade. Por isso é muito comum que jovens de um mesmo bairro se desloquem em grupos para a escola, fazendo com que esse trajeto de casa para a escola seja marcado como um momento de sociabilidade entre eles. A ausência da rotina escolar ocasionou o distanciamento não só do espaço das escolas, mas também das relações que ali se consolidam, gerando sentimentos de solidão e desmotivação entre os jovens.

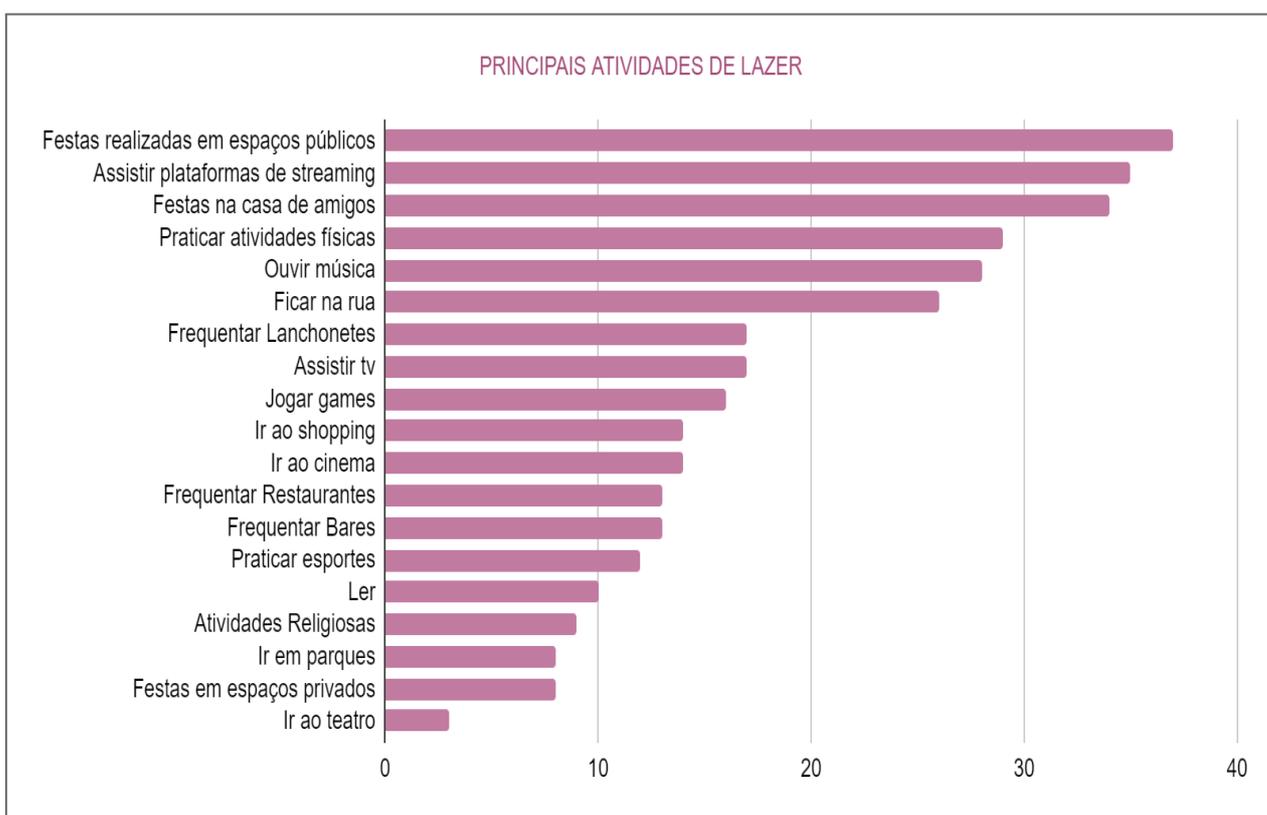
Apesar dos jogos online não estar no topo das principais atividades de lazer durante a pandemia, muitos jovens destacam que as horas jogando aumentaram muito nesse período, pois além de considerarem os jogos como uma diversão, os entrevistados reforçaram que os jogos online proporcionaram uma convivência diária com seus colegas, mesmo não compartilhado o mesmo espaço. Esses relatos nos remete ao conceito de ciberespaço, o espaço dentro da rede de fluxos da internet, dotado de complexidade inerentes às relações humanas, onde se criam e recriam regras sociais de conduta (OLIVEIRAS, 2012, p. 30).

Diferentemente do espaço geográfico e seus fluxos que impõem diversos tipos de barreiras e inibem a circulação de determinados indivíduos, o ciberespaço é dotado de maior liberdade e fluidez, que contribui para a apropriação desses espaços pelos jovens, que vislumbram no ciberespaço novas possibilidades vivências que se refletem no espaço geográfico, através dos novos tipos de interações, relações e até mesmo de

novas profissões como gamers e digital influencer, que permeiam os anseios profissionais de muitos jovens na atualidade.

Para fazer um paralelo às atividades de lazer desenvolvidas durante a pandemia e construir a base de um de nossos objetivos centrais, questionamos quais eram as principais atividades voltadas ao lazer que eles desenvolvem em períodos normais, sem as restrições apresentadas pela necessidade de distanciamento social impostas pelo momento de pandemia. As principais atividades relatadas pelos entrevistados foram "frequentar festas realizadas em espaços públicos", "assistir Netflix", "festas em casas de amigos" e "praticar atividades físicas", elencamos as principais respostas na Figura 20.

Figura 20: Gráfico Principais Atividades de lazer.



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos verificar que o gráfico da Figura 19 dialoga com o gráfico da Figura 20, e possui atividades em comum, que foram praticadas durante a pandemia, mas que já faziam parte do cotidiano dos jovens antes da pandemia, e permaneceu após o término das medidas de distanciamento social. Destacamos a atividade “assistir Netflix”, que foi a principal atividade durante a pandemia, e se coloca como a segunda

principal atividade em períodos fora da pandemia, o que nos evidencia que ficar em casa assistindo séries e filmes é uma atividade significativa para o lazer da maioria dos jovens. De acordo com Clemente & Stoppa (2020) o acesso à plataformas de streaming foi uma das principais vivências de lazer doméstico e entretenimento durante a pandemia da COVID 19 no Brasil.

A Netflix, plataforma mundial de filmes e séries, apresentou aumento de 29% no volume de downloads do aplicativo entre fevereiro e março. Foram cerca de 7,7 milhões de downloads no país (...) Somente o Netflix teve um aumento de mais de 16 milhões de assinantes no mundo, somando mais de 180 milhões. Outra plataforma de streaming com aumento de assinantes foi o Globoplay com 2,5 vezes mais assinantes durante a pandemia. (CLEMENTE & STOPPA, 2020, p. 470)

Analisando exclusivamente a principal atividade de lazer apontada pelos jovens entrevistados que é “festas realizadas em espaços públicos”, verificamos a importância que os espaços públicos e as festas populares exercem sobre o acesso ao lazer da população jovem. Quando indagados sobre quais festas que acontecem em espaços públicos e que eles frequentam, as mais citadas foram, carnaval, exposição agropecuária e festa da igreja, que são festas tradicionais que acontecem na cidade de Matias Barbosa e também em outras cidades vizinhas, principalmente as pequenas cidades.

O carnaval da cidade de Matias Barbosa acontece nas ruas do centro da cidade, que são interditadas para o evento, no entanto a maior concentração ocorre na Praça Peter Birkeland, onde a prefeitura promove a montagem de uma infraestrutura com tendas, barracas, palco e banheiros químicos. Além disso, a cada noite ocorrem atrações com shows de bandas e Djs, mas as principais atrações são os blocos, que anualmente acontecem na mesma ordem temática, com apresentações dos moradores da cidade e eleição do melhor representante do bloco.

No primeiro dia de carnaval sempre acontece na quarta-feira e é o dia do bloco do pijama, onde as pessoas vão as ruas vestidas com camisolas, pijamas e pantufas, no segundo dia de carnaval, quinta-feira, é o bloco dos cafonas, onde as pessoas saem às ruas com vestimentas tidas como cafonas, geralmente com acessórios extravagantes e ousados, como perucas coloridas e óculos exageradamente grandes, e o terceiro dia de carnaval, na sexta-feira, é o dia do bloco das piranhas, onde as pessoas vão às ruas vestidas com roupas características do sexo oposto.

O sábado e a segunda-feira de carnaval são os dias com maior participação dos jovens no evento, pois são os dias que acontece o desfile dos blocos temáticos, onde os foliões se agrupam e desfilam pela avenida Cardoso Saraiva com os chamados abadáes e apetrechos de seu bloco escolhido, dentre os principais blocos do carnaval de Matias Barbosa, destaca-se o “Bloco do Barril”, “Bloco Pura Cadência”, “Bloco dos Amigos”, “Bloco Quem Não é Não se Mistura”, “Bloco Ponto do Álcool”, dentre outros.

Figura 21 – Imagem do Bloco “Quem não é não se mistura”



Fonte: Mistura Folia (2017)⁵

No domingo de carnaval e na terça-feira, são os dias dos desfiles das escolas de samba, na cidade existe oficialmente quatro escolas de samba, a Escola de Samba Princesa do Morro, que tem sede no bairro Monte Alegre, a Escola de Samba Carneiros, que tem sede no bairro Centro, a Escola de Samba Unidos da Penha, que tem

⁵ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=510326419086039&set=pb.100003260577110-2207520000..&type=3>> . Acesso em 15 jul.2022.

sede no bairro Nossa Senhora da Penha, e a Escola de Samba Mirim Renascer, que tem sede no bairro Centro e apenas crianças integram os seus desfiles.

Outra festa popular muito aguardada pelos jovens matienses é a Exposição Agropecuária que acontece anualmente no mês de setembro, em comemoração ao aniversário da emancipação da cidade no dia 7 de setembro. A festa ocorre no Parque de Exposições da cidade, no bairro Pitangueiras, e conta com diversas atrações como shows, parque de diversões, feira de artesanatos, torneio leiteiro, exposição de animais e cavalgadas.

As principais festas e eventos apontados pelos entrevistados possuem entrada franca, e por isso são muito aguardados pelos jovens, que veem uma oportunidade de encontrar os amigos, acessar shows e atrações culturais sem precisar ter grandes gastos. Além dessas duas grandes festas, existem outros eventos pelos jovens entrevistados menores que também ocorrem em espaços públicos e também foram citados por eles, como os ensaios de carnaval que ocorrem aos finais de semana dos últimos meses do ano na praça central, a semana cultural que ocorre no mês de agosto e conta com diversas atrações como peças teatrais, feira gastronômica e apresentações musicais.

A prática de esportes e de atividades físicas como forma de lazer também foram respostas recorrentes em nossas entrevistas, a maioria está inserida em algum grupo formado através da prática esportiva. Esportes como vôlei, futebol e futsal são muito populares, principalmente por possuir espaços públicos que permitem a prática de forma gratuita, os grupos se organizam para utilizar as quadras e campos da cidade em horários e datas pré estabelecidas, além disso a prefeitura da cidade possui programas de incentivo ao esporte que fomentam a confecção de uniformes e equipamentos esportivos para grupos formalizados.

Além dos esportes citados anteriormente, existe um grupo expressivo de jovens que se dedicam às artes marciais como jiu-jitsu, muay thai e capoeira, organizando eventos competitivos de âmbito regional. Outros esportes que vêm ganhando espaço no cotidiano dos jovens matienses é o futevôlei e a queimada, que recentemente ganhou diversos adeptos na cidade. A popularidade destas modalidades entre os jovens se dá principalmente pela possibilidade de formação de times mistos, compostos por homens e mulheres e pelo apoio do Departamento de Esportes da Prefeitura de Matias Barbosa, que recentemente organizou torneios de ambas modalidades.

Figura 22: Imagem Final do 1º Torneio de Queimada.



Fonte: Prefeitura de Matias Barbosa⁶

Figura 23: Imagem 1º Torneio Minas no Futevôlei



Fonte: Tribuna de Minas⁷

⁶ Disponível em: <<https://www.matiasbarbosa.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/fotos/164>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

⁷ Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/esportes/13-09-2021/1o-torneio-minas-no-futevolei-e-vencido-por-mari-cipriani-e-duda-tostes.html>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

Outra atividade muito apontada foi “frequentar lanchonetes” ou como muitos responderam nas entrevistas presenciais: “sair para comer”. Apesar de ser uma atividade mediada pelo consumo, verificamos que a cidade possui diferentes perfis de lanchonetes, que atendem diferentes públicos consumidores. Dentre os jovens, as lanchonetes mais frequentadas são aquelas que ofertam pizza no formato gigante e barca de açaí. A escolha de seus lanches nos também nos remetem à sociabilidade, pois ambos são pratos idealizados para serem compartilhados, evidenciando que para muitos dos jovens entrevistados o “sair para comer” não é apenas uma forma de saciar a fome, mas também uma forma de interação social.

Através da análise de outras respostas de nossos entrevistados podemos verificar a influência que a cidade de Juiz de Fora mantém sobre as práticas de lazer dos jovens de Matias Barbosa. Algumas atividades elencadas por eles como “ir ao shopping”, “ir ao teatro”, e “ir em parques” por exemplo, não são possíveis de ser vivenciadas em Matias Barbosa, por isso tais respostas evidenciam que esses jovens se deslocam para outras cidades para terem acesso à essas atividades, principalmente para Juiz de Fora.

Existem algumas possíveis causas que justifiquem o elevado número de respostas que denote o lazer desenvolvido diretamente em Juiz de Fora, a primeira delas seria a proximidade entre as cidades, e a facilidade de deslocamento entre elas.

Como discutido anteriormente, Matias Barbosa é parte do arranjo populacional de Juiz de Fora, o que implica fluxos intensos de deslocamento entre ela e as cidades que compõem esse arranjo. Neste sentido, o acesso à serviços e estruturas de lazer ofertados na cidade de Juiz de Fora são possibilitados e incentivados por diversos agentes, que veem nesse fluxo constante de pessoas e serviços uma possibilidade de intensificar as relações entre as cidades e ampliar o público alvo de empresas sediadas na principal cidade do arranjo populacional.

Além disso, a proximidade geográfica das cidades facilita este deslocamento. As duas estão a uma distância de condução de apenas 21 km no trajeto pela Estrada União Indústria, que implica cerca de trinta e cinco minutos de ônibus do centro da cidade de Matias Barbosa até o centro da cidade de Juiz de Fora, custando a passagem um pouco mais de R\$ 7,00.

O trajeto feito pelo BR 040 é ainda mais rápido, fazendo com que em cerca de 16 minutos de carro tenha-se acesso à alguns centros urbanos de Juiz de Fora com grande concentração de casas de shows, como a Avenida Deusdedith Salgado, ou em 25

minutos de carro tenha acesso a bairros com grande concentração de bares como por exemplo o bairro Alto dos Passos

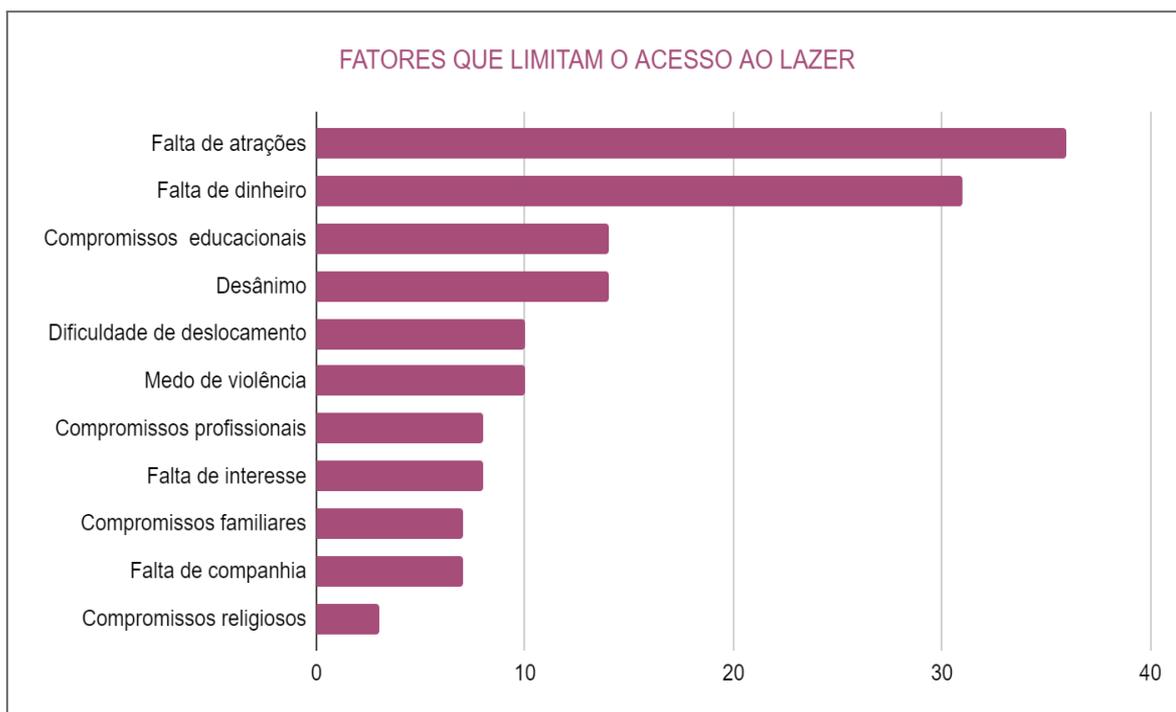
Um dos principais shoppings de Juiz de Fora também é de fácil acesso para moradores de Matias Barbosa, e conta com linhas de ônibus com horários especiais que passam pela BR 040 e facilita o acesso ao Independência Shopping, e outros espaços de lazer de Juiz de Fora, como as casas de shows, lanchonetes, teatros, e praças presentes no eixo centro-sul de Juiz de Fora.

Outro aspecto relevante que também nos ajuda a compreender a opção dos jovens por procurarem lazer na cidade vizinha é a possibilidade do anonimato. Um dos principais problemas em morar em uma cidade pequena apontado por alguns jovens é a sensação de supervisão constante em festas, e por isso para sentirem-se livres de julgamentos e opressões, muitos buscam desenvolver o seu lazer em espaços onde não se sintam vigiados e expostos.

Durante nossas entrevistas, percebemos que muitos diziam frases como “eu não saio porque Matias não tem nada, e pra ir pra JF precisa gastar com passagem”, ou “ eu só saio quando tem alguma festa na praça”. Suas colocações nos demonstram que muitos jovens limitam o seu lazer à atividades que não precisem gastar dinheiro ou atividades que sejam oferecidas pelo poder público, isto evidencia que existem alguns fatores que limitam o acesso ao lazer por parte dos jovens.

Procuramos entender quais são os principais fatores que dificultam o acesso dos jovens a espaços e atividades de lazer. As principais respostas foram “falta de atrações” e “falta de dinheiro”. Esses dois fatores são muitos comuns quando se trata da análise da relação entre a juventude e o lazer, pois apesar do cenário midiático atual estar repleto de jovens, a maioria deles ainda não possuem acesso livre a esses espaços, pois tal acesso está mediado pelo poder de consumos, e a maioria dos jovens ainda não possuem estabilidade financeira.

Figura 24: Gráfico Fatores que limitam o acesso ao lazer.



Fonte: Elaborado pela autora

Outro fator que esteve presente em muitas respostas foi a “dificuldade de deslocamento”. Os moradores da cidade de Matias Barbosa possuem acesso a apenas duas linhas de transporte público, uma que liga o centro da cidade de Juiz de Fora ao centro da cidade de Matias Barbosa, e outra que liga o bairro Monte Alegre ao perímetro urbano da cidade, na Ponte do Zamba. Ambas possuem horários restritos, principalmente aos finais de semana, fazendo com que muitos jovens não tenham opções de se deslocarem para outras cidades ou voltarem para Matias Barbosa após às 22 horas, prejudicando ou até mesmo inviabilizando o acesso à espaços de lazer noturno em outras localidades.

O fator “medo de violência” também foi apontado por vários entrevistados, o que de certa forma nos trouxe um pouco de surpresa, tendo em vista que no imaginário popular as cidades pequenas estão isentas de situações graves de violência. No entanto pudemos verificar que o “medo de violência” apontado pelos jovens, não é o mesmo tipo de violência comumente aos grandes centros, que geralmente está associada às práticas criminosas como assaltos, homicídios e estupros, já no caso de nossos entrevistados a violência citada está associada à possibilidade de brigas entre diferentes grupos de jovens.

Historicamente, os moradores da cidade vivenciam “rixas” entre bairros, quando grupos de jovens brigam nas ruas da cidade em função de rivalidades territoriais. Apesar da incidência desse tipo de situação ter diminuído, a possibilidade de sofrer alguma violência desse tipo ainda causa medo em alguns jovens, que por vezes preferem não participar de determinados eventos.

Os fatores de dificuldade apontados por nossos entrevistados sinalizam a fragilidade do acesso ao lazer por parte dos jovens, relacionadas principalmente à vulnerabilidade social característica deste grupo, que majoritariamente não possuem autonomia econômica suficiente para driblar tais dificuldades. Essas situações contribuem para o retrocesso do acesso ao lazer, que novamente passa a ser tratado como um privilégio, e não como um direito previsto em lei.

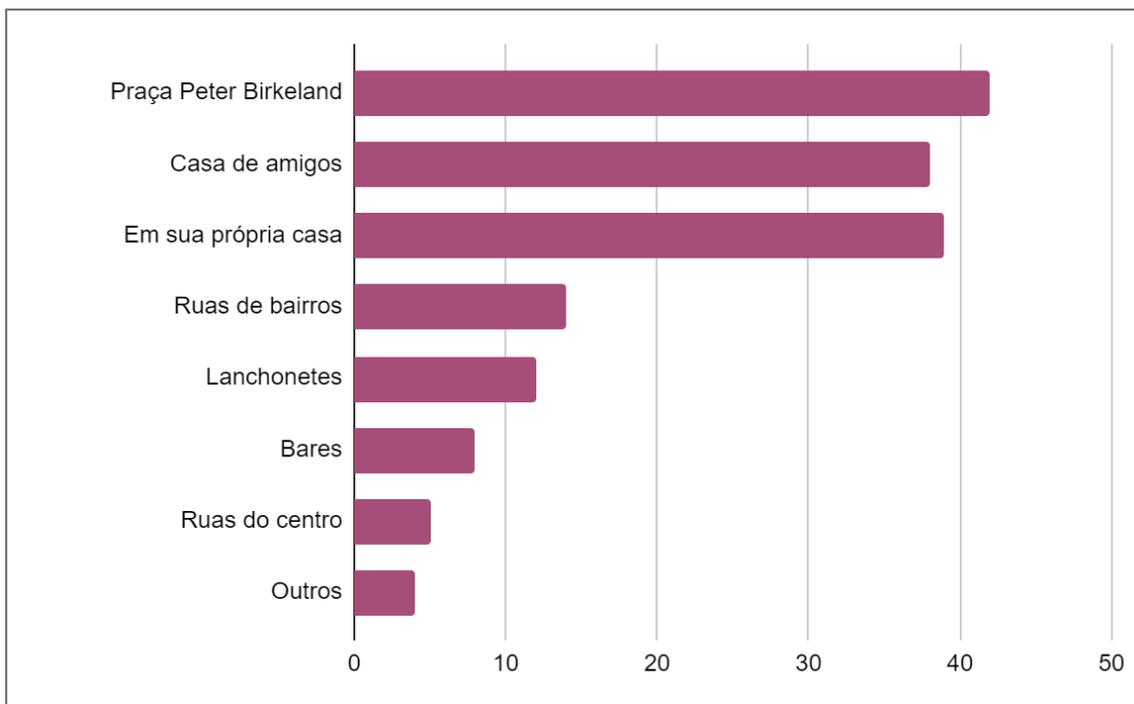
6 TERRITORIALIDADES DO LAZER JUVENIL EM MATIAS BARBOSA

Todos os dados analisados anteriormente tinham uma função específica, que em conjunto nos possibilitaram pensar na espacialidade dos jovens através do lazer, viabilizando a identificação dos territórios utilizados e ocupados pela juventude matiense em sua busca pelo lazer. Os espaços ocupados pelos jovens foram apropriados através da ocupação e resignificação que a juventude faz da cidade, muitas vezes tensionando a forma como ele é produzido e organizado sob uma lógica adultocêntrica.

Muitos autores contestam a simplificação do conceito de território atrelado exclusivamente ao pertencimento, e buscam enfatizar o caráter político não-estatal na construção do território. Souza (2077) designa o território como um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou 'comunidade', os insiders) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os outsiders). Este autor argumenta que os territórios são dinâmicos, podem construir-se ou destruir-se em qualquer escala espacial e/ou temporal. (SILVA, 2007 p. 10)

Indagamos aos nossos entrevistados quais locais em Matias Barbosa eles mais utilizavam para praticar o seu lazer, e permitimos que citassem mais de um local, e por isso obtivemos respostas muito diversas. A praça central da cidade foi o espaço com maior destaque, pois cerca de 79% dos entrevistados apontaram a Praça Peter Birkeland como o principal espaço de lazer da cidade. Respostas como “na minha própria casa” e “casa de amigos” também foram muito citadas, seguida de “lanchonetes” e “bares” como está demonstrado na Figura 25.

Figura 25: Gráfico Espaços de lazer



Fonte:Elaborado pela autora

A praça Peter Birkeland (Figura 25) possui grande relevância para o lazer e a cultura de Matias Barbosa, pois sedia vários eventos anuais como reveillon, carnaval, festival cultural, encontro de folias de reis, eventos religiosos e nos últimos anos também sediou a Exposição Agropecuária da cidade. Além disso, mesmo fora da época de festas sazonais a praça possui diversos atrativos para os habitantes da cidade, como uma quadra poliesportiva, parquinho e bares. Toda essa infraestrutura combinada com sua localização central, faz com que a praça seja um ponto de encontro para pessoas de diferentes faixas etárias, em especial os jovens.

Um ponto de destaque para análise desse espaço é que a praça possui diversas territorialidades, onde diferentes grupos exercem o seu domínio. Nos bares localizados em um dos lados da praça se concentram os adultos, que frequentam os bares em busca do lazer mediado pelo consumo de bebidas, porções, caldos e música ao vivo. Já nos bancos da praça e encostados nos canteiros se concentram a população jovem, que frequentam aquele espaço para encontrar seus colegas, conversar e observar o fluxo de pessoas. Tal realidade expõe a potencial democrático da praça Peter Birkeland, que oferece diferentes tipos de lazer, que nem sempre está atrelado ao consumo, fazendo com que seja o local preferido daqueles que querem utilizar o seu tempo de lazer para

consumir, e daqueles que querem utilizar o seu tempo de lazer para apenas se distrair e observar os acontecimentos sociais.

Figura 26: Imagem Praça Peter Birkeland



Fonte: Acervo Douglas Eveling, 2022.

Observamos que espaços como “casa de amigos” e “sua própria casa” também foram respostas de destaque, isso se dá porque entre os jovens matienses está cada vez mais frequente as chamadas “resenhas” ou “sociais”, que são festas de pequeno porte realizadas em casas, especificamente em quintais, garagens , varandas das residências, ou nas chamadas “granjas”, que na maioria das vezes são imóveis alugados especificamente para sediar eventos.

O diferencial da resenha para uma festa comum está relacionada à sua dinâmica, pois nas festas comuns o anfitrião, a pessoa que convida, arca com os custos da festa, já o anfitrião de uma resenha ou social rateia os valores entre os convidados, ou propõe os chamados “open cooler”, onde cada convidado fica responsável por levar a bebida que irá consumir em seu próprio cooler.

Antes da pandemia, essas resenhas também aconteciam em lugares públicos, como nas praças de bairros da cidade. Destacamos a “Resenha da Penha”, um evento que surgiu em 2018, na praça do bairro Nossa Senhora da Penha ,especificamente durante a Copa do Mundo de Futebol, quando jovens do bairro reuniram-se na preparação da praça do bairro para a transmissão dos jogos. Desde então a Resenha da Penha tornou-se um evento mensal, onde jovens reúnem-se para dançar, cantar, comer ou simplesmente “bater papo” com os amigos. A popularidade do evento fez com que fosse necessária a criação de uma comissão organizadora composta pelos jovens do bairro, que compromete-se em buscar autorizações para a realização do evento, buscar novas atrações e cuidar da infraestrutura da praça. Esse evento ficou suspenso durante a pandemia, mas existe uma comoção na internet para que volte a acontecer o quanto antes.

Figura 27: Imagem Resenha da Penha



Fonte: Equipe Resenha da Penha⁸

Outros locais como os clubes privados da cidade também estão entre os principais espaços de lazer apontados por nossos entrevistados. Alguns clubes como a Associação Atlética Matiense, o Matias Várzea Club e o Hotel Fazenda Castelinho são precursores da tradição de utilização de piscinas públicas na cidade. Todos esses clubes permitem a utilização de suas dependências através do pagamento de taxas diárias de aproximadamente R\$10,00. Além do acesso à piscina e suas dependências, alguns clubes também ofertam colônias de verão no período de férias, com programação e atrações exclusivas para o público jovem.

⁸ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B2ezHdVHZNK/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

Figura 28: Piscina Pública Associação Atlética Matiense



Fonte: AAM

9

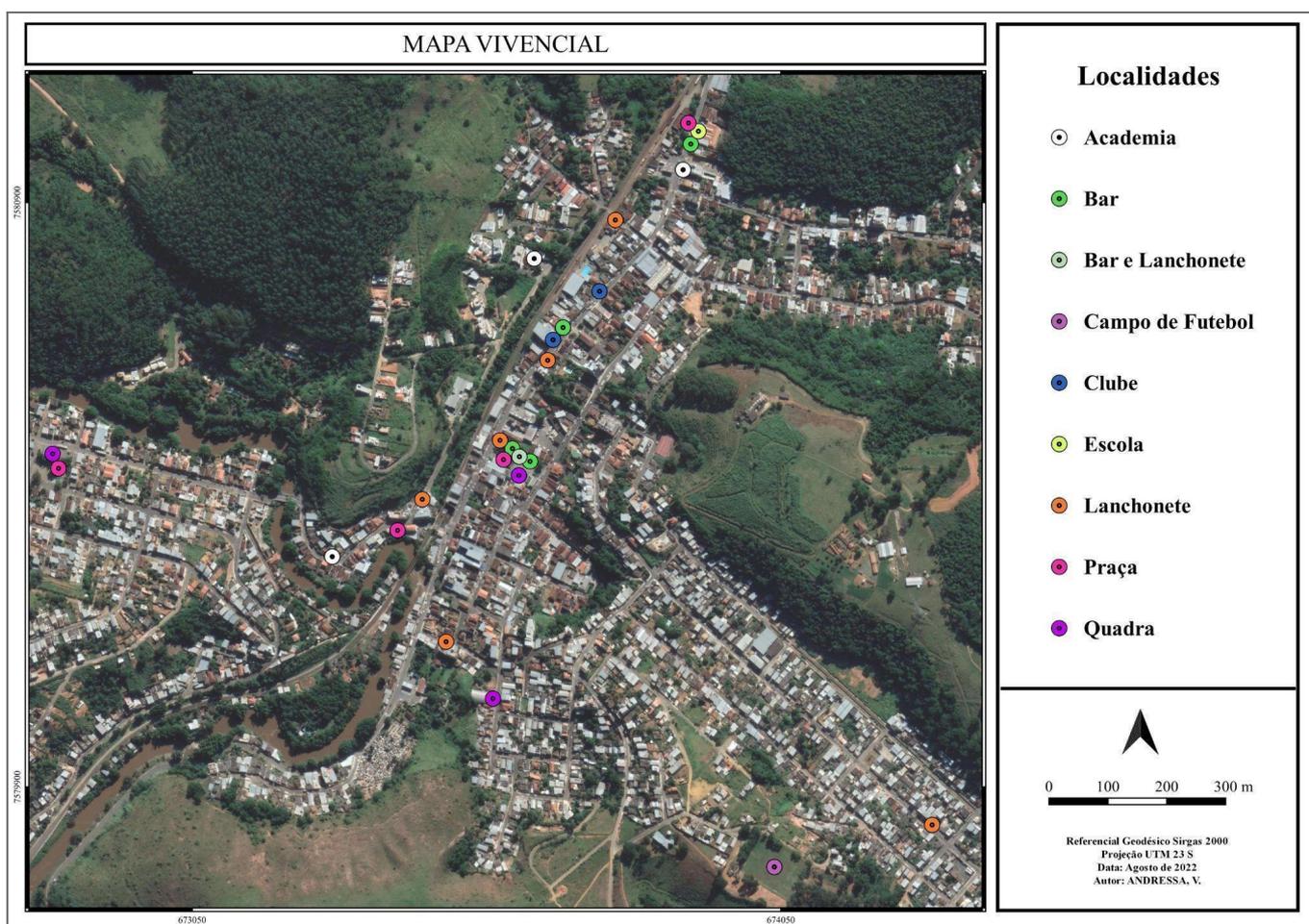
Espaços como “ruas do bairro” e “ruas do centro” também são apontados por nossos entrevistados, e apesar de ambos serem “ruas” identificamos que para esses jovens o tipo de lazer desfrutado em cada uma delas é diferente. O lazer desenvolvido nas ruas dos bairros está atrelado a atividades diurnas, como “sentar na esquina e conversar”, “jogar bola” e “soltar pipa”. Já as atividades de lazer desenvolvidas nas ruas do centro estão atreladas a atividades noturnas, como “encontro com amigos de outros bairros”, “paquerar”, “ouvir som automotivo com amigos na calçada”, “levar o cooler com bebidas”, “ensaiar passinhos de dança”, “gravar vídeos”, “observar pessoas diferentes”. O lazer noturno associado às ruas do centro é algo muito presente no cotidiano dos jovens, alguns entrevistados chegaram a relatar que costumam marcar encontros “debaixo da marquise do Galetão”, um mercado em frente à praça Peter

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/aamatiensemb/photos/2017868304934999>>. Acesso em: 25 jul.2022.

Birkeland, onde os jovens levam cooler e caixas de som para porta do mercado durante a noite, para realizar uma espécie de “resenha” na rua.

Um de nossos principais objetivos é o de identificar os espaços que os jovens matienses ocupam através da busca pelo lazer. Por isso elaboramos um mapa vivencial, que identifica os principais espaços de lazer apontados pelos jovens que participaram da pesquisa (Figura 29).

Figura 29: Mapa Vivencial dos principais espaços de lazer ocupados pelos jovens matienses



Fonte: Elaborado pela autora

A análise do Mapa Vivencial nos revela que a espacialidade da juventude matiense na busca pelo lazer é concentrada no centro de Matias Barbosa, e nos espaços públicos da cidade. Tal constatação nos remeteu a duas possibilidades de abordagens,

uma que evidencia aspectos deficitários do acesso ao lazer na cidade de Matias Barbosa, e outra que nos evidencia um comportamento positivo dos jovens matienses em sua busca pelo lazer.

Na primeira abordagem, destacamos a concentração de espaços e equipamentos de lazer no centro da cidade, evidenciando que os outros bairros estão carentes de espaços de lazer próprios, indicando que o poder público destina suas verbas e seus esforços em locais já consolidados em detrimento da busca pela ampliação da rede de apoio à cultura e ao lazer.

Já na segunda abordagem, podemos exaltar o destemor da juventude em ocupar os espaços centrais da cidade, mesmo que tais espaços não sejam idealizados para suprir suas necessidades, os jovens os reivindicam, os ressignificam e os transformam através de sua presença.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da espacialidade de determinado grupo é algo fluído, que se transforma constantemente, seja por conta do olhar do pesquisador que analisa determinado fenômeno, sob determinado viés, seja por conta da fluidez do próprio fenômeno que sofre constantes interferências e por isso também se modifica. Sendo assim, nenhuma consideração realizada neste estudo tem o objetivo de concluir as possíveis análises deste fenômeno ou esgotar todas as suas perspectivas.

Em Matias Barbosa, assim como em qualquer outra localidade, a juventude se mostrou diversa, com nuances e traços que a tornam única. Em relação a suas condições sociais, verificamos que apesar da maioria dos jovens pertencerem a um núcleo familiar com renda de 1 a 3 salários, a maioria não trabalha, e não sentem-se pressionados a iniciar esse processo para ajudar nas despesas da casa. Isso nos demonstra que apesar das famílias não possuírem uma renda familiar alta, na maioria dos casos eles consideram ser o suficiente para manter a família, possibilitando que esses jovens vivenciem por mais tempo a chamada moratória social.

Sobre a relação dos jovens com a cidade, verificamos que é um tema dúbio entre os entrevistados, que destacaram pontos positivos e negativos em vivenciar a juventude na cidade de Matias Barbosa. Os aspectos positivos estavam relacionados aos serviços públicos, que de acordo com os relatos eram de maior qualidade do que em grandes cidades, e também à baixa incidência de problemas urbanos relacionados à violência. Já os aspectos negativos estavam mais atrelados à questões pessoais, como proximidade excessiva de parentes e vizinhos, que ocasiona uma sensação permanente de vigilância e coibição de suas individualidades.

Quando analisamos a relação dos jovens com a cidade, através das espacialidades estabelecidas por meio de sua busca ao lazer, concluímos que os jovens matienses não estão reclusos em seus bairros, que os mesmos vivenciam o centro da cidade, e ocupam principalmente os seus espaços públicos para desenvolver o lazer. Dessa maneira consideramos que a juventude da cidade de Matias Barbosa seja capaz de experimentar a cidade de maneira ampla, vivenciando a realidade de seu bairro, mas também das áreas centrais. Esse fator está relacionado à escala da cidade, a proximidade dos bairros com as áreas centrais, e com o deslocamento diário em busca de serviços urbanos que se localizam no centro da cidade. Essa realidade gera nos jovens uma visão

coletiva de pertencimento, onde o centro da cidade e os principais espaços públicos são vistos de fato como espaços coletivos e democráticos.

Através da análise desse diferencial na relação dos jovens com a cidade, acreditamos que no caso de Matias Barbosa devemos analisar a espacialidade dos jovens em sua busca ao lazer através do conceito de lugar, que nos remete à noções de familiaridade e pertencimento, e também através do conceito de território, pois verificamos que a juventude matiense não ocupam os espaços da cidade timidamente, verificamos que em Matias Barbosa os jovens “tomam o espaço para si”, através do poder que lhes é ofertado através da força de mobilização desse grupo e na capacidade de dialogar com o poder público em busca de criar alianças que viabilizem e legitimem suas ações. A proximidade da população com os agentes públicos como prefeito, vereadores, e servidores públicos municipais, faz com que o diálogo seja próximo, facilitando as reivindicações por parte da população, incluindo os jovens.

Comumente retratamos os jovens através da fragilidade de seus corpos e dependência de suas ações, mas nos deparamos com jovens que entendem quais são os direitos e reconhecem a sua força. Apesar de constatarmos que os principais eventos lazer e a cultura ainda sejam ofertados pelo poder público municipal, verificamos também que os jovens da cidade se organizam para criarem seus próprios eventos e momentos de lazer.

Embora considerarmos que a autonomia e mobilização dos jovens de Matias Barbosa seja algo positivo, destacamos a necessidade de ampliação de políticas públicas voltadas ao lazer e cultura, para que cada vez mais jovens tenham acesso à espaços e eventos de lazer, possibilitando que novamente esse conceito deixe de ser visto como um privilégio, e passe a estar presente no cotidiano e nas vivências da juventude, contribuindo para a sua formação social e cultural.

Referências bibliográficas

ABRAMO, H; SALLES SOUTO, A. L. **Juventudes Sulamericanas: diálogos para a construção da democracia regional**; relatório final-Brasil. Libro de las juventudes Sudamericanas, 2009.

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G.. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Ministério da Educação (MEC), 2007.

_____.;CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. UNESCO, Representação no Brasil, 2006.

ALVES, J. E. D.; VASCONCELOS, D. S.; ALVES DE CARVALHO, A. **Estrutura etária, bônus demográfico e população economicamente ativa no Brasil**: cenários de longo prazo e suas implicações para o mercado de trabalho. Texto para Discussão, 2010.

ATLAS BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/matias-barbosa_mg. Acesso em: 8 de set. 2020

BARBOSA, J L. Cidade e Território: desafio da reinvenção da política do espaço público. **O novo carioca. Mórula Editorial, Rio de Janeiro**, p. 69-73, 2012.

BARBOSA-PEREIRA, A. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. **RLCSNJ**, 2016.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRASIL. Estatuto da Juventude (2013). **Estatuto da juventude : atos internacionais e normas correlatas**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P.. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**, p. 29, 2005.

CALDEIRA, T. P. R. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. **Novos estudos CEBRAP**, n. 98, p. 13-20, 2014.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros**. Governo Federal, p. 73, 2009.

CASSAB, C. A cidade como espaço público: uma interpretação pautada na fala dos jovens. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 9, n. 20, 2010.

_____. O Jovem como sujeito e a cidade que ensina. **In: XIII ENANPEGE A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO: produção, circulação e**

apropriação do conhecimento. São Paulo 2019. Disponível em:
[https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1561500204_ARQUIVO_Textoenanpege2019\(1\).pdf](https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1561500204_ARQUIVO_Textoenanpege2019(1).pdf) Acesso em: 18 mai.2020

_____. Os jovens e suas mediações espaço temporal: a cidade e os projetos de vida. In: Flávia Maria de Assis Paula; Lana de Souza Cavalcanti; Lucineide Mendes Pires. (Org.). **Os jovens e suas espacialidades.** 1ed. Goiania: Espaço Acadêmico, 2016, v. 1, p. 10-.

_____. Refazendo percursos: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil. **Revista Perspectiva,** Erechim: URI, v. 34, n. 128, p. 39-51, 2010.

CASTRO, J. A.; AQUINO, L. **Juventude e políticas sociais no Brasil.** Texto para discussão, 2008.

CASTRO, M. G.; ABROMOVAY, M. Juventudes no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas. In: **Primer Congreso da Associação Latino Americana de População, ALAP, Caxambu, MG.** 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online),** v. 15, n. 3, p. 5-12, 2011.

COSTA, B. M. F.; BARROSO, V.S. Mapas Vivenciais e a pesquisa com crianças. **Educação em Foco,** p. 989-1006, 2018.

DA SILVA, D. F.; DA SILVA, J. C. G. “Rolezinhos”: sociabilidades juvenis, discriminações e segregação urbana. **PENSATA | Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP.** Vol. 3, n. 2, ano 4. 2014.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade,** v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e pesquisa,** v. 28, n. 1, p. 117-136, 2002.

_____. Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. **Belo Horizonte: Mazza,** 2016.

DE FARIA, L. S. P. Os rolezinhos e as metamorfoses do urbano no Brasil contemporâneo. **Anuário Antropológico,** v. 42, n. 2, p. 239-266, 2017.

Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. **Todas as palavras de A a Z.** Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/juventude/>. Acesso em: 08.mai.2020

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M.. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade,** p. 21-56, 2007.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANÇA, V.V.; DORNELAS, R. No Bonde da Ostentação. O que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira?. **Revista ECO-Pós**, v. 17, n. 3, 2014.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIOVANINI, R. R. **Regiões em movimento. Um olhar sobre a Geografia Histórica do Sul de Minas e da Zona da Mata Mineira (1808-1897)**. 204f. - Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

GIOVANINI, R. R.; MATOS, R. E. S. Geohistória Econômica da Zona da Mata Mineira. In: **XI SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA**, Anais. Ouro Preto, 2004.

GOMES, C. M. Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil: breve trajetória histórica. **Seminário Lazer em Debate**, v. 9, 2008.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.

_____. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em tese**, v. 12, n. 1, p. 4-33, 2015.

GUIMARÃES, G. G.; GRINSPUN, MPSZ. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. **Anais da 31ª Reunião Anual da Anped**, 2008.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas sociais**, n. 29, p. 73-89, 2012.

IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Geociências. Coordenação de Geografia. **Arranjos populacionais e concentrações urbanas no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Geociências. Coordenação de Geografia. **Regiões de influência das cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Geociências. Coordenação de Geografia. **Produto Interno Bruto dos Municípios: 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE CIDADES**. Disponível

em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/matias-barbosa/panorama>>. Acesso em: 17.jul.2020.

_____. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação** (IBGE, 2022).

INSTITUTO ESTRADA REAL. **Estrada Real Uma estrada, seu destino**. Disponível em: <http://www.institutoestradaeal.com.br/estradaeal#>>Acesso em:15 de ago. 2020

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Editora Nova Alexandria,1999.

LIMA, M. G. et al. As práticas de lazer e sociabilidade juvenis associadas ao funk em Presidente Prudente/SP. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 2017-10, 2017.

MAIA, R. C.M. **Sociabilidade: apenas um conceito**. Textos de Cultura e Comunicação, Salvador, v. 42, p. 22-43, 2001.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**. Autores associados, 1996.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. **O espaço da diferença**. Campinas: Papiрус, p. 176-185, 2000.

_____. **Pelo Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p

MENOIA, T. **Lazer: História, conceitos e definições**. Monografia apresentada à Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criativamente. **Petrópolis (RJ): Vozes**, 2007.

MOREIRA, R. Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. **Análise social**, p. 139-165, 1990.

_____. Lazer e sociabilidades juvenis—um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, p. 591-644, 1990.

PAULA, F. M. de A. Juventudes e cidades: uma leitura espacial. In: Flavia Maria de Assis Paula; Lana de Souza Cavalcanti; Lucineide Mendes Pires. (Org.). **Os jovens e suas espacialidades**. 1ed.Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016, v. 1, p. 00-00.

PENSATA | Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP. Vol. 3, n. 2, ano 4. 2014. Semestral. ISSN: 2237-678X.

PEREIRA, A. B. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologia da informação e da comunicação. **Revista Estudos Culturais**, v. 1, n. 1, 2014.

- PIRES, L. M. **Os jovens em busca do direito à cidade: os espaços públicos em questão.** In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza;
- SANTOS, M. **Espaço & Método.** São Paulo: Nobel, 1988a. (Coleção espaço). São Paulo: Difel, 1983.
- SILVA, S.B de M. Cidades pequenas e médias: reflexões teóricas e aplicadas. **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso.** Salvador: SEI, p. 93-108, 2010.
- SILVA, V. A. **Condomínios Empresariais: o caso do Park Sul em Matias Barbosa/MG.** 2017. Monografia. (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- SIMMEL, G. **Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal.** São Paulo: Ática, p. 165-181, 1983.
- SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo social*, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, 1993.
- TOLEDO, J. A. C.; CASSAB, C.; DE OLIVEIRA F. K.; REZENDE, R. P. Juventudes e lazer na cidade de Juiz de Fora. In: **Terceira Jornada de Ciências Sociais UFJF**, 2014, Juiz de Fora. Cidades em movimento, 2014.
- TSCHOKE, A; RECHIA, S. O lazer das crianças no bairro Uberaba em Curitiba:a dialética entre os espaços de lazer e a problemática urbana na periferia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 2, 2011.
- TURRA NETO, N.. Relações entre Sociabilidade Juvenil e Mercado da Diversão Noturna em Cidades Médias. In: Flávia Maria de Assis Paula; Lana de Souza Cavalcanti; Luineide Mendes Pires. (Org.). **Os Jovens e suas Espacialidades.** 1a.ed.Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016, v. 1, p. 359-377.
- _____. **Trajetórias juvenis em Guarapuava**, Múltiplas. Territórios e redes de sociabilidade. 2008. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual Paulista–UNESP, Presidente Prudente.
- VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos avançados**, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011

APÊNDICE A

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA



INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA

Instrumentos de coleta de dados da pesquisa (questionários, formulários, entrevistas, roteiro e outros)

I. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Instrumentos de coleta:

1. Coleta bibliográfica: livros ,publicações periódicas (jornais e revistas), documentos eletrônicos e impressos diversos.

II. PESQUISA DOCUMENTAL

1. **Instrumentos de coleta:**
2. Coleta documental: documentos oficiais, reportagens, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações,relatórios de pesquisa, tabelas estatísticas,registros institucionais.

III. PESQUISA DE CAMPO:

Instrumentos de coleta:

1. Observação:
 - **Segundo a participação do observador**: Participante(participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo)
 - **Forma de participação**: Artificial (o observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações).
 - **Forma de Observação**: Não Estruturada (categorias gerais e abertas; liberdade de observação).

IV. PESQUISA DE LEVANTAMENTO:

Instrumentos de coleta:

1. Entrevista Estruturada: Questionário

Nome: _____ Idade: _____

Em que cidade/estado você nasceu? _____

Qual bairro você mora? _____

Estado civil: () solteiro () casado

Você tem filhos? () Não () Sim. Quantos? _____

Você mora com quantas pessoas? _____

Qual é a faixa salarial da sua família? Obs: 1 salário é R\$1045,00

() 1 salário () 2 salários () 3 salários () 4 salários () Mais de 4 salários

Você pratica alguma atividade remunerada? () Não () Sim Qual? _____

Você ajuda nas despesas de sua casa? () Não () Sim Como? _____

Com qual idade você começou a trabalhar ou pretende começar a trabalhar? Porquê?

Qual é a sua religião? _____

O que você faz em suas horas vagas?

Quais as três primeiras palavras que vêm à tua mente quando pensa em “Matias Barbosa”?

_____, _____, _____

Quais são os 3 espaços de lazer que você mais frequenta em Matias Barbosa?

Quais são os fatores que dificultam o seu acesso ao lazer?

Em sua opinião, quais as principais vantagens de morar em Matias Barbosa?

Em sua opinião, quais as principais desvantagens de morar em Matias Barbosa?

O que tornaria melhor a vida dos jovens em Matias Barbosa?

Qual é o teu espaço de lazer público preferido em Matias Barbosa? Porquê?

Em relação a festas/baladas, qual o teu espaço preferido em Matias Barbosa?

Como se dá o teu relacionamento com as pessoas?

() maior parte na escola

() maior parte na internet

() maior parte na rua/bairro/condomínio

() maior parte na família

- () outro. Qual? _____
 Você tem contato com jovens de outras regiões?
 () Sim () Sim, mas apenas pela internet () Não
 Quais estilos de música você mais gosta?
-

Quais mídias sociais você mais utiliza?

- () Instagram () Facebook () Twitter () YouTube () Tik Tok
 () outros Quais? _____ () nenhuma

Quais canais ou plataformas você mais assiste?

- () Globo () SBT () Record () Band () Netflix
 () GloboPlay () Amazon () outros Quais? _____ () nenhum

Você faz parte de algum grupo cultural? (música, dança, teatro)?

- () Não () Sim Qual? _____

Complete as frases:

Minha cidade é _____

Minha cidade não é _____

Minha cidade tem _____

Minha cidade não tem _____

O que é juventude para você?

Você se considera jovem? Por que?

Como é ser jovem em sua cidade?

REGISTRO DA ENTREVISTA: TOMAR NOTAS

2. Entrevista Semiestruturada: Roteiro

As entrevistas semiestruturadas terão eixos de abordagens e discussões, que estão inseridos no roteiro abaixo:

- Primeira parte: Conceito de juventude e de lazer
- Segunda parte: Acesso de jovens a espaços de lazer.
- Terceira parte: Organização e Espacialização dos jovens.
- Quarta parte: Relações que os jovens desenvolvem com os espaços de lazer.
- Quinta parte: Considerações e finalização.

REGISTRO DA ENTREVISTA: TOMAR NOTAS

V. PRODUÇÃO DE MAPAS VIVENCIAIS:

Instrumentos de coleta: Não se aplica.

Os dados referentes essa etapa serão extraídos das entrevistas estruturadas e semiestruturadas.

APÊNDICE B:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **Juventude e suas práticas de lazer na cidade de Matias Barbosa-MG**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a **busca pela compreensão das práticas de lazer adotadas por jovens da cidade de Matias Barbosa-MG**. Nesta pesquisa pretendemos **analisar a relação do jovem com a cidade, centrando-se na compreensão das espacialidades estabelecidas pelos jovens matienses através da busca pelo lazer**.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você **“entrevistas sobre os espaços de sociabilidade que você frequenta, e as maneiras que dispõe para desenvolver o lazer”**. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: **“Riscos de exposição dos participantes”**. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **“garantimos o sigilo sobre a identificação dos participantes, o anonimato das informações adquiridas e a interrupção ou cancelamento das entrevistas caso se faça necessário”**. A pesquisa pode ajudar **“a destacar a importância do lazer para o pleno desenvolvimento social dos jovens, evidenciando as diversas dinâmicas socioespaciais contidas nas práticas de lazer e de sociabilidades, que contribuem para a construção de um espaço urbano inclusivo, capaz de produzir cidadania e dignidade para a população jovem”**.

Para participar desta pesquisa, você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Matias Barbosa, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do (a) Participante

Assinatura da Pesquisadora

Nome do Pesquisador Responsável: Vanely Andressa da Silva
Campus Universitário da UFJF
Faculdade/Departamento/Instituto: Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geociências
CEP: 36036-900
Fone: (32)99929-5058 Whatsapp: (32)99115-9329
E-mail: vanely.geografia@gmail.